

Ana Cláudia Fonseca [Brefe 745]

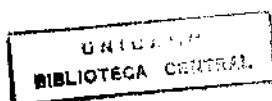
**A CIDADE INVENTADA: A PAULICÉLA CONSTRUÍDA NOS
RELATOS MEMORIALISTAS (1870 - 1920)**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Departamento de
História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da UNICAMP sob
orientação da Profa. Dra. Luzia
Margareth Rago†

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação ou tese
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 22/12/93

Luzia Margareth Rago

Campinas, novembro de 1993



À memória de Helen
que me ensinou a gostar
dos labirínticos lugares
da memória paulistana

Gostaria de agradecer a Margareth Rago, minha orientadora, que vem me acompanhando desde a graduação e do meu primeiro projeto acadêmico - de Iniciação Científica -, quando a idéia do que é um trabalho acadêmico era, ainda, bastante vaga para mim. Sou também muito grata ao professor Edgar De Decca, sempre com uma preciosa "dica" historiográfica para me passar.

Nos caminhos e descaminhos da pesquisa foi fundamental a participação e dedicação das bibliotecárias da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, especialmente a Priscila, a Muriel e a Carminha - do setor de obras raras -, que se desdobraram para achar alguns dos "meus memorialistas", empacotados entre os milhares e milhares de volumes guardados durante a reforma, em 1992 e início de 1993.

O apoio financeiro da CAPES, nos dois primeiros anos, e da FAPESP, neste último, foi indispensável para que eu pudesse me dedicar inteiramente à pesquisa e à dissertação.

À Cristina Meneguelo, amiga e companheira de tantos anos, sempre com um "discurso" carinhoso, me pondo para cima e me empurrando para frente nos momentos de desânimo profundo - que não foram poucos -, gostaria de registrar minha mais sincera gratidão; sem a sua presença as coisas teriam sido bem mais difíceis... Agradeço, também, à Iara Lis Souza pelo companheirismo, pelo apoio moral e pela leitura cuidadosa de algumas das versões da dissertação.

Por fim, com carinho especial, queria dizer que sou profundamente grata ao Celso, Marlene, José, Carlos e Adriana que me acompanharam de perto, nestes últimos anos, em meus altos e baixos, nas dores e prazeres que o Mestrado envolve.

SUMÁRIO

NOTAS PRELIMINARES	01
A Invenção da Cidade	01
Sobre as Fontes: Definindo o Memorialismo	05
O Percorso da Dissertação	10
CAPÍTULO 1. A TECITURA DA MEMÓRIA NOS RELATOS MEMORIALISTAS	12
CAPÍTULO 2. RELATOS MEMORIALISTAS: UMA TOPOGRAFIA URBANA	46
Os limites da cidade	46
O Triângulo Central e seus arredores: o centro irradiador do progresso	55
A marcha para os arrabaldes	72
A Cidade Boêmia: o lazer paulistano concentrado na região do Triângulo Central	89
CAPÍTULO 3. PROGRESSO E TÉCNICA: A CIDADE CONSTRUÍDA SOB UM IDEAL	100
O progresso e a edificação de uma nova cidade	100
João Teodoro: o marco original da modernidade paulistana	112
A Raça Paulista: a semente do progresso paulistano	122
Novidades da técnica no território paulistano: a materialização do progresso	128
EPÍLOGO: A CIDADE INVENTADA	142
FONTES	144
BIBLIOGRAFIA	147

A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante de minha infância. O que busco nele na verdade, é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenavam como uma palavra. A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-lo de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar; porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo.

Walter Benjamin,

Infância Berlinense

por volta de 1900

NOTAS PRELIMINARES

A Invenção da Cidade

A narrativa memorialista de São Paulo é constituída por relatos sobre a cidade realizados por observadores que procuraram preservar sua memória, esperando que através dela o passado pudesse ser conservado em sua essência. Esse esforço contribuiu intensamente para a caracterização de São Paulo como metrópole moderna. Os relatos memorialistas narram a história da capital paulistana desde a sua fundação até o século atual, mas fixam-se, sobretudo, nas últimas décadas do século XIX (a partir de 1870) e no início do século XX (principalmente as duas primeiras décadas).

Nesse período demarcado, a cidade aparece nas memórias transfigurando-se em ritmo febril, de modo que suas características seculares, seus traços mais comuns desaparecem em uma sucessão, na qual rapidamente se troca o definitivo pelo provisório, o certo pelo incerto. Fica patente a imagem do novo sobrepondo-se ao velho na tecitura de tramas inéditas, que tornam a paisagem citadina um lugar pouco familiar aos seus desavisados habitantes. Por isso se fez necessário encontrar as causas desse processo, as linhas de articulação que permitissem situar-se nesse novo terreno e, também, justificar os novos rumos do desenvolvimento urbano. Desse modo, o eixo central que orienta os relatos memorialistas é a preocupação em dar conta das múltiplas mudanças pelas quais a cidade passava. Pode-se dizer que esses relatos, ao investirem intensamente na caracterização e descrição da São Paulo da virada do século XX, inventam e reinventam

continuamente o espaço urbano, dotando-o de símbolos, marcos e identidade.

A cidade de São Paulo, enquanto ponto de convergência de múltiplas intervenções e apropriações materiais e simbólicas, é lugar de investimento de vários discursos e práticas - sociais, culturais, políticas, etc. - que ao voltarem-se para ela produzem diversificadas imagens, muitas vezes contrastantes. A narrativa memorialista é apenas uma entre as muitas percepções que particularizam esse complexo território. É justamente essa narrativa, tantas vezes citada na historiografia que aborda a cidade de São Paulo, que se pretende privilegiar aqui.

Posto isso, é fundamental salientar que esse trabalho busca realizar uma desmontagem do discurso memorialista, mostrando que a trama narrativa por ele composta constrói o espaço urbano paulistano como um objeto empírico a ser detalhadamente descrito. Procura-se, nesse caso, percorrer a produção desse discurso, problematizando-a, já que no interior de uma *história-problema* - como bem definiu Michel Foucault - não se trata de entender o discurso como a representação de um objeto pré-existente e nem enquanto criação de um objeto inexistente. É preciso *"estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção como acontecimento; nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido, bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância."*¹ O discurso não é, portanto, reflexo do real, mas uma prática, sendo que *"as práticas*

¹ Foucault, Michel. **A Arqueologia do Saber**, Lisboa, Editora Vozes, 1972, pág. 36

discursivas instituem figuras sociais, constroem identidades e objetivam o fato histórico, dando-lhe visibilidade e imprimindo-lhe um sentido determinado".²

A invenção da cidade de São Paulo no - e pelo - discurso memorialista se faz através da construção da memória. Ao tecer sua teia narrativa, esta enfatiza lugares e aspectos urbanos que melhor possam defini-la como local do progresso e da modernidade. Se o movimento dos relatos vai no sentido de definir a Paulicéia como uma metrópole moderna, este trabalho vai em sua contramão, procurando desmontar as tramas discursivas compostas pelos memorialistas ao produzirem essa imagem. Com isso é importante salientar que o documento não é tomado, aqui, como um vestígio ou como um mero reflexo do real, ou mesmo enquanto fala que resgata o passado e possibilita reconstruí-lo fielmente. Ele é tecido a ser recortado, ordenado e elaborado pelo trabalho do historiador.³ Desse modo, é fundamental destacar que os relatos memorialistas são pensados, nesse trabalho, tanto nos aspectos que expõem, repetem, enfatizam, quanto problematizados

² Rago, Margareth, "As Marcas da Pantera: Foucault para Historiadores", in **Resgate; revista de cultura do Centro de Memória**, UNICAMP, 1993, n. 5, pág. 28

³ Foucault, Michel. **op. cit.** Numa linha de pensamento paralela a essa Roger Chartier observa que os vários escritos literários - buscam repensar a idéia de social identificado com o real e de representações como um reflexo ou desvio deste. Segundo ele, é preciso atentar para o fato de que "as estruturas do mundo social não são um dado objetivo tal como não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras". Cf. Chartier, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**, Rio de Janeiro, Difel, 1990, pág. 27

nos seus profundos silêncios e lacunas, já que esses também fazem parte da invenção e reinvenção da cidade.⁴

Na interação das múltiplas repetições e das significativas brechas do discurso, a cidade é entendida aqui como Edgar De Decca a define, ou seja, ela é *"aquilo que as pessoas vivem enquanto experiências individuais ou 'coletivas, aquilo que acaba sendo gravado na memória e que a linguagem é capaz de instituir através de um intrincada relação entre sensações, sentimentos e coisas"*.⁵

⁴ Como bem lembra Paul Veyne, os documentos são uma forma indireta, incompleta e lateral de se "observar" o passado. Este é um conhecimento mutilado que só pode ser construído a partir daquilo que os documentos nos oferecem e também através das profundas lacunas que ele abre. "A familiaridade que nós temos com o passado é como aquela que temos com os nossos avós; eles existem em carne e osso, de modo que os dias passam e não pensamos nunca que a sua biografia, que ignoramos quase inteiramente, é povoada de acontecimentos tão apaixonantes como a nossa e não se reconstrói à risca". Cf. Veyne, Paul. **Como se Escreve a História**, Lisboa, Edições 70, 1983, pág. 30

⁵ De Decca, Edgar. "Os Muitos Modernismos" in **História: Questões e Debates**, Curitiba - APAH, n. 20/21, dez 1990

Sobre as Fontes: Definindo o memorialismo

O gênero memorialismo - ou *memórias* - apareceu pela primeira vez na França medieval, tendo como precursores os cronistas Jean de Joinville - fins do século XIII e - Jean Frossart - século XIV. No verbete *Memórias* da Enciclopédia Mirador, encontra-se a seguinte definição: "*As memórias constituem um gênero literário caracterizado pelo registro de fatos e acontecimentos que, organizados em uma ordem cronológica não muito rígida, estruturam como que uma história sobre o assunto do conhecimento pessoal do autor ou que guarde relação com suas fontes particulares de informação*".⁶ Nesse sentido, pode-se dizer que o memorialista realiza uma crônica biográfica de uma época, de um momento histórico, ou ainda, de uma sociedade qualquer em que a narrativa e a abordagem das temáticas são definidas e centradas em seu próprio ser. É, portanto, através de sua narração que "*o autor expõe e comenta fatos e episódios de que ele próprio participou ou dos quais teve conhecimento situacional rico de pormenores*".⁷

Entre os autores que se dedicaram a este tipo de relato, destacam-se duas figuras importantes: o Conde de Richelieu - cujas memórias abrangem o período de 1600 a 1638, sendo consideradas um documento histórico imprescindível àqueles que estudam aquela época, - e Saint-Simon - que aborda em suas memórias vários episódios do reinado de Luís XIV. A obra deste último é considerada como o momento em que o

⁶ **Enciclopédia Mirador Internacional**, Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações Ltda, São Paulo/ Rio de Janeiro, 1987, pág. 7463

⁷ Idem. **Ibidem**, pág. 7463

memorialismo ganha contornos bem delimitados e passa a influenciar boa parte da produção literária francesa posterior, sobretudo, a obra de Honoré de Balzac e Marcel Proust.⁸

No Brasil, segundo Ernani da Silva Bruno - um dos mais importantes memorialistas da cidade de São Paulo e estudioso de sua história -, a memorialística começou a se desenvolver somente no século XX, ganhando força a partir de 1930. Desse momento em diante, os livros de memórias tornaram-se mais comuns no cenário brasileiro, sendo assinados por poetas, romancistas, críticos e ensaístas como Oliveira de Lima, Graça Aranha, Oswald de Andrade, Humberto de Campos, Júlio Belo, Pedro Nava, Di Cavalcanti, ou ainda por "ilustres desconhecidos".⁹ De acordo com Bruno, muitas destas narrativas se fizeram clássicas dada a fartura de dados documentando épocas e regiões brasileiras, com uma enorme riqueza de detalhes. Este mesmo autor afirma que se fosse possível encadear ou fundir todos os relatos memorialistas em um único texto, este *"poderia se converter na história da gente brasileira. Ou, na história de parte dela. Porque, infelizmente, das épocas passadas, só ficaram os depoimentos de pessoas pertencentes a famílias ricas ou remediadas, de longos e sonoros sobrenomes, cujos testemunhos revelam por isso apenas o verso da medalha. O reverso mostraria o que foi a vida brasileira do ponto de vista dos trabalhadores, dos desprotegidos, das classes 'menos favorecidas'. E dos antigos*

⁸ Idem. **Ibidem**

⁹ Bruno, Ernani da Silva. **Almanaque de Memórias: reminiscências, depoimentos, reflexões**, São Paulo, Hucitec, 1986

*escravos. Mas esses não puderam escrever suas memórias. Suas amargas memórias".*¹⁰

Em relação aos memorialistas paulistanos, que são a fonte privilegiada por esse trabalho, é necessário, de início, salientar alguns pontos. Nos relatos estudados, observa-se que o memorialista aborda o passado como um objeto transparente que ele enxerga por inteiro. Por isso, ele acredita ser capaz de abarcar a totalidade do passado, através de sua narrativa, e de contá-lo em sua verdade absoluta e definitiva. Os relatos são, portanto, muito descritivos - tentando abranger pequenos detalhes e dar conta do maior número de fatos possíveis -, como também profundamente afetivos. Nota-se, nesse caso, uma oscilação entre o meramente descritivo e a emoção de lembrar de momentos felizes e amigos queridos, o que fica evidenciado na adjetivação muitas vezes exagerada dos espaços descritos: *"velho e querido Castelões"*, *"formosa e garbosa avenida São João"*, *"saudoso Politeama"*, *animada rua 15 de Novembro*". Apesar de pretenderem realizar uma descrição objetiva da cidade, onde o progresso e o desenvolvimento rápido sejam vigorosamente aclamados, o tom saudoso das recordações acaba por trair a idéia original. Além disso, o caráter seletivo de suas memórias é um dos aspectos mais evidentes da narrativa, na qual alguns espaços são enfaticamente descritos - como é o caso do Triângulo Central e seus arredores - enquanto outros lugares são deliberadamente omitidos ou citados com patente desprezo.

É preciso deixar claro que os relatos memorialistas paulistanos foram publicados em diferentes momentos, ao longo do século XX, sobretudo de 1900 a 1969. Entretanto, todos os

¹⁰ Idem, *Ibidem*, pág. 203

relatos abordados no presente trabalho enfocam a cidade no período que vai de 1870 a 1920. Assim, pode-se afirmar que o território urbano da Paulicéia é inventado pelos primeiros memorialistas que escrevem no início do século, ao definirem sua fisionomia, demarcarem seus limites e enfatizarem suas características e continuamente reinventado pelos relatos posteriores, ao (re)traçarem a mesma fisionomia, delimitarem os mesmos limites urbanos e destacarem as mesmas características paulistanas.

Além de terem sido escritos e publicados em época distintas, os relatos memorialistas paulistanos variam estilisticamente de um autor para outro, pois cada um deles tem uma maneira própria de narrar a história da cidade e uma determinada experiência em relação ao passado. Observa-se também que cada memorialista prioriza certos lugares da cidade e dá destaque a aspectos urbanos diferenciados entre si. Por exemplo, Cícero Marques privilegia a vida noturna e os espaços do lazer; Jorge Americano e Ernani da Silva Bruno traçam um panorama geral do espaço urbano; Afonso Schmidt conta pequenos episódios cotidianos; Paulo Cursino de Moura e Vitor Manoel contam as estranhas e antigas histórias das ruas paulistanas; Afonso Antonio de Freitas se atém às velhas lendas; Lacerda Ortiz fala do esforço e do trabalho da raça paulista, e assim por diante.

Entretanto, o que faz de todos eles *memorialistas paulistanos* é o fato de participarem de um mesmo registro, compartilharem de uma mesma visão da cidade e fazerem um mesmo uso da memória. Para todos eles a memória preserva, guarda, registra, coloca em estado de suspensão as imagens do espaço urbano de outrora. A memória é dotada da capacidade de resguardar o passado - em sua pureza original - do fluxo

ininterrupto do devir que o arrasta, continuamente em direção ao presente. Assim, o desaparecimento dos velhos espaços permeados de tradições centenárias são demarcados através dos relatos memorialistas, que são um conjunto de narrativas que participam da construção e instauração da identidade da cidade de São Paulo do início do século XX. Dessa forma, a Paulicéia antiga registrada e preservada pelo memorialista estaria, em seu ponto de vista, a salvo do esquecimento e da corrosão, incessantemente produzida pela passagem do tempo e pelas mudanças que esse movimento acarreta.

Vale dizer, também, que existe um outro elemento aproximando a maior parte destes autores entre si: quase todos eles cursaram a Academia de Direito, aproximando-se numa formação intelectual comum. Além disso, sabe-se que muitos deles trabalharam como colaboradores nos jornais e revistas paulistanos, o que leva a crer que foram atentos observadores do espaço que habitavam.

Após caracterizar a documentação é necessário apresentar ao leitor os relatos memorialistas particularizados na tese: entre 1900 e 1935 temos as seguintes memórias: *A cidade de São Paulo em 1900: Impressões de Viagem* (1900), de Alfredo Moreira Pinto; *São Paulo Antigo (1554 - 1910)* (1910), de Antonio Egydio Martins; *Tradições e Reminiscências Paulistanas* (1921), de Afonso Antonio de Freitas; *São Paulo de Outrora: evocações da metrópole* (1932), de Paulo Cursino de Moura; *O que é São Paulo* (1932), de Lacerda Ortiz. Na década de 40 destacam-se: dois livros de Cícero Marques, *Tempos Passados* (1942) e *De Pastora à Rainha. Memória* (1944); *São Paulo de meus Amores . Lembrança* (1946), de Afonso Schmidt; *Os Fantasmias da São Paulo Antiga* (1949), de Miguel Milano. Nos anos 50 são publicados: *Histórias e*

Tradições da cidade de São Paulo (1953), de Ernani da Silva Bruno; *Meio Século de São Paulo* (1954), de Miguel Angelo Barros Ferreira; *São Paulo naquele tempo (1895 - 1915)* (1957), de Jorge Americano. E, finalmente, na década de 60, são abordados as obras que se seguem: *São Paulo nesse tempo (1915 - 1935)* (1962) de Jorge Americano; *São Paulo de Antigamente: Histórias Pitorescas de suas ruas* (1962), de Vitor Manoel; *Crônica de Outrora* (1963), de Antonio de Almeida Prado; *Ruas e Tradições de São Paulo: uma história em cada rua* (1965) de Gabriel Marques; *Belenzinho, 1910* (1966) de Jacob Penteado; *São Paulo de nossos Avós* (1969), de Raimundo Menezes. Valemo-nos, também, do livro de memórias de Oswald de Andrade, *Um Homem sem Profissão. Sob as Ordens de Mamãe*, que - apesar de se diferenciar dos relatos memorialistas na sua composição narrativa, contém interessantes passagens referentes à São Paulo do início do século XX e, por isso, é usado aqui.

Gostaria, ainda, de salientar que além dos relatos memorialistas foram utilizados, nesse trabalho, alguns álbuns e publicações comemorativas que se referem à cidade de São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX. Esses documentos - encontrados quase que "por acaso" enquanto vasculhávamos os fichários da Biblioteca Mário de Andrade em busca dos memorialistas paulistanos - nos forneceram importantes descrições da Paulicéia daquele momento e, inclusive, aspectos urbanos paulistanos que, em muitos casos, se aproximam das abordagens memorialistas.

O Percurso da Dissertação

Por fim, é importante pontuar cada um dos capítulos delimitados nesse trabalho. No primeiro, procura-se destacar como

opera e se constitui a memória nos relatos memorialistas, mostrando também que ela se torna através da obra de diferentes autores - entre eles, Walter Benjamin, Maurice Halbwachs e Henri Bergson -, um importante campo de investigação sobre o homem e o seu passado, a partir do século XIX. Pretendeu-se apontar, ainda, que desse período em diante, a memória passa a ser objeto da história.

No capítulo seguinte, mergulha-se profundamente no discurso memorialista paulistano, procurando dar ênfase ao traçado de uma topografia urbana para São Paulo, delineada por este discurso, em que certos lugares da cidade são privilegiados e outros sabiamente esquecidos. Isso indica que, através de uma memória que seleciona o que deve ser lembrado ou esquecido, eles buscam cristalizar certos aspectos que possibilitam a caracterização de São Paulo como espaço urbano moderno.

No último capítulo, enfim, enfoca-se a idéia de progresso constituída pelos relatos, nos quais aparece como elemento transformador da ordem estabelecida e da fisionomia urbana de São Paulo que, então, passa a ser vista como uma grande metrópole marcada pelo desenvolvimento rápido e pela modernidade. Como se verá, a perspectiva de um progresso sempre iminente produz uma tensão constante nos relatos, de maneira que a cidade aparece como um território que precisa ser definido.

Com seu perfil transformado pela ruptura com o passado centenário paulistano, torna-se imperativo delimitar os novos aspectos e os novos padrões que permeiam o espaço urbano. Nessa busca de identificações e definições que justifiquem esse novo momento, o progresso aparece como elemento potencialmente investido da capacidade de explicar a transformação e de estabelecer a linha de continuidade entre passado e presente.

*Oh como esqueço e lembro,
como lembro e esqueço
em correntezas iguais
e simultâneos enlaces
Mas como posso, no fim
recompôr os meus disfarces?*

Carlos Drummond de Andrade.

Corpo

CAPÍTULO 1. A TECITURA DA MEMÓRIA NOS RELATOS MEMORIALISTAS

Nas últimas décadas do século XIX - sobretudo a partir de 1870 - e nas primeiras décadas do século atual, São Paulo constitui-se como lugar privilegiado para o olhar memorialista. Ao abordarem a cidade desse período, ela é vista transformando-se profundamente sob o imperativo do progresso, que parecia não encontrar limites que o barrassem. O progresso aparece enquanto materialidade que penetra no espaço urbano mudando seus destinos. Assim, todos os aspectos novos que a cidade ganha - desde a iluminação elétrica até o cinematógrafo -, bem como a nova fisionomia que se delineia - novas ruas e avenidas, novos bairros, construções arquitetonicamente inéditas e melhorias públicas - são tomados como encarnações do progresso. Na tentativa de registrarem a composição do novo território urbano e, ao mesmo tempo, a preocupação em preservar a Paulicéia do passado, imagens do antigo e do novo se sobrepõem nos relatos.

Afonso Schmidt, na obra **São Paulo de meus Amores** mostra que a velha cidade de meados do século XIX - tão inspiradora ao estado de alma romântico - pouco parecia com a São Paulo do limiar do século XX: *"Em 1897, São Paulo já não era a cidade descrita por Álvares de Azevedo: 'Aqui o céu tem névoas. a terra não tem verdura, as tardes não têm perfume. É para desgotar um homem toda a sua vida ver ruínas. Tudo aqui parece velho e centenário.' Nem mesmo a cidade pintada por Castro Alves, anos depois: 'Aqui há frio, mas frio da Sibéria; casas, mas casas de Tebas; ruas, mas ruas de Cartago... Casas que parecem feitas antes do mundo, de tanto que são desertas.'"* Ele reforça o contraste

entre a cidade de meados do século XIX e aquela que se delineia na virada do XX dizendo que *"em 1897, São Paulo já era uma bela cidade. Os trens do Rio de Janeiro chegavam à Estação do Norte, os de Santos e do Interior à Estação da Luz. Os bondinhos de burros trafegavam pelas ruas principais."*

Além disso ele procura indicar que o aspecto da cidade mudou, enfatizando que ela perdeu aquele caráter sombrio e centenário tão apontado pelos românticos, e ganhou uma nova animação urbana, marcada, sobretudo, pelo amplo desenvolvimento da imprensa e pela multiplicação dos lugares de lazer.¹ *"Uma imprensa vivaz, de manhã e de tarde, animava as praças apinhadas de gente. Durante a semana, periódicos brincalhões como "A Vida de Hoje" de Adolfo Araújo, "O Morcego", de Júlio Ramos, circulavam pelos cafés, como o América, o Brandão o Java, não sei mais. Quantos teatros tínhamos: o São José, no Largo de São Gonçalo, o Sant'Anna, na hoje Rua 3 de Dezembro e o Politeama, na Ladeira São João, que oferecia programas de variedades com cantores internacionais. E livrarias, como a do Garraux, que fornecia os melhores vinhos. Com certeza, casa de*

¹ Já está posto no pensamento de Condorcet no século XVIII a idéia de que o surgimento e o desenvolvimento da imprensa é um dos indícios de que o progresso - como evolução social e material - se concretiza. Nesse sentido, é interessante notar que o memorialista considera a presença maior da imprensa como um dos fatores de transformação do espaço urbano e das relações sociais. Cf. Condorcet, Antoine-Nicolas. "O Progresso do Espírito Humano" in Gardiner, Patrick. **Teorias da História**, Lisboa, Fundação Caloute Gulbenkian, 1984.

*vinhos onde os eruditos paulistanos podiam adquirir preciosos livros..."*²

Nesse trecho, o que fica mais evidente é que, para o memorialista, parece não haver qualquer traço de semelhança entre a cidade dos "românticos acadêmicos" de meados dos oitocentos e a nova cidade que se edificava com perfis tão demarcadamente modernos. Esta ruptura entre os dois tempos, onde dois espaços absolutamente distintos se contrastam, está presente em todos os relatos de memórias aqui analisados. É justamente esse contraste vislumbrado pelo memorialista que cria a brecha que justifica a escrita desses relatos, pois é preciso registrar as perdas irreparáveis acarretadas pelo correr ininterrupto do tempo e, por outro lado, abarcar as novas experiências que se apresentaram, naquele período, aos desavisados observadores urbanos. O discurso memorialista se propõe a ser uma espécie de elo entre esses dois momentos e, além disso, pretende narrar como a mudança se deu, procurando tanto preservar o passado quanto aclamar o novo e o moderno que emergia na cidade.

Para isso, a recorrência à memória é essencial, já que, operando através da lembrança, possibilita ao memorialista trazer à tona as imagens de um tempo que passou, preservando-as da corrosão do fluxo ininterrupto do devir e das metamorfoses do espaço. O memorialista Cícero Marques, no livro **Tempos Passados**, observa que a memória é como um projetor de cinema que armazena imagens que vem novamente à superfície do tempo - presente - quando o mecanismo da recordação é acionado. O

² Schmidt, Afonso. **São Paulo de Meus Amores: Lembrança**. São Paulo, Brasiliense, 1954, pág. 16; a primeira edição é de 1946

memorialista insiste: *"Eis-me transformado em operador de cinema! Manivelo girando a máquina da memória, e a fita, a princípio emperrada, treme, sinal de que não está bem em foco, mas, de repente, eis que um jorro de luz, projeta na tela branca de meus olhos, coisa estranha, as imagens que eu tanto queria o retorno da viagem empreendida."*³ Nesse sentido, a memória posta em movimento através das imagens lembradas é vista como meio - e até mesmo - instrumento de acesso ao passado para o memorialista. O paralelo com o cinema é eficaz porque remete ao processo de produção da memória realizado nos relatos, no qual - como no filme - o sentido mobilizado na percepção do cenário é a visão, exercício primeiro do qual parte a narrativa.

A observação é o sentido privilegiado pelos memorialistas, pois, através dela, é possível captar e registrar a realidade, armazená-la na memória e, a partir dela, realizar um relato ordenado do espaço. Essa ordenação permite, então, reconstruir a história da cidade. Eles operam, portanto, com a idéia de que são testemunhas oculares do real e, por isso, acreditam estarem realizando uma descrição verdadeira e exata do passado.⁴

³ Marques, Cícero. **Tempos Passados**, São Paulo, Moema ed. Ltda., 1942, pág 14

⁴ A atitude aqui se aproxima à de Tucídides na produção da narrativa da Guerra do Peloponeso, na qual ele opera com a seguinte idéia: porque viu ou porque falou que viu, se está autorizado a narrar o fato tal como aconteceu. Também na Grécia clássica, Heródoto afirma que o testemunho pessoal do historiador é fundamental para a construção do discurso verídico do passado. Segundo Le Goff, é precisamente com Heródoto que o discurso histórico é inventado e a história passa a ter como base a verdade. Cf. Le Goff, Jacques. "História" in **Enciclopédia Einaudi - Memória - História**, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984

No seu livro de memórias sobre São Paulo, Jorge Americano evidencia o valor da observação na escrita da memória. Desse modo ao mostrar, logo no prefácio da obra, como procedeu para escrevê-la, utiliza vários verbos que remetem sempre ao exercício do olhar: *"Quem chega a uma cidade, sente o clima, **olha** os prédios, atravessa as ruas conforme o tráfego o permite. **Observa** o policiamento, os tipos da rua e as coisas que acontecem. **Vê** modas e hábitos, ouve falar de festas e dos visitantes anteriores. Faz relações, entra nas casas, vai a cinemas e teatros. (...) E vai penetrando na sucessão do tempo, na mentalidade do povo, nos seus conceitos sociais, morais e políticos. Foi esse o caminho que segui."*⁵ Fica claro, nessa passagem, que o exercício da observação possibilita o registro do espaço e, nesse sentido, preserva a memória. O ato de observar é, portanto, passaporte de entrada no passado da cidade.

É interessante demarcar que mesmo quando o memorialista não foi ele mesmo testemunha dos fatos que narra, ele utiliza-se de falas e autores que são tomados como tal. É o caso de Ernani da Silva Bruno, que cita vários relatos de memórias tomando-os como descrições precisas do passado, sem qualquer questionamento ou ressalva.⁶ Vale então reforçar que os relatos memorialistas escritos a partir da década de 30 remetem a uma cidade que já havia sido inventada e investida de marcos e lugares simbólicos pelos primeiros memorialistas e por vários outros setores da sociedade - entre eles políticos, sanitaristas,

⁵ Americano, Jorge. **São Paulo Nesse Tempo 1915-1935**. São Paulo, ed. Melhoramentos, 1962, pág. 6 (grifo meu)

⁶ Bruno, Ernani da Silva. **Histórias e Tradições da Cidade de São Paulo**, São Paulo, José Olímpio Editora, 1954; a primeira edição é de 1953

engenheiros, arquitetos etc. - que, nas primeiras décadas do século XX, também intervêm no espaço urbano com a preocupação de caracterizá-lo e defini-lo.. Pode-se dizer, porém, que a atitude em relação a memória é o que aproxima os vários relatos, pois em qualquer um deles ela é vista como meio de reconstruir aquilo que foi, e é objeto de observação no espaço da cidade. A memória opera para eles como uma película cinematográfica, capaz de gravar imagens e revê-las sempre que o mecanismo da recordação é acionado.

Por conseguinte, a observação do cotidiano da cidade e a subsequente descrição da realidade observada dão ao discurso memorialista o estatuto de verdade - empiricamente comprovada - e, dessa forma, identifica-se a memória à história e esta última aos fatos empíricos. Dessa forma, é pertinente afirmar que, nos relatos memorialistas, memória e história são atividades que se sobrepõem, de modo que para o memorialista não há nada que as distinga.

Essa confiança na capacidade da memória de constituir um registro preciso da cidade é enfatizada na obra de Cícero Marques, **De Pastora à Rainha. Memórias**. Nesse trabalho, ele descreve a Avenida São João (e arredores) em seu desenvolvimento ao longo do tempo, até se tornar uma importante artéria paulistana, depositando na memória o poder de reconstruir o passado tal como ele foi. Isso porque, como Jorge Americano, ele vê a memória como um arquivo no qual são gravadas as imagens da cidade captadas através da incessante observação do espaço. Ele declara que nesse livro tentou reconstruir a Avenida São João *"de há 40 anos passados, revivendo casas que não mais existem, exumando episódios da vida rotineira de alguns de seus inúmeros moradores. O próprio título 'De Pastora à Rainha' é uma comparação do que ela foi e do que ela hoje é. Foi na sua humilde origem simples pastora e no fastígio que atingiu, prestigiosa rainha. Não me dei ao*

*afanoso trabalho das pesquisas. Encontrei-as no arquivo da minha memória".*⁷

Se, de fato, os memorialistas não distinguem memória e história, na realidade elas estão muito longe de serem sinônimos ou de confundirem-se; na verdade, em vários aspectos pode-se dizer que são opostas. As diferenças começam nos processos e nos elementos diversos que produzem cada uma delas. A memória é, em grande parte, uma operação afetiva que se alimenta de *"lembranças enevoadas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis à todas as transferências, censuras ou projeções"*.⁸ A história, por sua vez, é uma construção quase sempre *"problemática e incompleta"* daquilo que não é mais; é um trabalho intelectual e laico que analisa, explicita, explica e, assim, fundamenta-se em um discurso crítico.

Elas diferenciam-se, também, por suas naturezas. A memória é vida, *"ela está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e da anamnésia, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível a longas latências e repentinas revitalizações."* Por outro lado, a história é uma representação do passado, delineada pelo olhar do historiador que se debruça sobre os documentos. Por fim, a memória, ao constituir-se como objeto de uma história possível, deslegitima o passado vivido, pois a tradição histórica ortodoxa *"desenvolve-se como exercício regrado*

⁷ Marques, Cícero. **De Pastora à Rainha. Memórias**, São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1944, pág 11

⁸ Nora, Pierre. "Entre Mémoire e Histoire: la problématique de lieux" in **Les Lieux de Mémoire I: La République**, Paris, Gallimard, 1984, pág. XXV

de memória que busca a reconstituição do passado sem lacunas e sem falhas".⁹ Esse é o procedimento dos memorialistas na escrita de seus relatos, já que acreditam que preservar a memória do espaço urbano significa também narrar a história paulistana tal como ela aconteceu.

A maneira pela qual Pierre Nora distingue história e memória se aproxima do pensamento de Maurice Halbwachs. Para este autor, a memória se assenta na vivência dos grupos sociais, de modo que só existe lembrança enquanto houver uma tradição coletiva que a sustente. Para ele a memória é sempre coletiva e se apóia na coesão do grupo, pois ela é uma corrente de pensamento contínuo - de continuidade natural - que retém do passado aquilo que está vivo, ou ainda pode viver na consciência do grupo. Ao contrário da memória, a história é uma compilação de fatos, nomes, datas, dispostos em uma sequência artificial que não remete ao tempo vivido. Segundo Halbwachs, a história tenta restabelecer a continuidade entre presente e passado, mas não consegue recriar as correntes de pensamento coletivo, quando não mais existem os grupos que lhes dêem suporte. Assim, *"a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social"*, ou seja, quando os laços com o passado estão tênues - ou desfeitos - devido à ausência de testemunhas vivas que possam manter as lembranças.¹⁰

⁹ Idem. *Ibidem*, págs. XIX-XX

¹⁰ Halbwachs, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Editora Vértice, 1990, pág. 80

No contexto em que os memorialistas escrevem - ou seja, onde os antigos referenciais não encontram mais ressonância e novas visões são forjadas -, a preocupação com a memória é uma recorrência quase inevitável. Ela é vista como possibilidade de registro do espaço que está se transformando sob as diretrizes do progresso. De uma maneira mais precisa, pode-se dizer que a memória paulistana construída nos relatos pretende dar conta de dois movimentos sucessivos. Primeiramente, ela destaca-se como meio de resgate e preservação de um tempo que rapidamente apaga suas marcas - ela é guardiã da origem e da tradição. Em segundo lugar, ela aparece como elemento que se projeta para o futuro, pois ao constituir-se caminha do passado ao presente, assinalando cada nova característica e cada nova experiência. Nesse caso, porém, ela une os dois tempos em uma trajetória, única e linear, na qual o passado paulistano aparece como causa direta do amplo desenvolvimento urbano da cidade, no presente e no futuro.

Segundo Halbwachs, no momento em que se pretende materializar a memória na forma de escrita, tentando restabelecer o seu movimento natural, já se tem um indício de que a memória coletiva e suas tradições estão desaparecendo. *"Se a condição necessária, para que haja memória, é que o sujeito que se lembra, indivíduo ou grupo, tenha o sentimento de que busca suas lembranças num movimento contínuo, como a história seria uma memória, uma vez que não há uma solução de continuidade entre a sociedade que lê esta história, e os grupos testemunhas ou atores, outrora, dos fatos que ali são narrados?"*¹¹

¹¹ Halbwachs, Maurice. *op. cit.*, pág. 81

Os relatos memorialistas e o próprio investimento sobre a memória da cidade de São Paulo se inserem em um campo de interesses mais amplo que se intensifica, sobretudo, a partir de meados do século XIX, quando toda uma época e uma geração são marcadas por uma reflexão sobre a memória, tanto na esfera científica como na literária. Rapidamente podemos citar os trabalhos de Michelet, Proust, Freud, Bergson, Nietzsche, Halbwachs, Benjamin que dedicaram partes significativas de suas obras ao estudo e a especulação a respeito da memória, mesmo que por vias indiretas.¹²

Walter Benjamin, enquanto um autor que privilegia a experiência moderna, é uma referência necessária, especialmente porque buscou perceber quais as lacunas abertas pela modernidade em relação ao passado e à tradição coletiva. Para isso, ele investiu intensamente sobre a memória, como instrumento teórico que apontava caminhos e possibilidades para resolver problemas conceituais e como mecanismo interior que o punha em contato com o universo de sua infância.¹³

Segundo Benjamin, a experiência urbana moderna lança o homem num novo ritmo de vida que faz com que ele perca as referências que o ligam à tradição e à memória coletiva. Para

¹² Le Goff, Jacques. "Memória", *op. cit.*

¹³ Pode-se dizer que a questão da memória está presente de maneira ampla na obra de Walter Benjamin porque ela é um dos elementos constitutivos de sua teoria do urbano. Cf. Benjamin, Walter. "Sobre Alguns Temas em Baudelaire" in **Os Pensadores**, São Paulo, ed. Abril Cultural, 1982; "O Narrador. Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov", in **Obras Escolhidas I**, São Paulo, Brasiliense, 1987; "Infância Berlinense" in **Obras Escolhidas II**, São Paulo, Brasiliense, 1987; entre outras

Benjamin, o homem moderno sofre de "*atrofia da experiência*" - qualidade entendida como um elemento da tradição, como capacidade de encadear acontecimentos e não apenas fixar fatos isolados na lembrança, ou seja, ele refere-se à experiência do narrador, aquela transmitida do velho ao jovem, através da narrativa de uma longa vivência.¹⁴ Assim, em busca da tradição, ou da verdadeira experiência ausente no homem moderno, habitante dos grandes centros urbanos, Benjamin lança mão de autores como Baudelaire, Proust, Bergson, Freud que se voltam para a temática da modernidade e da memória procurando entendê-la e tentando desvendar como ela se preserva nesse novo quadro.

Através da obra de Baudelaire, Benjamin caracteriza o personagem que sintetiza as experiências desse novo momento quando a cidade passa a ser entendida como moderna: **o flâneur**. Ele passeia sem mapas, buscando encontrar-se no fluxo urbano ao qual se entrega embriagado. É guiado pela fantasmagoria do espaço e, dessa maneira, o território urbano, desarticulado e ambíguo, lhe permite diversas interpretações. Diferentemente da experiência do narrador, sua experiência é fragmentada e

¹⁴ Benjamin dedica um artigo à figura do narrador, aquele indivíduo que nas sociedades onde predominava a oralidade era responsável pela perpetuação das tradições, sendo considerado o verdadeiro guardião do passado. Ele mostra que a experiência transmitida pela arte de narrar, ou seja, a memória e as tradições vivas de um grupo, é algo totalmente perdido pelo homem moderno, dominado pelos meios de comunicação de massa: "... o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida." Cf. Benjamin, Walter. "O Narrador", **op. cit.**, pág. 221

desligada de qualquer tradição, de modo que o passo lento, o olhar perdido entre os objetos, a visão rápida e segmentada do mundo determinam seu conhecimento.¹⁵

É interessante notar que, para Benjamin, a questão da preservação da experiência está diretamente ligada à percepção visual e à memória. Por isso, Benjamin recorre à obra de Bergson, **Matéria e Memória** em que ele define a experiência como um conjunto de imagens captadas da realidade que são armazenadas na mente do indivíduo, tornando-se matéria-prima para a constituição das lembranças, ou seja, a experiência consiste em dados acumulados, por vezes inconscientes, que confluem na memória. Para Bergson, a memória se estabelece no indivíduo a partir de percepções corporais, de mediações entre o corpo e o espaço, que em determinados momentos fazem aflorar imagens armazenadas no cérebro. *"Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam*

¹⁵ Benjamin, Walter. "A Paris do Segundo Império em Baudelaire" e "Paris, Capital do Século XIX" in **Walter Benjamin**, São Paulo, Editora Ática, 1985; Sobre o **flâneur** conferir também: Bresciani, Maria Stella. "Século XIX: A elaboração de um mito literário" in **Revista História: Questões e Debates**, Curitiba, APAH, dez 1986; Bresciani, Maria Stella. "Um Poeta no Mercado" in **Trilhas. Revista do Instituto de Artes da Unicamp**, Campinas, 1989, n. 1; Rouanet, Sérgio Paulo. "As Passagens de Paris" in **As Razões do Iluminismo**, São Paulo, Cia das Letras, 1987; Bolle, Willi. "Walter Benjamin: Fisionomista da Metrópole Moderna" in **Occulum - Revista de Arquitetura**, 1985, n. 1; Sevcenko, Nicolau. "Perfis Terríveis em Edgar Allan Poe" in **Revista Brasileira de História**, São Paulo, 1984, n. 8/9

*nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros signos destinados a evocar antigas imagens."*¹⁶

Proust, no livro **Em Busca do Tempo Perdido**, também relaciona a constituição da memória à experiência perceptiva. Ele distingue duas memórias, a voluntária e a involuntária. A primeira se relacionaria à inteligência e, sendo repetitiva e esquemática, pouco conservaria do passado; a segunda, por sua vez, guardaria as impressões que passaram despercebidas pelo consciente e, assim, estaria impregnada pelos traços da situação a partir da qual nasceu, ou seja, do passado.¹⁷

Segundo Benjamin, Freud, também atento ao funcionamento da memória no indivíduo habitante dos grandes centros urbanos modernos, explica que no inconsciente ficam armazenadas, em forma de imagens, todas as impressões não "filtradas" pela consciência, de modo que esta última funciona como anteparo dos indivíduos contra os estímulos cotidianos.

¹⁶ Bergson, Henri. **Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo, Martins Fontes, 1990, pág. 125

¹⁷ No último volume de sua monumental obra **Em Busca do Tempo Perdido**, Proust relata sua experiência em relação à memória involuntária: "Minha memória perdera o amor de Albertine, mas parece existir um memória involuntária dos meubros, pálida e estéril imitação da outra, que lhe sobrevive, como certos animais e vegetais ininteligentes vivem mais que o homem. As pernas, os braços, estão cheios de lembranças embotadas. Uma reminiscência nascida em meu braço me fizera procurar atrás de mim a campainha, como em meu quarto de Paris. E não encontrando, chamava 'Albertine', julgando minha amiga defunta deitada ao meu lado, como fazia às vezes à noite, quando adormecíamos juntos, contando, ao despertar, com o tempo que Françoise levaria a chegar, para Albertine poder sem imprudência puxar a pera que eu não encontrava." Proust, Marcel. **O Tempo Redescoberto**, Rio de Janeiro, Globo, 1988, pág. 12

Walter Benjamin define estes estímulos como "chocs". Nesse caso, a memória voluntária transformaria os "chocs" urbanos em vivência e a memória involuntária, sendo conservadora, teria o caráter de experiência. Por conseguinte, a vivência seria a incorporação de algo exterior ao indivíduo, e a experiência, contrariamente, aquilo que lhe é mais íntimo.¹⁸

No entanto, para Benjamin a sensação moderna do "choc" é a única maneira de preservar a experiência do homem moderno. A incorporação do "choc" significa a vivência do duplo processo da modernidade, a perda e o reconhecimento, que funciona em Benjamin como exercício de presentificação, ou seja, fazer aflorar lembranças que tornem inteligível o momento vivido. Na experiência urbana, marcada pela fugacidade e pelo instantâneo, o reconhecimento aparece como momento único, como "momento de iluminação" quando o fluxo incessante da vida é suspenso e tudo parece dotado de sentido. Segundo Bergson, o reconhecimento faz o contato entre o passado e o presente, ele *"... implica em uma tensão mais ou menos alta da consciência, que vai buscar na memória pura as lembranças puras, para materializá-las progressivamente em contato com a percepção presente"*. Dessa forma, a memória não é uma regressão do presente ao passado, mas um progresso do passado ao presente, pois o presente é aquilo que age e faz agir, e o passado é o que, não agindo mais,

¹⁸ Benjamin, Walter. "Sobre Alguns Temas em Baudelaire" **op. cit.** Conferir também: Bolle, Willi. **Tableaux Berlinoïis (Walter Benjamin e a cultura da República de Weimar)**, Tese de Livre-Docência apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1984; especialmente o capítulo: "O Projeto do Escritor - Cidade e Memória"

toma emprestado a vitalidade de uma percepção presente para atualizar-se.¹⁹

Por conseguinte, não é por acaso que Benjamin constrói sua teoria do urbano baseada, em parte, na idéia de presentificação do passado de Bergson. É através da possibilidade de "iluminação" do passado que Benjamin estabelece sua teoria da história.²⁰ A experiência do "choc" traz a possibilidade de viver um momento de iluminação no qual fragmentos esparsos do passado podem ser captados e detidos. Na Tese 5, de sua *Filosofia da História*, ele diz o seguinte: *"A verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar como uma imagem que relampeja, no momento em que é reconhecido."*²¹ Com isso, o passado poderia ser redimido, pois a história que, segundo Benjamin, perpetua a tradição dos opressores e apaga a dos oprimidos, poderia ser transformada. Nesse momento de iluminação se estabelece uma quebra do **continuum** da história

¹⁹ Bergson, H.. *op. cit.*, pág. 195

²⁰ A idéia de iluminação também se molda no pensamento de Benjamin a partir da influência do judaísmo e da forma complexa pela qual o tempo, nele, é pensado. Benjamin fala que: "Certamente os adivinhos que interrogavam o tempo para saber o que ele ocultava em seu seio não o experimentavam nem vazio nem homogêneo. Quem tem em mente este fato, poderá talvez ter uma idéia de como o tempo é vivido na rememoração: nem vazio, nem homogêneo. Sabe-se que era proibido aos judeus investigar o futuro. Ao contrário, a Torá e a prece se ensinam na rememoração. Para os discípulos a rememoração desencantava o futuro, ao qual sucumbiam os que interrogavam os adivinhos. Mas nem por isso o futuro se converteu para os judeus num tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias." Cf. Benjamin, Walter, "Apêndice 2 - Sobre o Conceito de História" in *Obras Escolhidas I*, São Paulo, 1987, pág. 32

²¹ Benjamin, Walter, "Tese 5 - Sobre o Conceito da História" in *op. cit.*, São Paulo, Brasiliense, 1987, pág. 224

onde o passado emerge como possibilidade de transformação do presente e do futuro.

Jeanne-Marie Gagnebin esclarece: *"Se pode haver uma salvação do passado no e pelo presente, é porque o passado nunca volta como era, na repetição de um pseudo-idêntico. Ao ressurgir no presente, ele se mostra como sendo, ao mesmo tempo, irremediavelmente perdido enquanto passado, mas também como transformado por este ressurgir: o passado é outro e, no entanto, semelhante a si mesmo. Por isso a imagem não é simples cópia, reprodução do mesmo. É uma imagem dialética, como chama Benjamin. Dialética porque junta o passado e o presente numa intensidade temporal diferente de ambos; dialética porque o passado, nesse ressurgir, não é repetição de si mesmo; tampouco pode o presente, nesta relação de interpolação pelo passado, continuar igual a si mesmo. Ambos continuam a ser passado e presente mas, no entanto, diferentes de si mesmos na imagem fugitiva que, ao reuni-los indica a possibilidade de redenção."*²²

Assim, para Benjamin, o historiador deve estar especialmente sensível para reconhecer esse apelo que vem do passado e promover a rememoração da imagem que se deixa entrever veloz como um relampejo, atualizando-a no presente. É o que ele destaca na Tese número 6, da Filosofia da História, quando diz: *"Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma*

²² Gagnebin, Jeanne-Marie. "Porque um mundo todo nos detalhes do cotidiano?" in **Revista da Usp - Dossiê Walter Benjamin**, São Paulo, 1992, n. 15, pág. 47; Conferir também: Idem. **Walter Benjamin: os cacos da História**, São Paulo, Brasiliense, 1982

reminiscência, tal como ela relampeja em um momento de perigo."²³ O reconhecimento desse chamado permite ao presente o delineamento de um futuro diferente daquele para o qual o progresso aponta. O "*Anjo da História*" é aquele que se volta para o passado com feições de horror, tentando acordar os mortos de um pesadelo de massacres para com eles construir um mundo redimido.²⁴

A memória conscientemente "capturada" pelo historiador permite, segundo Benjamin, quebrar o **continuum** da história e transformar o presente e o futuro. Nesse caso, resgatar a memória não significa preservar a tradição - como pretendem os memorialistas - mas, contrariamente, é romper com ela, é dar voz àqueles que sempre foram esquecidos e oprimidos. Para Benjamin, portanto, o trabalho da memória - profundamente imbricado à sua teoria da história - é fundamental para a realização da transformação política que ele tanto sonhava.

Partindo da teoria benjaminiana do urbano, pode-se dizer que a preocupação com a memória é decorrente das grandes transformações pelas quais passam os centros urbanos europeus - sobretudo no século XIX -, onde o homem e seu passado parecem profundamente ameaçados e, nesse sentido, há uma busca do entendimento da experiência individual e coletiva nessas sociedades em metamorfose. Nesse período, a concepção e as

²³ Benjamin, Walter. "Tese 6 - Sobre o Conceito da História" *op. cit.*, pág. 224

²⁴ Benjamin, Walter. "Tese 9 - Sobre o Conceito da História" in *op. cit.*, pág. 226

abordagens teóricas da memória alteram-se ganhando novas categorias e estabelecendo relações inéditas.

De um lado, ela passa a ser caracterizada como uma experiência íntima do indivíduo, pois as antigas tradições coletivas, centradas na figura do narrador como aquele que estabelecia a ponte entre o atual e o passado, não mais consegue dar inteligibilidade à sociedade. A memória individual (com todas as dimensões e limitações que o nascimento da psicologia lhe dá) é o elo de ligação e de acesso ao passado.²⁵ Esse passado, porém, muitas vezes fala diretamente muito pouco sobre o coletivo e a tradição. Por isso, de certa forma, a caracterização de uma memória individual ajudou a delinear uma idéia de indivíduo como um sujeito capaz de vivenciar experiências íntimas, profundas e únicas, mas completamente desvinculadas de qualquer vivência coletiva. A memória pensada em relação ao indivíduo leva o ser a um mergulho em seu interior e em seu próprio passado. Desse modo, a tradição e a herança cultural e social que ele carrega

²⁵ Antes do século XIX não existia distinção entre memória coletiva e individual, pois a categoria **indivíduo** - como passou a ser definido e entendido a partir daí - não tem o mesmo sentido anteriormente. Alain Corbin mostra que a partir de meados do século XIX ocorre um movimento que constitui gradativamente a personalidade individual e o espaço da privacidade como contrapontos da multidão urbana e do espaço público. Nesse movimento, que poderíamos chamar de "processo de construção de uma identidade corporal", o autor indica o surgimento de diferentes práticas que ressaltam, cada vez mais, a difusão de uma preocupação com o "ser" que habita o interior de cada homem e que precisa ser decifrado. Cf. Corbin, Alain. "O Segredo do Indivíduo" in **História da Vida Privada IV**, São Paulo, Cia da Letras, 1991, pág. 419 a 501

manifestam-se por sinais e símbolos, muitas vezes por vias inconscientes.²⁶

Por outro lado, concomitantemente a essa individualização da memória e da sociedade, o registro histórico ganha cada vez mais maior importância, passando a ser ele o "responsável" pela preservação do passado e, dessa forma, a memória coletiva torna-se objeto e prática da história. Nesse caso, para Halbwachs, a memória coletiva desapareceria pois, se *"um dos objetivos da história pode ser, exatamente, lançar uma ponte entre o passado e o presente, e restabelecer essa continuidade interrompida,"* como poderia ela recriar correntes de pensamento coletivo se os grupos deixaram de existir?²⁷

O século XIX, também chamado de "século da história", esforça-se em fazer da história uma **ciência do passado**, de modo que ela dê conta de explicar os fatos, de comprová-los, de ordená-los em uma ordem causal que permita explicitar as mudanças da sociedade, através do tempo. Segundo Michel Foucault, no século XIX, se estabelece um corte no campo dos saberes e um novo período é inaugurado, em que a temporalidade é posta no centro da produção do conhecimento. Nesse contexto, os

²⁶ A obra de Proust é o exemplo mais bem acabado para demonstrar como opera o mecanismo da memória individual, pois mostra que, através da reminiscência, é possível mergulhar profundamente no passado e repor antigas experiências. Cf. Poulet, Georges. **O Espaço Proustiano**, São Paulo, Imago, 1992 e Deleuze, Gilles. **Proust e os Signos**, Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 1987

²⁷ Halbwachs, Maurice. **op. cit.**, pág. 81

seres e os saberes passam a ser tomados sob uma perspectiva temporal e, por isso, a história passa a ocupar um lugar inédito.²⁸

Ao lado da preocupação com a historicidade dos seres, o empirismo também se coloca como conceito fundamental para a história. A necessidade de se comprovar os fatos pela experiência dos sentidos - ou percepção - é tida como a única forma segura de se atingir o verdadeiro conhecimento. Isso significa que só é possível haver conhecimento através da observação e da relação entre os fenômenos observados, de modo que qualquer coisa que estiver para além do domínio da experiência não pode ser conhecida.

Nesse momento, a memória apropriada pelo conhecimento histórico transforma-se, de modo que *"entre a memória verdadeira, hoje refugiada no gesto e no hábito, nos ofícios onde se transmitem os saberes do silêncio, nos saberes dos corpos, as memórias de impregnação e os saberes reflexos; e a memória transformada por sua passagem na história, o que é quase o contrário: voluntária, deliberada, vivida como um dever e não mais espontânea; psicológica, individual e subjetiva, e não mais social, coletiva, englobante."*²⁹ Todavia, a história desenvolve-se aí, e até

²⁸ Foucault, Michel. **As Palavras e as Coisas - uma arqueologia das ciências humanas**, São Paulo, Martins Fontes, 1987

Renato Janine, no artigo "História e Revolução", mostra como o tempo passa a ser problematizado durante todo o século XIX, tornando-se, ele próprio, objeto de conhecimento. Indica, também, como esse fato transformou a concepção de história. Cf. Ribeiro, Renato Janine. "História e Revolução - A Revolução Francesa e uma nova idéia de história" in **Revista Usp**, março, abril, maio de 1989

²⁹ Nora, Pierre, **op. cit.**, pág. XXV

boa parte do nosso século, como uma história-memória, "*sobre o modelo da rememoração, da anamnese e da memorização*" - apesar de sua preocupação em ser crítica ela é, antes de mais nada, descritiva.³⁰ É esse o modelo presente nos relatos memorialistas, já que recordar aquilo que está registrado no arquivo da memória é o que permite reviver velhas experiências e descrevê-las em uma narrativa coerente. E, nesse narrativa, a barreira entre a história e a memória foi suprimida, pois narrar as lembranças armazenadas na memória é, para eles, constituir a história verdadeira da cidade de São Paulo.

É fundamental ressaltar que a memória não se constitui por olhares descompromissados em relação ao objeto observado e registrado. Preservar a memória não significa preservar o passado em si, mas aquilo a que é possível se ter acesso e também, em grande parte, aquilo que se quer ver recordado. Não existe olhar desinteressado, muito menos o do historiador, mesmo que muitas vezes este se ancore em um suposta neutralidade. Por isso, a construção histórica é uma escolha sempre seletiva. O passado em si é intocável. Paul Veyne lembra que "*é impossível descrever uma totalidade e toda a descrição é seletiva*", de forma que o objeto de estudo do historiador nunca abrange a totalidade de fenômenos observáveis num dado tempo e espaço, mas apenas aspectos escolhidos pelo recorte por ele realizado.³¹ Por isso, a história é apontada, por esse autor, como uma narrativa de eventos que não podem ser revividos e que chegam até o presente através de documentos, que não são iguais

³⁰ Le Goff, Jacques. "Memória" in *op. cit.*, pág. 37

³¹ Veyne, Paul. *op. cit.*, pág. 29

ao real de onde partiram, ou seja, não são eles próprios o passado ao vivo.

Depois de sua longa e gradual absorção pela história, a memória recebeu novas formas de conceitualização e de definição. À medida que a sociedade perde os mecanismos para preservar sua memória - aqueles ligados à tradição oral -, há uma obsessão em materializá-la em registros escritos. Dessa forma, ela foi tornando-se arquivística e preocupada em registrar todos os objetos, documentos, espaços, enfim, tudo aquilo que, de alguma forma, parecesse significativo para ser conservado como memória: *"o sentimento de desvanecimento rápido e definitivo combina-se com a inquietude do presente e a incerteza do futuro, dando ao mais modesto dos vestígios, ao mais simples dos testemunhos a dignidade virtual do memorável."*³² Portanto, pode-se dizer que a memória é hoje um enorme estoque material resultante do acúmulo compulsivo e desmedido de tudo aquilo que é impossível lembrar, mas que a qualquer momento pode ser necessário recordar-se. O arquivo é portanto um lugar mutante *"que muda de sentido e de estatuto por seu próprio peso; ele não é uma relíquia mais ou menos intencional de uma memória vivida, ele é o resto voluntário e organizado de uma memória perdida"*.³³

Frente ao quadro contemporâneo da memória e da história, Pierre Nora volta-se para o estudo daquilo que ele denomina de **lugares da memória** que, segundo ele, são como *"precipitados químicos"*. Eles são os restos esparsos de tempos, acontecimentos, sociedades que deixaram de existir e que não

³² Nora, Pierre. **op. cit.**, pág. XXVI

³³ Nora, Pierre. **op. cit.**, pág. XXVII

encontram identidade no mundo atual, ou seja, são aquilo que restou de uma memória que se tornou alheia à experiência presente. *"Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm sua história."*³⁴

Esses lugares ficam na encruzilhada entre história e memória, pois apesar de não serem nem uma coisa nem outra, carregam algo das duas: da primeira são um vestígio, um resíduo, da segunda eles são uma possibilidade de constituição. Eles são vias fecundas de estudo já que, enquanto fragmentos do passado que se colocam no presente, eles aparecem, potencialmente, como objetos a serem delineados. E a tentativa de constituir tais objetos não vai no sentido de uma busca da identidade perdida, mas se faz na procura da diferença, da singularidade, pois os lugares da memória estão em constante transformação e, por isso, estão abertos a múltiplas significações e variadas abordagens, prontos para serem visados pelos historiador.

Entretanto, para além das diferentes utilizações, definições e conceitualizações da memória, pode-se dizer que ela é, quase sempre, imbuída do caráter de preservadora das experiências perdidas. No que diz respeito especificamente à cidade de São Paulo vale demarcar que ela é um espaço que, em alguns momentos, foi (e é), profundamente visado pela memória. Apesar disso, é pertinente salientar que a preservação do passado da capital paulistana, ao longo do século atual, foi irregular. Em linhas gerais, é possível apontar quatro momentos distintos em

³⁴ Idem. *Ibidem*, pág. XXIV

que se observa um investimento mais incisivo sobre a memória, na tentativa de materializá-la.

O primeiro deles centra-se em fins do século XIX, sobretudo a partir de 1870, e nas primeiras décadas do século XX, principalmente as duas primeiras décadas. Aí a Paulicéia é vista como um território que se transfigura rapidamente, onde os antigos traços misturando-se aos novos aspectos, constituem tramas desconhecidas e, por isso, intensamente focalizadas. É sobre este período que se desdobram os relatos memorialistas que procuram enfatizar o novo perfil urbano que São Paulo adquire e é **este período que este trabalho enfoca**. Não há como negar que essa época ofereceu aos habitantes urbanos uma multiplicidade de elementos inéditos - dos viadutos ao cinematógrafo - que, apresentados como encarnações de um novo tempo transformaram os destinos da cidade.³⁵

Nesse momento, o passado quase mítico de São Paulo, desde as primeiras investidas bandeirantes, aparece como germe onde já pulsava um futuro de iminente progresso que viria a caracterizar a metrópole do século atual. Numa publicação de 1911 da Prefeitura Municipal de São Paulo, sobre os melhoramentos urbanos realizados no centro da cidade, fica patente o interesse em

³⁵ Segundo Nicolau Sevcenko em **Orfeu Extático na Metrópole**, São Paulo nessas primeiras décadas do século XX, oferece um espetáculo inédito aos espectadores urbanos. O processo de transformação se intensifica, segundo ele, sobretudo na década de 20, de modo que "situações que se entrecruzam, porque a nova metrópole emergente era um fenômeno surpreendente para todos, tanto espacialmente, por sua escala e heterogeneidade, quanto temporalmente, tão absoluta era sua ruptura com o passado recente". Cf. Sevcenko, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos fremente anos 20**, São Paulo, Cia das Letras, 1992, pág. 40

dotar o passado e o espírito paulista de potencialidades inatas que justificassem o amplo desenvolvimento da cidade em poucos anos. *"A atividade dos paulistas e o seu espírito empreendedor são tradicionais, ainda ao tempo em que São Paulo era uma simples colônia, já se destacava da coletividade pela audácia das legendárias bandeiras, que, descendo o Tietê e entrando pelo magestoso Paraná, iam levar a civilização a essas ricas regiões, onde a natureza acumulou as mais esplêndidas riquezas."*

O texto prossegue exaltando a grandeza da cidade e do Estado de São Paulo, mostrando que vários elementos concorreram para o progresso da cidade - como a imigração, o trabalho livre, a Independência do Brasil de Portugal. Ainda, reforça a idéia de que entre os paulistas pulsavam "energias latentes" que, ao serem liberadas, permitiram a realização de todos os ideais previstos. Assim, continua dizendo que: *"É que os seus homens públicos e os seus lavradores, de há muito haviam compreendido a necessidade de remodelar a organização do trabalho; haviam sabido prever o futuro que estava reservado a seu Estado e, por isso, tinham inteligentemente dado começo à formação dessa corrente imigratória."* (...) *"Desenvolveram-se todas as energias latentes, traduzidas na florescência radiante de todos os empreendimentos, na realização de todas as aspirações que, por tantos anos, oprimiram o espírito dos paulistas."* Por fim, o texto acentua o caráter pioneiro de São Paulo em relação ao Brasil, salientando que em poucos anos o perfil urbano da cidade havia mudado por completo. *"A cidade de São Paulo, centro de todas as energias, de todas essas forças, que deviam irradiar em todas as direções, levando consigo as realizações práticas do progresso, havia, pois, de ser a primeira a participar dessa transformação radical, por que passava o Brasil. Não pretendemos fazer histórico dessa transformação. Ela operou-se, por assim dizer, à vista de todos nós; e procuramos reviver na imaginação a capital, tal qual era em 1889, sentiremos a sensação*

de assistirmos a uma fantástica mutação dos cenários de qualquer mágica aparatosa."³⁶

Nos relatos memorialistas da cidade de São Paulo, fica evidente uma inquietação em relação ao desaparecimento do espaço familiar. Por isso, ao constituir a memória da Paulicéia percebe-se que o memorialista, ao mesmo tempo em que se relaciona afetivamente com a cidade, olha para ela como um objeto a ser rigorosamente descrito, a fim de fixar na memória os marcos que lhe permitam identificar o território urbano e traçar sua evolução. Nesse sentido, Paulo Cursino de Moura, em 1932, salienta as transformações urbanas que se dão nesse período e estabelece a comparação entre o novo e o antigo que permeiam o espaço da cidade: *"Que espanto será esse? Que haja um Martinelli de 24 planos onde existiu um Café Brandão de 3? Se para a visão desta apoteose dos nossos dias os olhos da população aumentaram de um milhão! Eis a realidade assombrosa de São Paulo, a mais estupenda realização da atividade de um povo. Prova palpável: Café Brandão, 3 pavimentos; Martinelli, 24. - 1890: 200 mil habitantes; 1932: um milhão e duzentos mil".*³⁷

Um segundo momento importante para a memória da cidade de São Paulo é a década de cinquenta, quando o grande desenvolvimento da mídia permite a criação, a divulgação e a constante reiteração de uma fala eufórica sobre o progresso.

³⁶ São Paulo (cidade) Prefeitura do Município. **Melhoramentos do centro da cidade de São Paulo**, São Paulo, Rotschild, 1911, págs. 9/10

³⁷ Moura, Paulo Cursino de. **São Paulo de outrora: evocações da metrópole**, Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1980; a primeira edição é de 1932

Apesar de ser essa a década comemorativa do quarto centenário da fundação de São Paulo - acontecimento profundamente investido de significados, pois remete ao ponto original da fundação e da memória paulistana -, ela destacou-se mais por um discurso apologético do progresso do que por uma atenção à memória. O cenário nacional vivia sob o lema da famosa frase: "Cinquenta anos em Cinco", que caracteriza, muito bem, essa época que define a si mesma como progressista e moderna. São Paulo, sob esse mesmo signo, coloca-se, ao lado da Capital da República, como uma das mais importantes cidades brasileiras, vivendo uma era de grande desenvolvimento urbano, de avanço econômico e de significativo aumento populacional.

Efetivamente São Paulo vive, nesse momento, o auge da industrialização que acabou motivando - e direcionando - diversas reformas urbanas geradas, sobretudo, pelo ininterrupto aumento populacional. Desde a década de 20, São Paulo havia tornado-se responsável por 43% da produção industrial brasileira e, com isso, concentrado 35% dos operários nacionais. Além de maior pólo industrial brasileiro a capital paulistana converte-se no carro-chefe da economia, o que traz implicações diretas sobre a organização de sua vida urbana. A principal delas foi um espalhamento cada vez maior da cidade em direção à periferia. Nesse contexto, na tentativa de modernizar-se, progredir e resolver os problemas urbanos que se tornavam cada dia maiores - como por exemplo, moradia, transporte e circulação urbana - as atenções fixam-se no presente e no futuro. O passado visto como símbolo de atraso e como empecilho à modernidade é, na maior parte das vezes, esquecido e desvalorizado. As reformas urbanas, totalmente desvinculadas e despreocupadas com a preservação do patrimônio histórico, modificaram, enormemente, a cidade edificada no início

do século - que, inclusive, já havia passado pelas transformações urbanísticas de Prestes Maia.³⁸

Destacam-se, nesse período, os trabalhos de Bebevenuto Sant'Anna, Aureliano Leite, Pasquale Petrone, Sérgio Millet, entre outros, que pretendem abarcar toda a história da cidade de São Paulo, desde sua fundação, dando ênfase ao acelerado desenvolvimento apresentado por ela, a partir do início do século XX.³⁹ O progresso aclamado como ideal realizado permeia esses discursos e reforça a imagem positiva da capital paulistana, enquanto lugar da modernidade. Como já foi dito anteriormente, alguns memorialistas escrevem nesse período sobre a cidade da virada do século XX. Contudo, a fala destes repete e confirma o discurso apologético dos primeiros memorialistas que salientam a imagem da cidade como lugar movido e edificado pelo progresso. Eles remetem, portanto, a um espaço urbano já inventado e investido de marcos e lugares simbólicos.

Desse modo, Miguel Milano, no limiar da década de cinquenta, remete à capital paulista do início do século, demarcando que ela passou por profundas mudanças, naquele momento, que alteraram profundamente seu aspecto físico e

³⁸ **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, n. 199, 1991, especialmente capítulos V e VI

³⁹ Sant'Anna, Benevenuto Silvério de Arruda. **Metrópole: histórias da cidade de São Paulo**, São Paulo, DAH/PMSP, 1950-53; Leite, Aureliano. **Subsídios para a história da civilização paulista**, São Paulo, Saraiva, 1954; Petrone, Pasquale. "A cidade de São Paulo no século XX", São Paulo, **Revista de História**, 1955; **Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo**, São Paulo, "São Paulo Antigo - plantas da cidade", PMSP, 1954 (textos de Sérgio Millet)

social. Segundo ele, rompeu-se definitivamente com o passado e seus velhos traços, sendo que um dos fatores que mais contribuiu para isso foi o crescimento populacional rápido e intenso, que fez de São Paulo uma das cidades mais populosas do mundo. Ele afirma: *"Abolida a escravidão, estabelecida a imigração oficial e proclamada a República, em 1913, ou seja, no breve período de 26 anos, São Paulo acusou um total de 43.940 prédios, e uma população de 460.261 habitantes, colocando-se em terceiro lugar entre as cidades mais populosas e ricas da América do Sul e superando Washington, Bordéus, Háia, Dublin, Estocolmo, Turim, Gênova, Lisboa e outras. A partir daí a cidade ascendeu rápida como um sonho. Agricultura, indústria, comércio, ciências, letras e artes evoluíram de maneira assombrosa!... Liberta das amarras que a prendiam a um sentimentalismo piegas, meteu a picareta no passado, metamorfoseou por completo, e ei-la, presente aos nossos olhos deslumbrados..."*⁴⁰

O movimento realizado pela memória indica que o memorialista **crystaliza** cada peça que compõe o novo cenário da cidade tornando-o reconhecível aos seus olhos. Se, na realidade, São Paulo "meteu a picareta no passado" rompendo com ele, a produção da memória paulistana é vista como uma linha de continuidade do passado ao presente, ou seja, como meio eficaz de preservar o espaço desaparecido.

Todavia, vale dizer que, se por um lado a memória permite resgatar e repor antigas experiências, bem como preservar novas vivências - como acreditam os memorialistas -, por outro

⁴⁰ Milano, Miguel. **Os Fantasma da São Paulo Antiga (estudo histórico-literário da cidade de São Paulo)**, São Paulo, Ed. Saraiva, 1949, pág. 50

lado, ela é o lugar através do qual se marca a diferença entre épocas e espaços, já que seu conteúdo vai sendo, ao longo do tempo, constantemente reciclado, revisto e alterado. Nesse caso, é pertinente dizer que uma das principais características da memória é a plasticidade que permite que ela se molde facilmente às abordagens que dela se façam e aos usos aos quais ela é submetida.

Posteriormente, sobretudo a partir de 1970, pode-se demarcar um terceiro momento de investimento sobre a memória da cidade de São Paulo. Vários trabalhos se voltam para o estudo da evolução urbana paulistana, privilegiando os aspectos econômicos, de modo que as questões de ordem política, social e cultural aparecem como subordinadas ao desenvolvimento da economia cafeeira e da industrialização. Nessa linha de análise podemos salientar os estudos dos brasilianistas Richard Morse, Warren Dean e Joseph Love e, também, dos arquitetos Carlos Lemos e Benedito Lima de Toledo.⁴¹ De uma forma geral, nesses trabalhos, as transformações no espaço físico e na sociedade de São Paulo aparecem como decorrências imediatas do progresso econômico. A história da cidade, ancorada nos marcos da memória, é entendida como evolução contínua e linear ao longo do tempo.

Por fim, no momento atual, principalmente a partir de meados da década de oitenta, a memória paulistana é novamente

⁴¹ Morse, Richard. **Formação Histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole**, São Paulo, Difel 1970; Dean, Warren. **A Industrialização de São Paulo**, (1880 - 1945), São Paulo, Difel, 1971; Love, Joseph. **A Locomotiva**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982; Lemos, Carlos Alberto Cerqueira. **Alvenaria Burguesa**, São Paulo, Nobel, 1985; Toledo, Benedito Lima de. **São Paulo: Três Cidades em um Século**, São Paulo, Duas Cidades, 1981

foco de atenções. O progresso tão aclamado durante todo o século XX é apontado como o grande gerador dos graves problemas urbanos da atualidade, pois produziu uma urbanização pouco planejada e, na maior parte das vezes, aleatória. Desse modo, frente ao "caos instituído" e às poucas promessas de futuro que o progresso inspira, os olhares se voltam para a memória como elemento potencialmente carregado de esperanças esquecidas e apagadas, mas que, enfim, podem inspirar a construção de um novo tempo. Isso fica evidenciado nas várias publicações recentes do Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo, nas quais a memória é dotada dessa capacidade de retirar do passado uma promessa de redenção para o devir. Assim, vale citar o trecho do **Paulicéia Perdidas**, de 1991, em que essa abordagem da memória fica clara: *"Restou, sobretudo, a imagem hostil e impessoal de uma cidade destituída também de sua memória. Preservar a cidade, reencontrando estas paulicéias perdidas, é dialogar com o passado para intervir no seu destino."*⁴²

É importante salientar que não podemos falar de uma **memória** da cidade de São Paulo, mas de um terreno sinuoso que se desloca a cada nova investida sobre o passado. Nesse deslocamento múltiplos contornos urbanos vão sendo delineados e, ininterruptamente, redefinidos. Sob essa perspectiva, a memória pode ser o elemento que permite a busca da identidade perdida; pode aparecer, também, como necessidade psíquica e afetiva de produzir referências, garantias e traços orientadores para o momento presente; a sua exploração, ainda, permite a valorização de um passado que se vê ameaçado de extinção; ela é, enfim,

⁴² São Paulo (cidade) Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **Paulicéias Perdidas**, São Paulo: DPH, 1991, pág. 19

território de investigação e de possibilidade de encontro de experiências vivenciadas.

Entretanto, se não é possível estabelecer a memória de São Paulo como um campo homogêneo, bem definido e acabado, por outro lado é pertinente afirmar que o investimento determinado sobre o passado gera núcleos de condensação da memória. Através do cruzamento dos vários relatos memorialistas perceber-se que muitas temáticas se repetem. Inúmeros espaços, objetos, acontecimentos, comemorações, enfim, são elementos que se constituem e aparecem como marcos da capital paulistana, que pretendem definir seu perfil urbano. Dentro desse movimento, procura-se fixar os lugares onde a memória está ancorada ou onde é possível ancorá-la, busca-se cristalizar seus símbolos, seus valores, suas linguagens a fim de preservá-la das perdas irremediáveis do tempo. No entanto, estes lugares não são corpos fechados e acabados, e sim elementos voláteis, abertos às transformações que se processam na dinâmica da vida da metrópole.

Com relação à memória paulistana inventada e reinventada pelos relatos memorialistas, é possível vislumbrar duas temáticas que, pela constante afirmação, repetição e reposição, me parecem fundamentais aos memorialistas para a constituição de uma identidade paulistana. Muitos dos marcos estabelecidos em suas narrativas tornaram-se lugares da memória paulistana (como, por exemplo a Avenida Paulista, a Praça de Sé, o Teatro Municipal, e até mesmo a entrada da Light, com seus bondes elétricos e postes de iluminação) porque, inclusive posteriormente, continuaram sendo reiterados por parte da historiografia e, também, pelas publicações oficiais - como aquelas comemorativas do quarto centenário de fundação da cidade e toda

a produção do Arquivo Municipal e do Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo. É fundamental esclarecer que esses marcos paulistanos, delineados pelo discurso memorialista, são tomados aqui como **lugares da memória de São Paulo** porque, diferentemente do que pretendiam os memorialistas, eles não são um registro preciso, acabado e inalterável da cidade do passado. Ao contrário disso, eles estão abertos às mais variadas abordagens do presente e, para além disso, ao longo do tempo, esses marcos foram investidos de outros significados, ganharam outros conteúdos e, inclusive, estiveram - e estão - suscetíveis ao esquecimento. A memória vista, então, como um deslizamento contínuo - sobre e a partir de si mesma - pode abarcar novos e intermináveis sentidos, como também conviver com seu próprio apagamento.

O primeiro tema que se destaca nos relatos refere-se à descrição do espaço físico da cidade, juntamente com a caracterização do aspecto urbano que ela vai tomando, à medida que um novo traçado vai sendo definido. Através dessa descrição é possível mapear a cidade delimitada pelos memorialistas. No entanto, constata-se que essa topografia é seletiva, pois apesar de pretenderem abarcar o espaço urbano em sua totalidade, o que se nota é que certas regiões são privilegiadas, como o Triângulo Central que compreendia as ruas São Bento, Direita e Quinze de Novembro, e outras omitidas ou abordadas com evidente desprezo, é o caso, por exemplo, dos bairros operários.

Na valorização dos espaços da Paulicéia, ganha destaque nos relatos a narrativa dos espaços de lazer urbano, como os cafés, as confeitarias, os teatros e, posteriormente, os cinemas, que se localizavam numa região de grande circulação populacional, formada, justamente, pelo Triângulo Central e seus

arredores. Pela ênfase e familiaridade com que estes lugares são abordados, é possível inferir que eles correspondem às regiões mais frequentadas pelos memorialistas e também àquelas onde eles mantinham seus núcleos de sociabilidade.

A segunda temática a ser enfocada refere-se à idéia de progresso presente nos relatos, que aparece como elemento que explica e justifica o novo perfil urbano da Paulicéia, e permite pensar a cidade do limiar do século XX como transformando-se em uma metrópole moderna. Articulada a essa idéia, os memorialistas enfatizam a técnica, e a todos os equipamentos e novidades - chamados de modernos - que adentraram na cidade, sobretudo a partir da virada do século XX. A tecnologia moderna, com suas estranhas engenhocas - do primeiro bonde elétrico ao cinematógrafo - parecem ter fascinado os paulistanos e, entre eles, os memorialistas que procuraram registrar suas primeiras experiências e sensações frente ao novo. O mais interessante na descrição desses elementos é que se nota que espanto e deslumbramento são as impressões mais recorrentes, que se misturam na tentativa de decifrar e, principalmente, de fixar esse inesperado momento. A exaltação da técnica é, como veremos, um desdobramento da apologia do progresso.

*A cidade se escoa como uma esponja
dessa onda que reflui das recordações e
se dilata... A cidade não conta o seu
passado, ela o contém como as linhas
da mão, escrita no ângulo das ruas, nas
grades das janelas,... nas antenas do
para-raio, nos mastros das bandeiras*

Ítalo Calvino.

Cidades Invisíveis

CAPÍTULO 2: RELATOS MEMORIALISTAS: UMA TOPOGRAFIA URBANA

Os limites da cidade

Uma das preocupações centrais dos memorialistas, nos relatos, é demarcar os limites urbanos da cidade e mostrar sua expansão, ao longo do tempo. Para isso, descrevem detalhadamente algumas áreas paulistanas, dando destaque maior àquelas onde, segundo seu ponto de vista, o progresso havia fincado raízes mais fortes. Fica claro, no decorrer dos relatos, que se de um lado, o progresso - com todas as transformações que acarretou ao espaço urbano - precisa ser exaltado e fixado como a marca do povo paulista, por outro, a memória é vista como instrumento que dá ao memorialista a possibilidade de preservar, para sempre em estado de suspensão, as antigas imagens da cidade que teve os traços de seu passado apagados em poucos anos.

Apesar de fazerem referências à cidade do início do XIX ou mesmo à velha cidade colonial dos setecentos, - que parecia dormir em um sono profundo -, o foco de atenção localiza-se na cidade edificada a partir das primeiras reformas urbanas realizadas no governo de João Teodoro, de 1872 a 1875. Nesse momento, São Paulo ganha uma feição mais moderna, embora indefinida, pois sofre profundas e simultâneas intervenções em seu traçado e em seu aspecto geral. Desse modo, este período é colocado como marco inicial de uma série de mudanças que se estendem até as primeiras décadas do século XX.

Ernani da Silva Bruno, no livro **História e Tradições da cidade de São Paulo**, afirma que de 1872 à 1918 São Paulo adquire uma nova fisionomia urbana devido à urbanização de ruas, largos e jardins públicos, além da construção de muitas casas e prédios novos. Nesse sentido, ele diz que de "*burgo de estudantes*", São Paulo transforma-se em "*metrópole do café*". Ele ainda afirma que em 1884 os limites urbanos eram bastante restritos, pois iam precisamente até o Largo do Arouche, o Largo dos Guaianazes, o Convento da Luz, a Estação Do Norte, a Rua da Glória, rua Riachuelo - que ficava logo atrás da Academia de Direito -, e a Igreja da Consolação, onde parava o último bondinho puxado a burro. Assim, do ponto central onde a cidade surgiu - o Pátio do Colégio e arredores - ela estendia-se em vários sentidos, mas seu perímetro urbano fechava-se em um pequeno círculo de poucos quilômetros de diâmetro.¹

Enfocando também a década de oitenta do século XIX, o memorialista Raimundo Menezes observa que, nesse momento, a capital paulistana passa por um enorme surto de progresso e que

¹ Rubens Pamplona, no estudo **A cidade de São Paulo - planos e realizações**, sustenta que a capital paulista organizou-se sem um traçado físico prévio, ao redor de praças - como as de São Francisco, São Bento e do Carmo - e também nas imediações das primeiras trilhas de tropas que acorriam à cidade. Assim, a cidade foi espalhando-se nos espigões - Liberdade e Florêncio de Abreu -, acompanhando o flanco dos vales - rua Xavier de Toledo - descendo a colina a meia encosta - João Alfredo, Dr. Falcão -, procurando atravessar os vales nos pontos mais estreitos - Acu, hoje São João, Piques, Assembléia e Carmo. Essas antigas vias de penetração que vinham de todos os lados, demarcaram as futuras ruas e avenidas formando, em torno de São Paulo, um esquema em "forma de leque", desenvolvido em todas as direções. Nesses pontos extremos do espaço urbano ficavam as chácaras que, a partir do limiar do século XX, foram desaparecendo a medida em que os limites da cidade avançavam e ela urbanizava-se. Cf. Pamplona, Rubens. **A cidade de São Paulo - planos e realizações**, 1870 - 1929, São Paulo, COGEP, 1984

isso se confirma pela leitura dos relatórios da Comissão Central de Estatística do período. Diferentes melhoramentos urbanos, como calçamento de ruas, arborização, redes de água e esgoto, iluminação à gás, entre outros, são implementados em São Paulo, permitindo que a cidade fosse perdendo seus velhos traços seculares e adquirisse um perfil moderno, em poucos anos. Ele observa que: *"Dentre os modernos melhoramentos que tem recebido a cidade, são dignos de menção o calçamento das principais ruas pelo sistema de paralelepípedos de pedra, o ajardinamento de algumas praças e a arborização de diversas ruas, a iluminação à gás corrente, o serviço de locomoção por carris de ferro, o abastecimento de água, a canalização de esgotos, o matadouro e, em vias de realização, a iluminação elétrica e a ligação do centro comercial com o bairro do Chá, por um viaduto metálico."*²

Entretanto, segundo este mesmo memorialista, a cidade que existia até a década anterior não apresentava qualquer evidência de desenvolvimento. Raimundo Menezes afirma que, em 1870, a Paulicéia era uma pacatíssima cidade provinciana, parcamente iluminada por precários lampiões à querosene e com limites tão estreitos, prolongava-se do Tamanduateí ao Anhangabaú, que os únicos meios de transporte eram os carros de bois e alguns tálburis. Por conseguinte, ele exclama: *"As pessoas não tinham pressa. Para que correr?"* As ruas eram absolutamente silenciosas de modo que *"para evitar o excesso de ruído, zelando assim pelo sossego público as posturas determinavam que os transportes de rodas fixas trarão os eixos bem untados para não*

² Menezes, Raimundo. **São Paulo de nossos avós**, São Paulo, Saraiva, 1969, pág. 52

*chiarem'. Era já uma espécie de campanha do silêncio, em tão áureos tempos."*³

No período que vai de 1870 a 1900, a cidade de São Paulo registra um vertiginoso crescimento populacional já que o número de habitantes aumenta seis vezes, passando de 30 mil habitantes para 200 mil. Como era de se esperar, esse aumento trouxe problemas urbanísticos graves, pois a cidade não apresentava nenhum tipo de planejamento que fosse capaz de absorver esse enorme contingente populacional. Desse modo, os serviços públicos, em sua maior parte instalados a partir do governo de João Teodoro, ficaram defasados. Rubens Pamplona afirma que *"esse crescimento determinou, como era natural, uma expansão sobre as áreas rurais contíguas, que passaram assim a integrar a cidade. Trata-se do processo de expansão urbana por aglutinação que afetou sobretudo o cinturão de chácaras em volta do centro. O loteamento das chácaras originava os novos bairros que surgiam sendo ainda a destacar que a expansão difusa e interrompida do espaço urbano passou a ser facilitada a partir de 1900 pelo primeiro bonde elétrico"*.⁴

O memorialista Jorge Americano também observa - e descreve - em uma longa passagem sobre a cidade em 1898, que os limites da cidade expandiam-se em diferentes direções, de modo que começaram a se aproximar e, posteriormente, a invadir as chácaras que se estendiam ao redor do espaço urbano. Partindo

³ Idem. *Ibidem*, pág. 48

⁴ Pamplona, Rubens. *op. cit.*, pág. 14. Como mostrarei mais adiante, o impacto que o bonde causou na vida das pessoas e no perfil da cidade foi imenso.

daí, segundo ele, novos bairros vão sendo delineados e o perímetro urbano distendido.

Do ponto de maior concentração urbana, o chamado Triângulo Central, a cidade começava a dispersar-se em vários sentidos, acompanhando o rumo dos velhos caminhos de tropas, das pequenas estradas que levavam às chácaras - que pouco a pouco ganhavam um certo aspecto de ruas - e ao longo das linhas férreas. *"Nesse ano (1898) São Paulo teria entre 150 e 200 mil habitantes. Além do Triângulo Central (ruas 15 de Novembro, Direita e São Bento) estendia-se, para o lado da Liberdade, até o largo desse nome, prosseguindo, meio rua meio estrada, para Vila Mariana, com algumas chácaras. Da esquina da rua São Joaquim, partia a estrada de ferro de Santo Amaro. A avenida Brigadeiro Luís Antonio seguia, recém-aberta, em prolongamento da rua de Santo Amaro, prosseguindo no traçado atual da estrada de Santo Amaro, mas o seu começo ainda estava interceptado pela chácara de Dona Paulina, na rua do Riachuelo, onde houve depois o Forum Criminal."*⁵

Partindo ainda do centro, mas de um outro ponto, o largo da Memória, Jorge Americano conta que, seguindo pela rua Consolação, chegava-se à recém inaugurada avenida Paulista. Nesse momento, não se imaginava que esta se tornaria um dos pontos mais importantes da cidade e seu símbolo mais recorrente. Seus arredores eram quase absolutamente despovoados, sendo que nas suas imediações ficava o Hospital de Isolamento. Novos bairros eram abertos nos arrabaldes da cidade, a partir do loteamento de várias chácaras, de forma que, o velho perímetro

⁵ Americano, Jorge. **São Paulo Naquele Tempo (1895-1915)**, São Paulo, ed. Saraiva, 1957, pág. 99

demarcado por Ernani da Silva Bruno, em 1884, além de ter sido dilatado, começava a apresentar sinais de uma urbanização mais intensa.

Assim, Jorge Americano observa que o bairro dos *"Campos Elíseos ia se desenvolvendo pelo retalhamento da chácara Nothmann. Para chegar a ele atravessava-se o Viaduto do Chá, construído em 1892 por Jules Martin, sobre o vale da chácara da Baronesa de Itapetininga, deixava-se à direita a chácara do Rodovalho (hoje Teatro Municipal), rua Baronesa de Itapetininga, praça da República, descampada e lamacenta ou cheia de pó, conforme a estação. Seguindo reto, dava-se na lagoa do Arouche. Pela esquerda, Vila Buarque e Higienópolis. Para direita, Campos Elíseos e no fim já Barra Funda, a chácara do conselheiro Antonio Prado, antes da qual a do Eduardo Prates, na rua dos Guaianases."*⁶

Um outro memorialista, Barros Ferreira, referindo-se a essa mesma área urbana, reforça o aspecto precário e praticamente rural desses primeiros bairros paulistanos. *"Era assim São Paulo no começo do século. A avenida Paulista constituía o limite sul da cidade, grande projeto em execução." (...) "Campos Elíseos brotava no brejo secular onde eram solidamente estaqueados os novos palacetes que mandava erguer a gente enriquecida do café."*⁷

⁶ Idem. *Ibidem*, pág. 100

⁷ Ferreira, Miguel Angelo Barros. *Meio Século de São Paulo*, São Paulo, ed. Melhoramentos, 1954, pág. 15

Estes novos bairros foram abertos para atender, sobretudo, à nova classe de fazendeiros endinheirados do café que vinham estabelecer residência na cidade e, também, para desafogar a região central que se tornava cada vez mais populosa, sendo deixada para as atividades comerciais, bancárias e para o lazer.

Continuando o mapeamento urbano da capital paulista, Jorge Americano enfoca, em seguida, os bairros próximos as estações férreas - Sorocabana, da Luz, do Norte e Inglesa, onde as primeiras indústrias foram instaladas e surgiam, sem qualquer planejamento, os primeiros bairros operários. *"Nascia a cidade industrial. Do Viaduto do Chá viam-se os bairros industriais do Bom Retiro e Luz. Do Pátio em frente à igreja do Carmo, via-se todo o restante, Brás, Moóca. Não é que tudo fosse muito grande. O Bom Retiro começava na Estação da Luz e ia à Escola Politécnica. Na outra dimensão, até pouco mais de quinhentos metros, o bairro da Luz ia da linha Inglesa (E. F. Santos a Jundiaí) ao Quartel da Luz. Na outra dimensão, da avenida Tiradentes às instalações ferroviárias do Pari. Daí para a direita eram o Brás e a Moóca, limitados entre o Tamanduateí e a linha da Inglesa."*⁸

Para fechar o perímetro urbano, Jorge Americano localiza as duas regiões mais distantes e despovoadas da cidade no período, a Serra da Cantareira e o Ipiranga : *"Da Várzea do Carmo partia o Tramway da Cantareira, para a Serra da Cantareira, onde estavam os açudes de abastecimento de águas da cidade." (...) "A rua da Glória era mais ou menos povoada até o largo de São Paulo e, daí para diante, pelo Lavapés, ia, como antiga estrada tortuosa,*

⁸ Americano, Jorge. *op. cit.*, pág. 100

até o Museu do Ipiranga, construído em um descampado fora da cidade."⁹

Vale dizer que a necessidade de demarcar e fixar os limites urbanos de São Paulo é premente nos memorialistas porque, desse forma, é possível reconhecer o espaço em sua totalidade e torná-lo familiar, já que a capital paulista para eles não cessa de transformar-se ininterruptamente. Com isso, depois do governo de João Teodoro, o período que abarca os governos do Conselheiro Antonio Prado e de Raymundo Duprat é privilegiado na narrativa memorialista, pois é visto como o momento em que o cenário urbano vai rapidamente ganhando novas feições e definindo São Paulo como uma metrópole moderna e progressista. É justamente sobre esse período, de 1900 a 1920, que as descrições memorialistas estão especialmente centradas.

As velhas imagens da pacata cidade de ruas tortuosas e caminhos de terra entrecortados por várias chácaras - cujo único sinal de desenvolvimento vinha da Academia de Direito e de seus animados estudantes - estão definitivamente superadas, pois referem-se a um espaço que não existe mais. Por outro lado, com seus horizontes dilatados em diferentes direções, a fumaça negra das primeiras chaminés das fábricas tingindo o azul do céu e uma população cada vez mais densa povoando suas ruas, São Paulo passa a ser visto como um quadro sempre inacabado, no qual, a cada dia, um novo elemento é esboçado. Dessa forma, o trabalho incessante dos relatos memorialistas é definir o novo perfil urbano da Paulicéia e, desse modo, dotá-la de uma identidade capaz de torná-la reconhecível aos seus habitantes.

⁹ Idem. *Ibidem*, pág. 99

Frente a isso, ao descreverem a cidade e seu traçado físico em constante alteração, os memorialistas privilegiam certos lugares que são definidos como marcos paulistanos. É interessante notar que esses marcos se referem, principalmente, aos espaços mais antigos da cidade - como o Triângulo Central, a praça da Sé, a avenida São João, entre outros. Eles são descritos como espaços inseridos na dinâmica da cidade - pois, como ela, mudam e ganham novas características incessantemente - e na rotina dos cidadãos. Ao abordarem esses lugares, os memorialistas procuram determinar as suas origens - remetendo-as às lendas e velhas histórias do passado - e, também, tentam acompanhar suas mudanças ao longo do tempo. Por isso, nos relatos, definir esses marcos é o mesmo que os incluir no cotidiano da cidade e das pessoas, já que eles participam do delineamento de uma identidade paulistana que, no começo do século XX, se encontra indeterminada - tudo é visto como novo e transitório. Todavia, é importante dizer que as mudanças são vistas como consequência e continuidade do passado, um passado que é movido pelo progresso e, portanto, tem um desdobramento preestabelecido.

Nesse contexto, a memória é justamente o meio encontrado para determinar essa identidade perdida. De um lado, ela remete à tradição, ou seja, ao passado preservado nas antigas narrativas da cidade colonial. De outro, ela permite registrar o tempo presente em sua nova dinâmica. Por fim, em um terceiro movimento, ela é capaz de unir esses dois tempos, aparentemente desconexos, em uma mesma linha temporal, na qual o passado aparece como ponto de origem, onde se encontram as causas que explicam as mudanças operadas no presente, ou - dizendo de outra forma - onde o presente é visto como efeito de uma situação gerada no passado. Assim, o processo é dotado de sentido, pois a cada nova mudança a memória produzida nos relatos pode,

novamente, estabelecer o elo entre o que passou e o que está por vir. A memória, portanto, dá conta da constante mudança do espaço e da sucessiva passagem do tempo, porque ao ser delineada nos relatos, ela suprime seu próprio movimento.

Ancorados na memória e acreditando na sua capacidade de registrar, preservar e reconstruir o território urbano paulistano, os memorialistas se põem a descrever os lugares da cidade que, para eles, guardam a "história-memória" de São Paulo e que, ao modernizarem-se, fizeram da capital paulista, no início do século XX, uma metrópole moderna.

O Triângulo Central e seus arredores: o centro irradiador do progresso paulistano

O lugar mais enfática e exaustivamente descrito pelos memorialistas é o Triângulo Central - composto pelas ruas 15 de Novembro, Direita e São Bento. Na verdade, o delineamento do Triângulo praticamente confunde-se com a fundação de São Paulo.¹⁰ Jules Martin, no álbum **São Paulo Antigo e São Paulo Moderno**, de 1905, observa que o traçado primitivo da rua São Bento coincide com o primeiro caminho de ligação entre os conventos dos "bentos" e o convento de São Francisco, ao longo do qual se estabeleceram as primeiras concentrações populacionais. Ele conta como se deu a povoação dessa região: *"A ermida da Senhora de Monteserrate que em 1598 os frades bentos levantaram*

¹⁰ O arquiteto Benedito Lima de Toledo supõe que o traçado das ruas 15 de Novembro, Direita e São Bento acompanhava os muros primitivos da cidade de São Paulo, respeitando as curvas de nível, daí o seu traçado irregular. Cf. Pontes, José Alfredo. "Centro Financeiro" in **Revista Memória**, São Paulo, DPH-Eletropaulo, n. 4, dez de 1989

*no alto da encosta que vinha da confluência do Anhangabaú com o Tamanduaté, marcava o acampamento de Tibiriça, o chefe guaianaz, amigo dedicado de Martin Afonso de Souza. Desde logo, prolongando-se em linha reta em direção ao primitivo convento de São Francisco, hoje igreja de Santo Antonio, surgiam os casebres da gente portuguesa e como homenagem ao genro de João Ramalho a cuja dedicação e influência deviam a conquista destas terras, deram à rua o nome de Martin Afonso que o chefe indígena tomara ao batismo como mostra de veneração e amizade ao donatário da capitania."*¹¹

O memorialista Paulo Cursino de Moura também sustenta a idéia de que o Triângulo é a região na qual os primeiros desbravadores portugueses se estabeleceram. Além disso, ele assegura que esse primeiro esboço urbano se delimitou ao acaso, através de uma ocupação natural que acabou constituindo um triângulo - sem que esse fosse "matematicamente calculado". Ele diz: *"Triângulo! Os beneméritos desbravadores do sertão que circundava a colina não tiveram em mira formar triângulo, ao indicar, roçando 'guexima' e carpindo 'fedegoso', para a abertura dos caminhos: aqui será 15 de Novembro, ali Direita e acolá São Bento. A formação foi natural. Nem de compasso ou de esquadro se*

¹¹ Martin, Jules. **São Paulo Antigo e São Paulo Moderno**, São Paulo, eds. Vanorden Cia, 1905, pág. 90

Apesar de não ser um memorialista, esse trabalho de Jules Martin - que dá destaque às transformações urbanas ocorridas na cidade de São Paulo no governo do Conselheiro Antonio Prado - é absolutamente significativo pelas descrições que traz da cidade no começo do século e também pela sua abordagem, inclusive porque em vários aspectos - como na apologia do novo e do progresso - seu discurso se aproxima dos memorialistas.

*utilizaram, confeccionando esse triângulo memorável que deveria passar à posteridade. Mero, fortuito acaso."*¹²

Partindo deste estreito núcleo central, os relatos memorialistas contam que, lentamente, a cidade expandiu-se, descendo as fraudas dos morros, contornando os vales profundos, abrindo caminhos para o sertão, mas o velho Triângulo continuou sendo o foco de irradiação de progresso e desenvolvimento para toda a cidade. Dele tudo partia, para ele tudo afluía, e assim permaneceu até boa parte do século XX.

Os primeiros melhoramentos urbanos que a cidade conheceu, como calçamento, iluminação pública e construções arquitetonicamente mais bem acabadas localizaram-se no Triângulo. Segundo Jules Martin, a cidade que em meados do século XIX *"tinha um aspecto monótono e tristonho"*, já em fins deste mesmo século apresentava *"avenidas arborizadas e bem tratadas, o calçamento excelente, a iluminação esplêndida e arquitetura suntuosa..."*¹³ Esse aspecto moderno rapidamente adquirido pelo Triângulo foi bem descrito por Alfredo Moreira Pinto, no livro **A cidade São Paulo em 1900: impressões de viagem**. Aí ele mostra que a agitação urbana presente, sobretudo na região central, permitia comparar São Paulo às grandes cidades européias. *"Entretanto o aspecto da cidade não é feio, sente-se nela a vida e a animação das grandes cidades européias. A rua 15 de Novembro, a de São Bento, a Direita ou Marechal Floriano e o largo do Rosário recomendam-se pela suntuosidade de seus prédios, pela*

¹² Moura, Paulo Cursino de. **São Paulo de Outrora (evocações da metrópole)**, Belo Horizonte, ed. Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1980, pág. 20; a primeira edição é de 1932

¹³ Martin, Jules. *op. cit.*, pág. 90

*febril circulação de milhares de indivíduos e pela infinidade de importantes casas comerciais de que dispõe. Todas elas são atravessadas por faustosos trens particulares, por muitos carros de aluguel e por centenas de outros veículos..."*¹⁴

Ernani da Silva Bruno demarca que o Triângulo, nessa mesma época, concentrava as atividades urbanas mais importantes e, por isso, tinha um aspecto mais moderno que o restante da Paulicéia. Assim, ele nota que *"nas ruas São Bento, 15 de Novembro, do Comércio - nas quais já em fins do século passado se viam as grandes casas comerciais e bancárias - ostentavam-se edifícios considerados elegantes para a época. Em geral de um ou dois andares"*.¹⁵ Ele acrescenta, ainda, que desde fins do século XIX, desenvolvia-se, nessa região da cidade, um comércio bastante diversificado que oferecia as mais variadas mercadorias, inclusive uma grande quantidade de artigos importados. *"J. Flash, na rua de São Bento, anunciava artigos franceses, ingleses e alemães concernentes à alfaiataria, juntamente com vinhos do Reno e com o famoso 'Tokayer', e a Casa Garraux, 'grands vins de Champagne', 'vins du Rhin', conhaques e licores, ao lado de livros, carimbos de borracha e burras de ferro."*¹⁶ O elemento importado, segundo Ernani da Silva Bruno, torna-se cada vez mais comum na vida paulistana e, praticamente, invade as ruas centrais da Paulicéia com uma multiplicidade de nomes, sobretudo franceses, espalhados nas prateleiras e nos letreiros dos estabelecimentos

¹⁴ Pinto, Alfredo Moreira. **A cidade de São Paulo em 1900: impressões de viagem**, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900, pág. 24

¹⁵ Bruno, Ernani da Silva. **op. cit.**, pág. 937

¹⁶ Bruno, Ernani da Silva. **op. cit.**, pág. 1162

comerciais. *"As denominações francesas é que se ostentavam ainda em muitos estabelecimentos, não só de barbeiros e cabeleireiros (Au Figaro Parisien, La Grande Duchesse) como em casas de fazendas, de modas e armarinhos: Notre Dame de Paris, Notre Dame de Londres, Au Palais Royal, Au Boulevard, Au Louvre, Au Printemps, ..."*¹⁷

De acordo com os relatos, a rua 15 de Novembro, muitas vezes apelidada de "hipotenusa do triângulo", é considerada a mais importante artéria da cidade do início do século. Alfredo Moreira Pinto salienta que essa rua, por apresentar um fluxo populacional intenso, e uma grande animação urbana é o ponto de concentração de *"tudo aquilo que São Paulo tem de melhor". É principal rua da cidade, a de mais comércio e animação. É continuamente percorrida por bondes e faustosos trens tirados por soberbos cavalos de raça. É por ela que transitam diariamente, centenas de indivíduos de todas as classes e nacionalidades e é ponto para onde converge tudo que São Paulo tem de mais seletos: políticos, jornalistas, acadêmicos, comerciantes, excursionistas, que formam às portas das lojas diversos grupos, onde discutem os mais variados assuntos.* Além disso, segundo este autor, na 15 de Novembro estão os mais importantes estabelecimentos da cidade,

¹⁷ Idem. *Ibidem*, pág. 1163

Jeffrey Needell, no **Belle Époque Tropical**, demarca que o Rio de Janeiro, desde a década de 20 do século XIX, já apresentava um florescente comércio de artigos de luxo importados da Europa e, principalmente, da França que é vista, nessa época, como centro irradiador do progresso e da modernidade. No Brasil, esse imaginário é intensificado por uma farta literatura, centrada na capital francesa que aparece como modelo a ser imitado. Cf. Needell, Jeffrey. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**, São Paulo, Cia das Letras, 1993

entre eles as redações do principais jornais e bancos: "as redações dos jornais *Correio Paulistano*, o decano da imprensa paulista, *Diário Popular*, *Estado de São Paulo* e *Platéia* e os luxuosos prédios em que funcionam o *London and Brazilian Bank*, o *Banco União de São Paulo*, o *London and River Plate Bank*, o *Banco Alemão*, o *Banco Comércio e Indústria*, o *Club Internacional*, a *San Paulo Railway Company*, o *Juizo Federal*, o *Restaurante Progredior*, o *Jockey-Club*, a importante livreria *Garraux* e a *Cia Mecânica*".¹⁸

Jules Martin reafirma as enfáticas considerações de Alfredo Moreira Pinto sobre a rua 15 de Novembro. E, como este, também dá destaque a essa rua como ponto no qual se concentram os mais importantes prédios da cidade. Ele diz: "É ali que pulsa mais forte o progresso de São Paulo. Os bancos, os estabelecimentos comerciais de primeira ordem, os cafés, as rodas políticas, os jornais, fazem dessa rua irregular ainda, apesar do aluvião demolidor da Prefeitura, o centro de toda a vida de uma importante cidade de 280.000 habitantes." Reforçando ainda seu papel na vida da cidade do começo do século, Jules Martin estabelece uma comparação entre ela e a rua do Ouvidor, considerada, na época, a mais importante artéria carioca. Ele demarca que "a rua 15 de Novembro não terá, talvez, a importância política da rua do Ouvidor, do Rio de Janeiro, mas iguala-a em animação, em movimento comercial. Mais larga do que a principal artéria fluminense, possui prédios suntuosos, magníficas casas de moda, ricas joalherias. A noite, bem iluminada, é frequentada por grande número de habitantes dos arrabaldes, o que contrasta com a rua do Ouvidor, morta completamente depois de 7 horas de noite." E acrescenta que "entre os seus belos edifícios, sobressai a **Galeria Werbendoerfer** - única no Brasil. Serve de comunicação para a rua

¹⁸ Pinto, Alfredo Moreira. *op. cit.*, págs. 224/225

da Boa Vista e tem uma cobertura de cristal, suportada por arcos de ferro, contendo 36 armazéns no pavimento térreo e 54 escritórios no primeiro andar."¹⁹

Em relação a todos os espaços abordados pelos memorialistas, o Triângulo Central - e arredores - é não apenas o mais cuidadosamente descrito, como também é definido como o símbolo mais importante da cidade do limiar do século XX. Isso porque, nesse momento, ele é considerado como ponto de concentração e irradiação de tudo que São Paulo tem de mais moderno - em termos de comércio, moda, sociabilidade, lazer e melhorias urbanas. Nesse caso, pode-se dizer que a região central é lugar a partir do qual o progresso se difunde para outras áreas urbanas e, portanto, é fundamental que ele seja detalhadamente registrado e enfaticamente lembrado. Paulo Cursino de Moura sintetiza as falas exaltativas sobre o Triângulo paulistano declarando: *"O Triângulo concentra em si a grandiosidade da metrópole paulista. Afigura-se-nos um rizoma enorme, cujos tentáculos, distendendo-se pelos bairros, distribuem a vitalidade da cabeça pensante que lhes dirige os movimentos."*²⁰ Nesse sentido, ele é visto como a realização dos nobres ideais paulistas de progresso e desenvolvimento já presentes nos primeiros bandeirantes. Dessa forma, é apontado não só como marco físico do espaço urbano, mas sobretudo, como lugar fortemente representativo do espírito moderno. Por isso, Paulo Cursino ainda insiste: *"O Triângulo é o emblema da vitalidade paulista. Unidos todos para o mesmo fim e para o mesmo ideal, o gênio realizador*

¹⁹ Martin, Jules. *op. cit.*, pág. 96/98

²⁰ Moura, Paulo Cursino de. *op. cit.*, pág. 26

dos bandeirantes se centralizou nessa união forte para a grandeza da raça."²¹

É interessante ressaltar que, nas narrativas memorialistas, ao mesmo tempo em que se procura narrar as histórias quase lendárias do surgimento dos logradouros urbanos, o progresso é exaltado com toda a sorte de alterações que ocasionou ao território da cidade. Nos relatos, esse duplo movimento pode ser entendido levando-se em conta que, de um lado, o memorialista precisa estabelecer as origens para que o espaço transformado seja, novamente, articulado ao território da cidade e, mais que isso, seja reconhecido pelos cidadãos. Por outro lado, o progresso é fortemente aclamado porque, para os memorialistas, ele é o elemento que traz a mudança e, com ela, o novo e o moderno - padrões altamente valorizados no início do século - mas também, naquele momento, com sentidos e significados pouco definidos e definitivos.

Fazendo parte do Triângulo Central e de sua movimentada vida estava o largo do Rosário - no entrecruzamento das ruas 15 de Novembro e de São Bento -, também chamado de *"coração da cidade"*. Por estar na confluência de todas as linhas de bonde que circulavam pela Paulicéia no início do século, era um lugar de grande movimentação urbana e ponto predileto do rapazes elegantes, como relata Jules Martin: *"Ali, nas confeitarias, ao centro do largo, ou nas esquinas das ruas, reúnem-se os rapazes de São Paulo. É o ponto predileto dos desocupados 'chics' e preferido pelos*

²¹ Idem. *Ibidem*, pág. 26

*pacatos burgueses à espera do bonde da Light, que todos passam por aí."*²²

Partindo do Largo do Rosário saía a famosa Ladeira de São João, rua conhecidíssima dos boêmios da cidade, pois além de vários cafés e confeitarias, era lugar de concentração das mais frequentadas casas de espetáculos do começo do século, como o Politeama e o Cassino Paulista. Paulo Cursino de Moura lembra que a movimentação urbana nessa rua não parava dia e noite. Nas primeiras horas do dia, antes mesmo de amanhecer começava a agitação dos vendedores do Mercadinho de São João: *"Barracões feios, imundos, suando energia e atividade..." (...) "Que luta! Um formigueiro de gente, o velho Mercadinho! Desde a madrugada, o rebuliço, a algazarra do pregão. A sinfonia do reclame. O palavrão da plebe. O calão da escória, nos esgares da vida, aos soquinhos da palpitação esclerótica. O dia inteiro nessa lufa-lufa extenuante"*.²³

Segundo o memorialista, a rua de São João não dormia, já que ao anoitecer *"recomeçava a vida noturna. O pequeno ziguezague, a mesma azáfama. Outra gente. Outros atores. Outros espectadores. Vida noturna. Divertimentos. Luz. Alegria. A grita dos jornaleiros. O 'Nogat', dos doceiros. As portas feéricas tilintando, campainhando as novidades e atrações."*²⁴

Cícero Marques, que dedica o livro **De pastora à Rainha. Memórias** a essa velha rua da Paulicéia e à sua animada vida noturna, mostra que seu desenvolvimento se confunde com

²² Martin, Jules. *op. cit.*, pág. 92

²³ Moura, Paulo Cursino de. *op. cit.*, pág. 96

²⁴ Moura, Paulo Cursino de. *op. cit.*, pág. 96

o da própria cidade e enfatiza esse pulsar ininterrupto de sua vida: *"De dia é febricitante, dinâmica e austera. À noite, tu te transformas em boêmia alegre, que bebe e que canta, baila e ri."*²⁵

No álbum **São Paulo em 1900: imagens de Guilherme Gaensly**, Boris Kossoy observa que a rua de São João era uma das mais extensas de São Paulo no começo do século, funcionando como eixo de ligação entre o centro secular e as áreas mais novas da cidade, pois desembocava na alameda Glette, no recente bairro dos Campos Elíseos.²⁶ Cícero Marques assegura que desde o século XVIII e durante o XIX - quando ainda se chamava Ladeira do Acu - ela já era um caminho de ligação com as regiões mais afastadas da cidade e com alguns lugarejos do Estado, pois era ponto de passagem de tropas que traziam mantimentos das povoações vizinhas e levavam mercadorias para as fazendas do interior do Estado.

Esse mesmo memorialista percebe que, nessa época, a rua de São João era tranquila, pacata e terrosa - e, nos dias chuvosos, lamacenta - como, de resto, a própria cidade no passado. *"Pobrezinha!... Tetricamente iluminada pelos lampiões de azeite, cujo bruxulear das luzes transformava em duendes gigantes a sombra das comas os coqueiros. Era calma a tua vida, quando calma era a tua rua. O próprio rumor dos sapatorras tu o não ouvias, porque nem lagedo tinhas para que nele ressoassem os passos da marcha dos caminhantes. Pelo meio dia o rechinar dorido dos carros de boi, gemendo sob o peso da carga que carregavam trazendo mantimentos dos sítios das povoações vizinhas: Guarulhos,*

²⁵ Marques, Cícero. **op. cit.**, pag.228

²⁶ Kossoy, Boris. **São Paulo em 1900: imagens de Guilherme Gaensly**, São Paulo, Editora Kosmos, 1988.

São Miguel, Penha e Freguesia do Ó, ou então, o estrupido da tropa com o cíncerro da madrinhã, lamacento a dura jornada de Santos e a penosa subida da Serra, de onde conduziam as mercadorias para abastecer os armazéns e as fazendas de Jundiaí e Campinas."²⁷

De Ladeira do Acu, velho caminho de tropas - apelidado pelos tropeiros e carreiros de "*Morro do Sabão*" e "*Morro de Quebra Cangalhas*" - para a avenida São João do século XX, houve, segundo os relatos, uma mudança profunda que acompanhou o progresso paulistano em todos os seus desdobramentos. A metamorfose completa veio no governo do prefeito Raymundo Duprat, que transformou a Ladeira do Acu em uma ampla avenida de 30 metros de largura.²⁸ Cícero Marques acredita que, com o passar dos anos, um verdadeiro milagre se operou, "*de humilde Pastora a Rainha*", ou seja, tornou-se "*garbosa e civilizada, magnificamente edificada e feericamente iluminada, és a opulenta Avenida São João.*"²⁹ Paulo Cursino de Moura completa a fala de Cícero Marques: "*São João, pois, integrado na plena posse dos seus domínios. Século XX. República. São Paulo crescendo, crescendo, crescendo. São João nas pegadas. Firme, sem cansaço, acompanhando a ascensão.*"³⁰

É fundamental salientar que, para os memorialistas, o germe do progresso é visto como já posto no passado. Assim, a

²⁷ Marques, Cícero. *op. cit.*, pág. 227

²⁸ Bruno, Ernani da Silva. *op. cit.*, pág. 987

²⁹ Marques, Cícero. *op. cit.*, pág. 228

³⁰ Moura, Paulo Cursino de. *op. cit.*, pág. 96

idéia presente em todos os relatos é de que a pequena vila de São Paulo de Piratininga, ao ser fundada, transforma-se numa espécie de mito de origem, "embrião" daquilo que seria a metrópole do século XX. Nesse sentido, a "história-memória" da cidade, desde a sua fundação, é articulada de forma que seja vista como a narrativa verídica e, mais-que isso, explicativa e justificadora do tempo presente e futuro. Eles são, para o memorialista, a comprovação daquilo que estava previsto e predeterminado no passado. Esse movimento da memória fica evidenciado no trecho de Cícero Marques sobre a avenida São João que ele vê no presente: *"És o luminoso traço de união de duas épocas distintas: - O presente, nesta magnífica obra arquitetônica; o passado, na atalaia vigilante que fita sorrindo, amorosamente, a predestinada Piratininga que ela assistiu surgir das mãos benfazejas do milagroso São José de Anchieta."*³¹ Por conseguinte, passado e presente aparecem em uma linha de continuidade ininterrupta, como se estivessem unidos por uma predestinação.

Diretamente articulado à vida do Triângulo e, como esse, também quase tão antigo quanto a própria vila de São Paulo de Piratininga, o largo da Sé - com sua velha igreja colonial - é visto, nos relatos, como um dos marcos da cidade que, mais fortemente, se gravou na memória e na tradição dos paulistanos. Apesar de ter seu traçado profundamente alterado, e seu templo centenário demolido, logo nos primeiros anos do século XX, o largo da Sé guarda, para os memorialistas, fortes recordações da cidade do passado. *"Em 1911 a Sé desapareceu... mas, ficou, na tradição*

³¹ Marques, Cícero. *op. cit.*, pág. 229

imutável da sua grandeza, o exemplo de uma vida de refulgências históricas. Ave, velha Sé!", exclama Paulo Cursino de Moura.³²

Enfatizando também sua importância na vida da cidade colonial, Raimundo Menezes demarca que foi ao redor do largo da Sé que *"começou a fervilhar a vida muito primitiva do vilarejo"*, já que o pequeno largo, no qual estava fincada a mirrada igreja, funcionava quase como a antiga ágora grega, onde importantes decisões eram tomadas e, todas as notícias do Reino eram transmitidas à população. *"Era ali, no Pátio da Sé, que se reunia o povo para as grandes deliberações, onde se sabiam as enormíssimas notícias vindas do Reino, e onde se resolviam as pendências de famílias."*³³ Reforçando essa função social, o memorialista Manoel Vitor afirma que o largo era usado pelos governantes sempre para, *"com atos religiosos, completarem as festas de caráter administrativo e era ali na Matriz que se efetivava a função civil do registro de casamentos e óbitos. E em torno do vestuto templo colonial vivia o povo como diante de uma repartição pública para obter com o pároco as certidões"*.³⁴

Nos fins do século XIX, as primeiras alterações urbanas se faziam sentir na região do largo e, segundo os memorialistas, uma nova animação tomava conta da área. Ernani da Silva Bruno observa que, nesse período, instalaram-se *"cafés, bares, confeitarias e cervejarias mais confortáveis... Cafés até com*

³² Moura, Paulo Cursino de Moura. *op. cit.*, pág. 47

³³ Menezes, Raimundo. *op. cit.*, pág. 85

³⁴ Vitor, Manoel. **São Paulo de Antigamente: Histórias Pitorescas de suas Ruas**, São Paulo, Grafisty, 1962, pág. 48

'gabinetes reservados para as famílias' e outros já servidos, no dizer de um cronista, por 'caixeiras amáveis'".³⁵ Além disso, a Sé tornou-se ponto dos tálburis de aluguel, cujos animados cocheiros - em sua maioria italianos - faziam uma enorme algazarra, jogando "morra" para passar o tempo. "Os tálburis paulistanos tinham, no espécime da raça, característicos da velha tipóia. Sonolentos e tardos, a algazarra dos cocheiros os despertavam no jogo da "morra" ou no tripúdio do respeito e da linguagem para a conquista dos fregueses, vexados e confundidos, diante daquele fileira de acenos e preferências."³⁶

Entretanto, nos primeiros anos do século XX, a velha Sé - há séculos encravada no largo de mesmo nome - torna-se alvo dos novos planos urbanísticos traçados para a cidade, que pretendiam aumentar o espaço de circulação nessa região central, onde o fluxo de veículos e de pessoas cada vez mais se intensificava. Assim, com a demolição da Sé e de várias outras construções e ruas situadas em seus arredores, o antigo espaço familiar desaparece definitivamente. O memorialista Miguel Milano narra como se deu a remodelação do largo da Sé: *"A 27 de outubro de 1911, estabelecendo o acordo entre a Cúria e a Prefeitura, esta cedeu àquela o espaço do antigo Teatro São José e demoliu a Catedral, cuja área era indispensável ao alargamento do Pátio da Sé. A demolição da histórica igreja foi iniciada em dezembro daquele ano, com sacrifício do belíssimo quadro Conversão de São Paulo, que Almeida Júnior pintou em seu teto em 1888."* E continua: *"A necessidade de desafogar o centro da cidade, de acordo com o plano urbanístico da Prefeitura, determinou não só o arrasamento*

³⁵ Bruno, Ernani da Silva. *op. cit.*, pág. 1132

³⁶ Moura, Paulo Cursino de. *op. cit.*, pág. 36

*das duas igrejas (Sé e São Pedro) como dos quarteirões que se prolongavam até o largo do Teatro (praça João Mendes)."*³⁷

Essa mudança é enfaticamente abordada por alguns memorialistas, que definem o progresso como elemento responsável pela constituição do novo traçado urbano da cidade. Assim Manoel Vitor fala que *"em 1911 a velha Sé foi demolida e começou então, já na programação avassaladora do progresso, a construção daquela que deveria ser a catedral."*³⁸ Paulo Cursino de Moura acrescenta: *"Exuberantemente plantada no pequeno largo, âmago da civilização, ouviu o ruído dos passos alígeros do progresso. E não se apavorou..."*³⁹ Nesse novo ritmo, os marcos da cidade do passado - como a Sé e seu pacato largo - passam a existir apenas no plano da recordação, capaz de sustentar, ao menos para o memorialista, as imagens de outrora em sua pureza original. Nesse sentido, Miguel Milano assegura que: *"com a derrubada desapareceram as ruas e da São Paulo antiga ficou apenas a denominação Sé da praça, a acender nos corações dos velhos um mundo de recordações."*⁴⁰

Paulo Cursino de Moura destaca essa capacidade que o memorialista vê na memória de resguardar, de forma intacta, o espaço urbano do passado. Ele diz: *"São Paulo cresceu demais, por isso afigura-se-nos um remoto passado recente."* O determinismo

³⁷ Milano, Miguel. *op. cit.*, pág. 18

³⁸ Vitor, Manoel. *op. cit.*, pág. 47

³⁹ Moura, Paulo Cursino de. *op. cit.*, pág. 35

⁴⁰ Milano, Miguel. *op. cit.*, pág. 18

histórico dos paulistas, acalentado pelo progresso constante, fez de São Paulo sempre o pioneiro do Brasil, mas *"nas dobras da viração e, no sussurro da metrópole soberba, a evocação indelével do Largo da Sé, placa que se não desatarracha nunca da consciência sentimental do povo paulista. E se o retângulo é inalterável, não há porque desistamos de ajustar-lhe os ângulos"*.⁴¹ Demolir e transformar o antigo território da Paulicéia não é visto como um problema ou algo negativo porque, para o memorialista, sua narrativa tem a capacidade de preservar o espaço desaparecido em sua integridade original.

Ainda nos conduzindo pelo centro antigo da Paulicéia, os relatos nos levam ao Jardim do Palácio - que a partir de 1936, passa a ser chamado de Pátio do Colégio - lugar onde a cidade foi fundada. Paulo Cursino de Moura fala sobre a fundação: *"São Paulo ficou fundado, eis o que nos interessa. Disso o nosso testemunho é insuspeito. Onde? Ali, no Largo do Palácio. Fundou-se o Colégio, o primeiro ereto no Brasil colonial de então. Daí o nome - Largo do Colégio."* E completa dizendo que, nesse momento, os primeiros colonizadores traçaram o futuro paulistano que culminaria na cidade moderna do começo do século XX: *"No topo da colina lançou a semente que cresceu e frutificou. Ele (Anchieta) e os seus companheiros da Companhia de Jesus." (...) "Do pequeno embrião, que a mão calosa do catequista protegeu e seu hálito de fé bafejou, surgiu a realidade do São Paulo moderno."*⁴² Nesse caso fica evidente a articulação da memória, para o memorialista, já que ele estabelece, claramente, o passado como mito de origem, ou seja, lugar investido de todas as potencialidades a serem desenvolvidas

⁴¹ Moura, Paulo Cursino de. *op. cit.*, pág. 38

⁴² Idem, *Ibidem*, pág. 30

no tempo presente e futuro. E, dessa forma, o progresso posterior e sempre crescente da cidade é possível, porque já estava posto, desde sempre, no passado.

Ernani da Silva Bruno conta que, em fins do século XIX - precisamente em 1885 -, com a derrubada de uma parte da ala principal do antigo convento dos jesuítas, foi construído nesse local, um jardim gradeado. Afonso Schmidt acrescenta que, para esse jardim, estavam voltadas as janelas do Palácio onde morava o presidente do Estado e sua família. A paisagem descrita é bucólica e delineia um tempo em que, no ritmo ainda pacato da vida urbana, as famílias paulistanas costumavam passear todos os domingos nos fins de tarde, entre os canteiros floridos do jardim, ouvindo os concertos realizados pela banda da Força Pública. O memorialista narra a remota cena: *"Ainda nem se sonhava com o Viaduto da Boa Vista. Em seu lugar viam-se barrancos gramados, com árvores e quintalórios das casas da Ladeira João Alfredo. Na esquina, ficava o coreto. Abaixo do coreto, olhando para o Largo do Tesouro, a fonte do Palácio. Era uma mulher de cimento armado despejando um pote."* (...) *"No coreto, aos domingos, o Maestro Antão, que ainda era tenente, realizava concertos com uma seção da banda da Força Pública. Uma de suas peças era particularmente apreciada pelos paulistanos de mil novecentos e pouco. Chamava-se ela 'Os anjos da meia-noite'. Para executá-la a rigor, alguns músicos deixavam o coreto e iam esconder-se atrás das árvores. Os solos de flauta e de clarineta, perdidos na noite, davam uma augusta beleza à partitura. Durante aquelas retrêtas as famílias passeavam entre os canteiros cercados de garrafas. Pessoas da família do presidente debruçavam-se nas janelas, apreciando o contentamento*

popular."⁴³ Jorge Americano completa a idílica cena: *"Terminado o jantar, às cinco, as famílias dos bairros vinham vindo. Sentavam nos bancos do jardim. Os vadios eram escorraçados e ficavam para o lado de fora das grades."*⁴⁴

Frente a este quadro que parece destacar-se das descrições feitas até aqui, é importante notar que a narrativa memorialista algumas vezes oscila, ou seja, muda de abordagem em relação à cidade. Isso quer dizer que, ao mesmo tempo em que dá destaque à modernização do espaço urbano e faz uma apologia do progresso e do novo, os memorialistas apontam os traços ainda provincianos e pacatos da nascente metrópole. Assim, o resultado final das descrições empreendidas é uma cidade de múltiplas faces, onde os velhos aspectos e os novos se mesclam ininterruptamente compondo tramas inéditas.

A marcha para os arrabaldes

Seguindo para o lado oposto ao centro antigo de São Paulo, somos guiados pelos memorialistas, em fins do século XIX, para as terras do Barão de Itapetininga, que cobriam todo o vale do Anhangabaú e chegavam até onde, hoje, está a praça da República. Os relatos memorialistas sustentam a idéia de que, nesse período, os limites urbanos ao expandirem-se, atingiram

⁴³ Schmidt, Afonso. *op. cit.*, pág. 26

Retrêta é um concerto popular de banda em praça pública. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, São Paulo, Editora Nova Fronteira, 1986

⁴⁴ Americano, Jorge. *op. cit.*, pág. 215

justamente essa região da cidade que, por ter um relevo muito acidentado, dividia São Paulo em dois extremos precariamente comunicáveis. Isso por que, entre eles estavam as plantações de chá do Barão de Itapetininga e o leito do Anhangabaú, que eram obstáculos naturais à travessia e ao contato entre as duas regiões.⁴⁵

A partir das últimas décadas do século XIX, com o crescimento acelerado da cidade em direção à Consolação e à intensificação do fluxo urbano entre o centro velho e essa região, as antigas pontes do Acu e do Lorena, tornaram-se insuficientes para estabelecer a ligação entre os dois lados da São Paulo oitocentista. Paulo Cursino de Moura conta que a passagem de um lado a outro era quase sempre penosa àqueles que se aventuravam: *"Os antigos moradores da cidade, para irem do planalto central ao lado oposto do Municipal, tinham que descer a encosta, atravessar o vale, passar pela Ponte do Lorena sobre o Anhangabaú e subir, dando a volta, a Ladeira do Paredão, hoje Xavier de Toledo. Era, pois, um exercício penoso, principalmente em*

⁴⁵ Vale lembrar que a cidade de São Paulo surgiu com limites bem precisos, entre o rio Tamanduateí e o Anhangabaú e, este último, dando o nome ao vale que estendia-se do largo do Piques - hoje Praça das Bandeiras - até o Beco dos Sapos - atual praça do Correio. A importância do Anhangabaú sempre foi grande na vida da cidade, pois, além de demarcar o perímetro urbano, tornou-se, com o crescimento deste, um obstáculo a ser transposto. De um lado ficava o centro antigo da cidade - onde as atividades urbanas mais importantes eram realizadas - e de outro o Piques - ponto de entrada de tropas do sul e interior da Província -, a Consolação e o Arouche que, no início do XIX, começava a ser povoado por chácaras. Para ligar os dois extremos urbanos, cortados pelo Anhangabaú foram construídas pontes, já no século XVIII: a do Acu, em direção à Santa Ifigênia, e a do Lorena, rumo à Consolação. Cf. Vaz, Luiz. "A Ponte Do Bebedouro da Assombrações" in **Memória**, São Paulo, DPH - Eletropaulo, dez/1992, n. 16, pág. 19

épocas chuvosas."⁴⁶ Ele ainda acrescenta que essa travessia de um lado a outro da Anhangabaú sempre foi um dos graves problemas enfrentados pela administração municipal. Todos os dias, as pontes que faziam a ligação entre os dois lados recebiam uma sobrecarga, de modo que, *"a sua estrutura de madeira, escolhida, embora, na serraria do alemão Sydow, estabelecido onde hoje justamente está localizado o Teatro Municipal, não comportava o trânsito que todo se fazia por elas, trânsito notadamente de carros de bois de eixo móvel e rodante arrombadores de estradas. Além disso, de tempos em tempos, as grandes chuvas se incumbiram de demolir e arrastar os pontilhões ... Um osso na administração".*⁴⁷

A topografia acidentada - que caracterizava a área central da cidade de São Paulo - e a expansão urbana acelerada, em fins do XIX, incentivou, segundo Ernani da Silva Bruno, novas soluções urbanísticas que ele chama de *"era dos viadutos"*, inaugurada com a construção do Viaduto do Chá. Esse viaduto e, posteriormente o Santa Ifigênia e o Boa Vista, deram uma fisionomia peculiar ao centro paulistano do início do século. Afonso Antonio de Freitas confirma o fato do relevo acidentado do centro da Paulicéia ter tornado necessária a construção de viadutos, dizendo: *"o vale profundíssimo que, ao dobrar dos séculos, as nascentes do Anhangabaú cavaram bipartindo e, pelo seu afluente Saracura Grande, tripartindo o maciço projetado pela Serra do Mar entre os rios Pinheiros e Tamanduateí até as margens*

⁴⁶ Moura, Paulo Cursino de. *op. cit.*, pág. 130

⁴⁷ Idem. *Ibidem*, pág. 142

do Tietê, obrigou o paulistano a construir os viadutos do Chá e Santa Ifigênia".⁴⁸

Com unanimidade, os memorialistas narram a história da construção do famoso viaduto idealizado por Jules Martin que, em fins do século XIX, *"viria resolver importantíssimo problema urbano: naquele tempo, a passagem de pedestres e veículos pelo Anhangabaú, do centro para o Arouche, Vila Buarque, Lapa, etc., ou vice-versa, era muito difícil."*⁴⁹ Mas lembram que, no meio do caminho, os trabalhos foram paralisados *"durante algum tempo, por causa da oposição dos Barões de Tatuí, que não queriam chegar a um acordo para a desapropriação da casa deles, na rua Líbero Badaró."*⁵⁰ Raimundo Menezes dá o desfecho da disputa contando que vários meses depois, a casa dos Barões foi desapropriada em meio a uma grande comemoração popular: *"o cortejo, de várias centenas de pessoas, era puxado pela famosa banda de música do mestre Veríssimo, e durante todo o trajeto foram soltados numerosos foguetes."* E acrescenta que, *"naquela mesma tarde, quando a Prefeitura quis iniciar o trabalho de demolição, o povo fez questão de dar as primeiras picaretadas, derrubando a primeira parede..."*⁵¹ O moderno viaduto de ferro que media duzentos e quarenta metros de comprimento por quatorze de largura foi, finalmente,

⁴⁸ Freitas, Afonso Antonio de. **Tradições e Reminiscências Paulistanas**, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1955, pág. 27

⁴⁹ Menezes, Raimundo. **op. cit.**, pág. 140

⁵⁰ Bruno, Emani da Silva. **op. cit.**, pág. 1099

⁵¹ Menezes, Raimundo. **op. cit.**, pág. 137

inaugurado em 1892, marcando definitivamente a fisionomia da Paulicéia.

Postas todas as justificativas para a construção do Viaduto do Chá e contadas as histórias remotas das complicadas travessias empreendidas antes de sua construção, ele é definido como um dos marcos mais importantes da São Paulo do limiar do século XX. Com suas pernas metálicas apoiadas sobre as extensas plantações que cobriam todo o 'Morro do Chá', o viaduto de ferro destacava-se na paisagem urbana do período, sobretudo por contrastar com o aspecto ainda colonial da cidade. Por isso, ele é visto pelos memorialistas como uma das primeiras e mais evidentes materializações do progresso na cidade e, também, como marca de um tempo em que moderno e antigo se mesclavam na composição do múltiplo perfil paulistano. *"São Paulo, sem o Viaduto que o caracteriza, o Viaduto do Chá, envolto pela garoa, nas noites de frio, com os lampiões esvoaçantes de névoa, não seria o São Paulo das velhas tradições o São Paulo-estudante dos tempos atrás, o São Paulo-'yankee' dos tempos modernos e o São Paulo-boêmio de todos os tempos. O Viaduto personifica a grandeza da Paulicéia onipotente."* Ele é *"o símbolo vivo da cidade, ligando a vida do passado à vida do presente..."*, exclama Paulo Cursino de Moura

inserindo, definitivamente, o viaduto metálico na memória da cidade.⁵²

Antes mesmo da construção do Viaduto do Chá a cidade já deslocava-se para o outro lado do Anhangabaú. Novas ruas eram abertas, loteamentos e novos bairros eram delimitados no perímetro exterior ao velho centro histórico. Ao longo das estradas de ferro, nos arrabaldes mais distantes e de difícil comunicação com o miolo urbano central, espalhavam-se, aleatoriamente, as vilas operárias que pareciam brotar da terra, sem qualquer planejamento prévio.⁵³ Contrariamente, a região próxima à rua da Consolação, onde se estendia o espigão central -

⁵² Moura, Paulo Cursino de **op. cit.**, pág. 126

É interessante demarcar que o termo Paulicéia aparece pela primeira vez no século XIX, na obra de Fontoura Xavier **Opalas**, muitos anos antes de ser utilizado por Mário de Andrade. "Foi num bar da Paulicéia/ e mais ou menos à meia / Noite que Ela entrou na ceia". **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, São Paulo, Editora Nova Fronteira, 1986

Entretanto, Mário de Andrade, com o seu **Paulicéia Desvairada** foi responsável pela difusão e popularização deste "apelido" da capital paulistana.

⁵³ Com excessão do bairro da Luz, que foi um dos primeiros bairros projetados de São Paulo - com planta em forma de xadrez, com ruas largas e lotes desafogados - a maior parte dos bairros operários foram urbanizados muito tempo depois de povoados pelas simplórias e rústicas casas operárias. Vale lembrar ainda que o bairro da Luz se destaca porque já era uma área residencial antes da chegada da estrada de ferro. Assim, sob iniciativa de empreendedores como Glette e Nothmann - donos de grandes extensões de terra na cidade - a Luz foi urbanizada e, posteriormente, com a intensa povoação da região, os bairros residenciais de luxo foram sendo instalados no espigão central, primeiro Campos Eliseos e Higienópolis e, em seguida, a Paulista, considerados regiões mais calmas e saudáveis. Cf. Toledo, Benedito Lima de. **Álbum Iconográfico da Avenida Paulista**, São Paulo, ed. Ex Libris Ltda, 1987

divisor dos vales do rio Pinheiros e Tietê, chamado de Alto do Caaguaçu, considerado, até meados do século XIX, um lugar perigoso, reduto de índios e assaltantes - torna-se lugar de um ousado empreendimento imobiliário, idealizado pelo uruguaio José Eugênio de Lima.

A "idéia mirabolante de Eugênio de Lima alvoroçou meio mundo e não houve na ocasião, quem não o chamasse de doido varrido... Vê lá, meter-sê numa enrascada daquelas!", declara Raimundo Menezes. O espanto geral explica-se, segundo o memorialista, porque "naquele tempo São Paulo era ainda um burgo inexpressivo, feito de becos espremidos, de ruelas e ladeiras sem graça, mal alumeadas a lampiões a gás, em que vivia a população sem entusiasmo, contentando-se com muito pouco, vivendo ao Deus dará. O que ainda emprestava alguma vida à cidadezinha morta, era a estudantada da Faculdade de Direito, com suas patuscadas e com suas gostosas serenatas... O mais era daquele jeito: um sensaboria sem par."⁵⁴

Apesar do espanto geral, Eugênio de Lima levou seu plano adiante e, através do loteamento de várias chácaras, abriu a avenida de 3 mil metros de comprimento por 30 de largura, absolutamente plana, pavimentada com pedregulho branco e arborizada com plátanos e magnólias, que se tornou o orgulho dos paulistanos. *"Avenida Paulista! 2500 metros de extensão.. 847 metros de altitude. Arborizada. A primeira que recebeu o tapete*

⁵⁴ Menezes, Raimundo. *op. cit.*, pág. 127.

É importante notar que, como já disse anteriormente, os relatos memorialistas são vacilantes. Ao mesmo tempo que destacam os novos aspectos urbanos tentando dotar a cidade de um perfil moderno, eles são, de certa forma, traídos por sua própria observação que, ainda, detecta muitos traços provincianos e atrasados na cidade da virada do século.

macio do asfalto. Reta, com um pequeno desvio gracioso - cintura delgada de dama nobre - ao defrontar o Trianon. Menina dos olhos do povo e das administrações municipais. Linda. Orgulho dos paulistas. Cartão de visitas a quantos desejavam travar conhecimento com o São Paulo de dez, de vinte anos atrás", declama Paulo Cursino de Moura.⁵⁵

A Paulista tornou-se ponto de atração turística da cidade e todos que a visitavam - sobretudo os estrangeiros - ficavam estarecidos diante da modernidade do projeto. Tanto Raimundo Menezes como Ernani da Silva Bruno citam trechos dos relatos de viajantes que estiveram em São Paulo e se empolgaram com a nova avenida. Luís Casabona, no **São Paulo du Brésil**, escreve em 1905: *"Havíamos atravessado uma boa parte da cidade, e chegando a uma larga avenida arborizada, situada sobre uma elevação e que tem o nome de Avenida Paulista. É um dos mais interessantes pontos de vista. Dominam-se de lá grandes e profundos vales, em um dos quais se estende a cidade".⁵⁶* Alguns anos depois, o francês Gaffre, ao conhecer a maior avenida paulistana, exclama: *"Eu não saberia comparar a Paulista senão a certas avenidas de Nova York."⁵⁷*

⁵⁵ Moura, Paulo Cursino de. **op. cit.**, pág. 244.

⁵⁶ Casabona, Luís. "São Paulo du Brésil", citado em Raimundo Menezes. **op. cit.**, pág. 128 e Bruno, Ernani da Silva. **op. cit.**, pág. 983

⁵⁷ Gaffre, L. A. "Visions du Brésil", citado em Bruno, Ernani da Silva. **op. cit.**, pág. 983 e Menezes, Raimundo. **op. cit.**, pág. 129

Ao narrarem a história do arrojado empreendimento de Eugênio de Lima - que indicava, claramente, a expansão do perímetro urbano para além do núcleo central -, os memorialistas pretendem demonstrar que o novo perfil urbano transformava o velho traçado da cidade. No entanto, ao mesmo tempo em que enfatizam a fisionomia moderna que São Paulo adquire no início do século XX, eles apontam a presença de vários aspectos provincianos e atrasados no espaço urbano. Dessa forma, relatam que os caminhos de acesso para as regiões mais novas e afastadas da cidade eram longos e precários, como aquele que levava à recém aberta avenida Paulista, que seguia pela *"rua da Consolação, meio estrada e meio rua"*, para uma área parcamente povoada por chácaras, próximas ao Hospital de Isolamento.⁵⁸ O penoso percurso a ser trilhado para atingir a alta região na qual a Paulista estendia-se, é detalhadamente descrito por Antonio de Almeida Prado em suas memórias: *"O Viaduto do Chá aberto ao trânsito em 1892, era uma novidade e a Avenida Paulista, novinha em folha, uma atração turística. Para alcançá-la, empreendia-se excursão em bonde a tração animal, os vulgarmente chamados 'bondes de burro', que subiam a ladeira da Consolação até o portão do Cemitério, com um par de bestas apenas. Fazia-se aí pequena parada para juntar-se outra parelha, a fim de vencê-la até o topo do espigão divisor das águas das vertentes da Consolação e do futuro Jardim América, terras fora da vila e termo, propriedade de rústicos chacareiros portugueses."*⁵⁹

⁵⁸ Americano Jorge. *op. cit.*, pág. 101

⁵⁹ Prado, Antonio de Almeida. "Crônica de Outrora", citado em Toledo, Benedito Lima de. *op. cit.*, pág. 12

É importante demarcar que, nessa narrativa oscilante entre as imagens do novo e do velho, do moderno e do antigo - e vice-versa -, os memorialistas privilegiam o aspecto moderno e progressista que São Paulo adquire já em fins do século XIX. Contudo, a imagem da cidade que se constitui a partir dos relatos é a de um espaço de múltiplas faces e de características diversas, que se esquia de todas as investidas que procuram dotá-lo de uma identidade única e definitiva.

Outra área situada fora da região central que ganha destaque nos relatos memorialistas é o Jardim da Luz, o mais antigo jardim público da cidade de São Paulo. Na provinciana Paulicéia de meados do XIX, o Jardim da Luz é apontado como único lugar de lazer urbano da população, onde realizavam-se quermesses, concertos musicais, festas populares e, por isso, passou a ser ponto de convergência dos moradores - de todas as classes sociais - principalmente após a inauguração da estrada de ferro Inglesa. *"De então para cá", Jules Martin assegura que o Jardim da Luz "tem sido procurado para quermesses, festas de caridade e outros divertimentos, entre os quais a ascensão do aeronauta Zeballos em 1876."*⁶⁰ E Cícero Marques confirma: *"mesmo para quem viesse do Rio, onde os divertimentos são em maior número, visto ser centro mais populoso, todavia, não deixaria de ser agradável assistir à quermesse do Jardim da Luz."* Sobretudo nos fins de semana *"o Jardim da Luz regorgitava de uma turba selecionada: moças... flores... música... alegria... um ambiente que lembrava aqueles descritos nos contos de 'Mil e uma Noites'".*⁶¹

⁶⁰ Martin, Jules. *op. cit.*, pág. 68

⁶¹ Marques, Cícero. *op. cit.*, pág. 161

Dada a importância social deste logradouro público, ele tornou-se centro de especiais atenções em todas as administrações municipais. Assim, *"não houve governo, durante as últimas décadas do século passado que não fizesse alguma coisa para embelezar o antigo logradouro paulistano: ele foi se enriquecendo não só de árvores e de flores novas, como de estátuas, de portões monumentais e até de um observatório."*⁶²

A primeira importante reforma urbana nesse jardim foi realizada no governo de João Teodoro (1872-1875) que, segundo Ernani da Silva Bruno, mandou trazer árvores e flores do Rio de Janeiro para embelezar o jardim e, também, construiu um observatório. *"Ficava esta torre na sua aléia central, em frente à Estação da Luz, e como era cilíndrica passou a ser conhecida pelo nome de Canudo do Dr. João Teodoro. Tinha uns vinte metros de altura, com quatro ou cinco andares, e acesso por uma escada interna. No alto, um mirante."*⁶³ Além das novas plantas e do pitoresco observatório, João Teodoro ainda mandou colocar *"quatro estátuas de mármore representando as estações do ano e uma outra de Vênus, todas compradas no Rio de Janeiro. E a canalização das águas do Tanque Reuno para o seu chafariz..."*⁶⁴

Na administração municipal do prefeito Antonio Prado, que se estendeu por toda a primeira década do século atual, o Jardim da Luz foi completamente remodelado. Boris Kossoy no álbum fotográfico sobre São Paulo em 1900 sustenta que, nesse

⁶² Bruno, Ernani da Silva. *op. cit.*, pág. 969

⁶³ Idem. *Ibidem*, pág. 995

⁶⁴ Idem. *Ibidem.*, pág. 995

governo, *"uma sucessão de obras foram ali executadas logo nos primeiros anos deste século: calçamento e assentamento de guias e sarjetas na alamedas, recuperação dos antigos tanques e construção de novos, construção de abrigos metálicos, aquisição de centenas de bancos para serem espalhados ao longo das vias internas e bosque, além do devido cuidado com a vegetação, merecendo total reformulação o paisagismo segundo 'padrões ingleses'."*⁶⁵

Segundo Ernani da Silva Bruno, o que motivou o prefeito Antonio Prado a realizar reformas diversas no Jardim da Luz foi seu aspecto profundamente provinciano *"cheio de canteirinhos, vários deles com cercaduras de garrafas de fundos para cima, e abrigando apenas perpétuas, semprevivas e manjerição."* Seguindo, então, o estilo inglês o jardim foi todo gramado, os canteiros foram modificados e artisticamente compostos, com flores *"mais aristocráticas"*.⁶⁶ Além disso, foi construído um coreto - para a apresentação da Banda da Força Pública que acontecia todos os domingos -, instalada iluminação à gás e aberto um bar-restaurant que passou a ser explorado pela Companhia Antartica Paulista. Desse modo, Jules Martin constata, em 1905, que *"graças à administração do Conselheiro Antonio Prado, o jardim está completamente reformado e merece todo o zelo da Prefeitura. A superfície é de 90.000 metros quadrados e é, hoje, pequena para conter as milhares de pessoas que aí vão*

⁶⁵ Kossoy, Boris. *op. cit.*, pag. 58

⁶⁶ Bruno, Ernani da Silva. *op. cit.*, pág. 1008

*ouvir aos domingos o concerto da banda policial, contratada pelo Prefeito".*⁶⁷

Após essa ampla transformação o Jardim da Luz tornou-se ponto de lazer predileto dos paulistanos e "*'coqueluche' da cidade*", afirma Raimundo Menezes. "*Não houve janota, que se prezasse de ser na verdade 'gedeão', ou um janota vestido com apuro, de acordo com o último figurino de Paris, que não fizesse questão de todos os domingos à tarde, dar o seu giro pelas ensombradas alamedas.*"⁶⁸ Durante toda a primeira década do século XX, antes da inauguração do Teatro Municipal e do famoso Bar do Municipal - que passou a concentrar o público considerado elegante na época -, Afonso Schmidt lembra que o Jardim da Luz era frequentado por pessoas de todas as classes sociais que "*à noite, se reuniam para ouvir música. Ouvir música era o pretexto. O que elas queriam era passear, namorar, divertir-se.*"⁶⁹

O bairro da Luz, mesmo afastado da movimentação urbana presente no Triângulo Central e seus arredores, apresentava, desde fins dos oitocentos, uma grande animação, decorrente da localização do Jardim Público e também do funcionamento da Estrada de Ferro do Norte. Como ele vários outros bairros - que em meados do XIX eram lugares ermos e de difícil acesso - tiveram seu primeiro surto de desenvolvimento graças à construção das estradas de ferro que rasgaram toda periferia paulistana. Com exceção do bairro da Luz, os bairros que

⁶⁷ Martin, Jules. *op. cit.*, pág. 68

⁶⁸ Menezes, Raimundo. *op. cit.*, pág. 151

⁶⁹ Schmidt, Afonso. *op. cit.*, pág. 27

se delineavam ao longo das linhas férreas desenvolveram-se de maneira bastante diversa do centro paulistano e dos bairros aristocráticos, onde eram edificadas os palacetes dos barões do café.

Seguindo o ritmo da industrialização - que acelerava-se em fins do XIX - os bairros da periferia, que começavam a ser povoados por operários, na sua maioria imigrantes italianos, eram apontados como o lado oposto da urbanização e da modernidade. Ernani da Silva Bruno lembra que o *"Brás 'imenso bairro popular e laborioso' - no depoimento de Gaffre em 1912 - estava ainda com suas ruas, nesse tempo, sem luz e sem pavimentação."* Além disso, o memorialista insiste no contraste absolutamente gritante entre esses arrabaldes urbanos e região central da cidade. Enquanto a zona do Triângulo Central tinha *"casas alegres, construídas de acordo com o gosto mais moderno; exibia lojas de modas, hotéis e restaurantes excelentes; seus moradores se divertiam passeando, frequentando cafês e confeitarias"*, a outra *"era uma área de casas pequenas, acanhadas e sombrias; sem lojas de luxo; com uma livraria só - a pequena Dolivais; com moradores melancólicos, que mantinham 'hábitos e costumes antigos' e em geral não frequentavam os teatros, pois às oito da noite fechavam a porta da rua e iam dormir."*⁷⁰ Alfredo Moreira Pinto também enfatiza o aspecto rudimentar dos bairros operários, sobretudo do Brás, relatando que: *"Para quem desembarca na estação do Norte, da estrada de Ferro Central do Brasil, o aspecto da cidade não impressiona bem. Com efeito, o viajante depara logo com o Brás, arrabalde muito populoso, mas que não prima pelo asseio, nem pela beleza de seus prédios particulares, depois passa por uma extensa*

⁷⁰ Bruno, Ernani da Silva. *op. cit.*, págs. 987/1039

*várzea, muito maltratada, da qual avista a cidade em um alto com os fundos das casas voltadas para o viajante.*⁷¹

Até a década de 70 do século XIX, quando os bairros do Brás, Moóca e mais adiante, Penha eram constantemente castigados pelas cheias do Tamanduateí, que inundavam toda a Várzea do Carmo, eles apresentavam poucos sinais de desenvolvimento, sendo apontados como *"insignificantes povoados com algumas casas de sapé, que a medo erguiam-se no meio dos espessos matagais"*.⁷² Paulo Cursino de Moura relata que, até então, *"o Tamanduateí, insalubre, espraído, com inundações, viveiro inóspito de miasmas, impediu que a cidade se alastrasse à sua direita pelas várzeas imensas do Brás até a Penha e pelas da Moóca"*.⁷³ Foi no governo de João Teodoro que, pela primeira vez, a Várzea do Carmo foi drenada, e assim, a cidade pode espalhar-se para os lados do Brás. Mas somente no começo do século XX, no governo de Antonio Prado, é que a Várzea passou por reformas profundas e teve sua fisionomia transformada. Jules Martin, em 1905, descreve o novo aspecto da área: *"o leito do rio está regularizado, as margens gramadas e arborizadas dão outro aspecto ao local, para quem passa no bonde elétrico, que o transporta para o Brás. A encosta do Convento, toda gramada e*

⁷¹ Pinto, Alfredo Moreira. *op. cit.*, pág. 24

⁷² Pinto, Alfresco Moreira. *op. cit.*, pág. 8

⁷³ Moura, Paulo Cursino de. *op. cit.*, pág. 297

cortada de ruas sinuosas, dá aprazível subida à praça bem cuidada que fica no alto."⁷⁴

É interessante demarcar que as descrições sobre os bairros operários além de estarem especialmente centradas sobre o bairro do Brás, não são objeto de maiores atenções por parte dos memorialistas. A visão que se delineia, a partir das referências esparsas a essas zonas urbanas, é de uma cidade compartimentada, dividida não apenas espacialmente pela Várzea do Carmo, mas sobretudo socialmente.⁷⁵ De um lado a cidade urbanizada e desenvolvida cortada por novas ruas e amplas avenidas, permeadas por imponentes construções absolutamente modernas e, de outro, o desfilar monótono dos "imensos quarteirões de pequenas casas geminadas, em ruas sem pavimentação e sem árvores, alternando-se às vezes com grandes edifícios de tijolo aparente ou de paredes de um encardido cinzento

⁷⁴ Martin, Jules. *op. cit.*, pág. 20

⁷⁵ Raquel Rolnik na tese **Cada um no seu Lugar** faz uma geografia social de São Paulo, demarcando que, de fins do século XIX e início do XX, ocorre uma desmontagem do antigo cenário urbano que, então, passa a ser caracterizado pela presença de diferentes grupos sociais. Por isso, segundo a autora, torna-se premente redefinir e hierarquizar o espaço da cidade a fim de que as diferenças sociais seja territorialmente separadas e, assim, controladas. A nova ordem passa a ser reurbanizar e higienizar o espaço urbano através de um poder público que, estendendo sua rede pelo cotidiano, disciplinarize as condutas sociais. Nessa ação, bairros burgueses são abertos e vilas operárias são construídas, na tentativa de expulsar a pobreza das regiões centrais. Cf Rolnik, Raquel. **Cada um no seu lugar - São Paulo no início da industrialização: Geografia do Poder**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da USP, 1985; Conferir também: Rago, Margareth. "A Desodorização do Espaço Urbano" in **Do Cabaré ao Lar - A Utopia da Cidade Disciplinar. 1890 - 1930**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985

de fuligem, à sombra de altas chaminés que tentavam enfumaçar o céu."⁷⁶

Assim, os bairros operários são definidos, nos relatos, sempre pela negação, vistos como um universo que subsiste à distância do mundo do Triângulo Central, movidos, por uma outra lógica, a do trabalho. Esse contraste fica bem demarcado em uma passagem de Cícero Marques, quando ele conta que, nas últimas horas da madrugada, os boêmios - que frequentavam os cafês e teatros da região central - pegavam os bondes de volta para casa e, neles encontravam os operários que iam para o trabalho: *"Todos eles tem a fisionomia serena, descansada de quem repousou aproveitando a noite para dormir, em contraste com as faces macilentas dos rapazes que para consolo traziam nos olhos o espetáculo do despertar da aurora e os ouvidos, tinham os cheios dos sons cantantes das guitarradas."*⁷⁷

Essa vida boêmia que se desenrolava na região do Triângulo Central é alvo das mais carinhosas e detalhadas descrições, o que indica que, talvez, ela se refira ao território mais familiar para alguns memorialistas, onde intensas experiências foram vivenciadas e, por isso, o cenário é mais que paisagem a ser descrita - ele é espaço afetivo a ser reconstituído pela memória.

⁷⁶ Bruno, Ernani da Silva. **Almanaque de Memória: reminiscências, depoimentos e reflexões**, São Paulo, Hucitec, 1986, pág. 51

⁷⁷ Marques, Cícero. **Tempos Passados**, São Paulo, Moema, 1942, pág. 126

A Cidade Boêmia: o lazer urbano concentrado na região do Triângulo Central.

Através da construção da memória, os memorialistas pretendem inserir a capital paulistana na modernidade, salientando os aspectos urbanos que, caracterizem a cidade como uma metrópole moderna. Nesse sentido, o silêncio quase absoluto em relação aos bairros operários e ao espaço do trabalho e, por outro lado, a ênfase dada à região central, ao território do lazer e às novas formas de sociabilidade indicam que os memorialistas pretendem enquadrar São Paulo em novos padrões de referência e de desenvolvimento. Esses novos padrões têm como paradigma a Europa e sobretudo Paris, onde ser moderno significa, entre outras coisas, divertir-se e manter um intenso convívio social, principalmente aquele travado no território do lazer.⁷⁸ Assim, o descaso em relação aos bairros operários da cidade indica que, para que o moderno seja instituído como característica paulistana, é preciso defini-los como seu oposto, remetê-los à barbárie e, desse modo, apagar todos os traços reveladores do "atraso" do espaço urbano.⁷⁹

⁷⁸ A ampliação dos lugares de lazer e a difusão de novos tipos de divertimentos urbanos aparece, já no século XIX principalmente nos grandes centros europeus, como um dos indícios de que as sociedades urbanas estabeleciam novos hábitos e novas formas de sociabilidade iminentemente modernos. Cf. Nedeell, Jeffrey. *op. cit.*

⁷⁹ Sobre os bairros operários e a vida do operariado paulistano no cotidiano da cidade no início do século XX, cf. Hardman, Francisco Foot. ***Nem Pátria, nem Patrão! (vida operária e cultura anarquista no Brasil)***, São Paulo, Brasiliense, 1983; Decca, Maria Auxiliadora Guzzo. ***A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920 - 1934)***, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

Assim, compete afirmar que os silêncios e as lacunas se desdobram na narrativa memorialista, já que eles também calam sobre as prisões, os hospitais, os asilos, a polícia, os pobres, os vagabundos, as crianças abandonadas, os criminosos, ou seja, omitem todos os traços urbanos que referem-se ao território marginal e aos aspectos pouco civilizados da cidade.⁸⁰

Vale demarcar que, se por um lado, os relatos privilegiam certas regiões e certos aspectos da cidade, por outro, a Paulicéia que desejam construir emerge como um espaço homogêneo e isento de conflitos. A narrativa memorialista é profundamente detalhada, tentando abarcar todos os elementos observados e, mais do que isso, procurando determinar os fios de continuidade entre a São Paulo de tradições centenárias e o novo espaço urbano que desponta no limiar do século XX. Nessa cidade construída por eles parece não existir embate e controle sociais, como se nela não houvessem problemas como greves, furtos, estupros, assassinatos e outros tipos de contravenções.⁸¹

⁸⁰ Guido Fonseca afirma que ao mesmo tempo que a cidade se desenvolve, ganhando muitos aspectos novos e modernos, a criminalidade aumenta enormemente, de modo que novos vícios, delitos inéditos e mazelas sociais também crescem e proliferam-se, cada vez mais, em São Paulo a partir das últimas décadas do século XIX. Cf. Fonseca, Guido. **A Prostituição em São Paulo**, São Paulo, Ed. Resenha Universitária, 1982

⁸¹ Novamente remetendo a Guido Fonseca, vemos que ele enfatiza que, desde fins do século XIX, a polícia - sobretudo a de costumes - passa a agir no espaço urbano procurando intervir diretamente em todos os lugares e aspectos urbanos considerados marginais. Fonseca, Guido. **op. cit.**

Margareth Rago, em **Do Cabaré ao Lar**, também sublinha o aparecimento das novas práticas de controle social que recortam as sociedades urbanas brasileiras, a partir da última década do século XIX. Rago, Margareth. **op. cit.**

Por conseguinte, na tentativa de apreender os múltiplos aspectos urbanos, articulando-os às velhas histórias paulistanas, e como contraponto as profundas lacunas de suas falas, o que resulta, na verdade, é um território multifacetado, composto por diversos lugares fragmentários separados não só pelo acidentado relevo paulistano como, principalmente, pela memória seletiva dos memorialistas.

Dessa forma, certas áreas urbanas da capital paulistana são lembradas de maneira profundamente minuciosa e afetiva. Nota-se, portanto, que os relatos oscilam entre o meramente descritivo e a emoção de recordar de momentos felizes, amigos queridos e lugares especiais. Nesse contexto, o lazer paulistano, concentrado no Triângulo Central e em seus arredores, é objeto de cuidadosas passagens das memórias paulistanas. Isso porque, falar do lazer, da boêmia e dos divertimentos urbanos é construir a imagem da cidade cosmopolita de intensa vida social, onde novas formas de convívio social se constituem e se propagam.⁸²

Voltando-se para a descrição dos espaços do lazer paulistano, Ernani da Silva Bruno relata que, já em fins do século passado, ao mesmo tempo em que diversos hotéis começavam a ocupar edifícios mais modernos e "imponentes", várias confeitarias e cafés instalavam-se nas ruas do Triângulo Central, sendo que alguns pontos foram especialmente escolhidos. Ele diz: "As

⁸² Jerrold Seigel, em **Paris Boêmia**, nota que a boêmia - e todo o território do lazer e da marginalidade a ela articulado - surge no século XIX como um novo padrão social iminentemente moderno, muito embora ela não possa "ser mapeada, grafada e numerada, porque nunca foi uma condição objetiva." Cf. Seigel, Jerrold. **Paris Boêmia - Cultura, Política e os Limites da Vida Burguesa: 1830 - 1930**, Porto Alegre, L&PM, 1992, pág. 20

confeitarias de luxo, essas começaram a se localizar particularmente na rua Quinze de Novembro. No princípio do século atual, porém, parece que o largo do Rosário - aliás ponto final daquela rua - é que se tornou a localização preferida por elas."⁸³ O largo do Rosário, inclusive, era considerado um dos pontos urbanos mais elegantes e, de acordo com Jules Martin, era chamado de "coração da cidade", local "predileto dos desocupados 'chics' e preferido pelos pacatos burgueses à espera do bonde da Light" pois todas as linhas passavam por ali.⁸⁴

Afonso Schmidt demarca que estes cafés e confeitarias "davam nota característica à vida da cidade" do começo do século XX.⁸⁵ Ele lembra que os cafés eram ponto de encontro de várias pessoas e de determinados grupos - sobretudo de acadêmicos -, que faziam desses estabelecimentos local de intenso convívio social. Nesse sentido, os cafés parecem ter inaugurado não apenas um novo tipo de lazer urbano, como também estabeleceram novas formas de sociabilidade, consideradas modernas e refinadas. "Cada café tinha sua roda. Sua giria particular. Suas anedotas. Seus ilustres frequentadores." Naquela época, "muita gente vivia nos cafés. Quando se falava em determinadas pessoas, geralmente figuras populares da cidade, dizia-se que eram encontradas em tal café, de tantas a tantas horas, na quarta mesa à direita..." Para

⁸³ Bruno, Ernani da Silva. *op. cit.*, pág. 1156

⁸⁴ Martin, Jules. *op. cit.*, pág. 92

⁸⁵ Schmidt, Afonso. *op. cit.*, pág. 95

alguns, *"o café era escritório, endereço, ponto de palestra, ponto de reunião de amigos e de gente da mesma profissão."*⁸⁶

Algumas destas animadas casas se fizeram famosas e concorridas. É o caso da Confeitaria Castelões, que ficava no largo do Rosário na esquina com a avenida São João, e, segundo Cícero Marques, era frequentada por duas "turmas" bastante distintas. As famílias dirigiam-se para lá, por volta das duas e meia da tarde, à procura de sorvetes e doces, porém, o memorialista recorda que, essa freguesia rapidamente se escasseava depois das cinco horas da tarde, quando *"farfalhantes de seda e coruscantes de jóias, as 'cocottes' de alto coturno chegavam e ali ficavam até à noite"*. Por isso, para evitar o *"desagradável"* encontro com elas, as famílias

⁸⁶ Schmidt, Afonso. *op. cit.*, págs. 95/96

iam, então, "ao Fazoli, ao velho Fazoli à rua Direita, ou então à confeitaria Nagel, à rua Quinze de Novembro..."⁸⁷

Tão procurado quanto o Castelões, era o Café Guarani, que também tinha seu público predileto, sendo procurado, principalmente, pela "gente boêmia: frequentadores dos espetáculos de teatro e de café-concerto".⁸⁸ Cícero Marques conta que a entrada do Café Guarani estava sempre muito movimentada, "clientes que entram e que saem, e, por vezes, ali ficam, prolongando a palestra encetada no interior da casa".⁸⁹ Contudo, "a sua glória era à noite", declara Afonso Schmidt, parecendo reviver as velhas cenas do animado ambiente: "Um salão enorme para aquele tempo.

⁸⁷ Marques, Cícero. *op. cit.*, pág. 86

Margareth Rago, em **Os Prazeres da Noite** enfoca com precisão a presença dessas "atraentes cocottes" no espaço urbano paulistano, delineando uma "geografia do prazer". A autora está preocupada em mostrar como se estabelecem representações da prostituição e do espaço por ela ocupado na cidade e de que maneira elas vão informar e permitir a definição de práticas de controle social. Ela mostra, assim, que à medida que São Paulo se expande e se urbaniza, os espaços de convívio social - desde restaurantes, hotéis, cafés, teatros, cabarês - multiplicam-se, e as mulheres, antes em parte confinadas ao espaço doméstico, saem às ruas. A partir daí, passa a ser definido o modelo de prostituta que, delineando-se enquanto imagem oposta ao da mulher casta, torna-se o parâmetro de comportamento para as mulheres em público. O fundamental é que ela indica que, com o crescimento e a modernização urbanas, mudanças se operam nos gostos, nos costumes, nos hábitos e, desse modo, novas formas de sociabilidade se estabelecem. Cf. Rago, Margareth. **Os Prazeres da Noite (Prostituição e Códigos de Sociabilidade Feminina em São Paulo, 1890-1930)**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991; Sobre a prostituição em São Paulo, conferir também: Fonseca, Guido. *op. cit.*

⁸⁸ Bruno, Ernani da Silva. *op. cit.*, pág 1157

⁸⁹ Marques, Cícero. *op. cit.*, pág. 106

Mesas de mármore, cadeiras austríacas. Compridos bancos laterais com espaldares de couro. No fundo, um estrado com grades. Nesse estrado, a orquestra.. E continua: *"Sempre concorrido, cheio de falatórios e risadas. Ali se reuniam médicos, advogados, jornalistas prósperos, políticos de certo prestígio e, principalmente, estudantes."*⁹⁰

Além de pontos de encontro, os cafés e confeitarias eram também apontados como lugares de passagem, na ida aos espetáculos teatrais e na volta destes, quando se fazia o último lanche e desfechavam-se os intermináveis debates. O café Guarani figura nos relatos, justamente, como este lugar intermediário. Cícero Marques relata que ele *"era dos mais procurados até certa hora da noite, à espera dos frequentadores dos espetáculos dos 'Cafés- Concerto' e dos outros teatros"*.⁹¹ Por outro lado, Afonso Schmidt assegura que *"depois da meia-noite, com a terminação dos espetáculos no Santana, ali perto, na Três de Dezembro, no último São José, a rua Xavier de Toledo, onde foi construído o edifício da Light, e no Politeama, à Ladeira de São João, o café enchia-se de famílias que iam fazer um lanche antes de tomarem o bonde para seus bairros"*.⁹²

Assim, o público que frequentava os cafés e confeitarias era, em grande parte, o mesmo que assistia aos variados espetáculos dos cafés-concerto, que animavam as noites paulistanas. O café-concerto era um misto de circo, bordel e teatro

⁹⁰ Schmidt, Afonso. *op. cit.*, pág. 111

⁹¹ Marques, Cícero. *op. cit.*, pág. 103

⁹² Schmidt, Afonso. *op. cit.*, pág. 111

de variedades, no qual eram apresentados as novas engenhocas modernas e as mais inusitadas novidades tecnológicas, como o cinematógrafo, o fonógrafo e outros.

Entre estas famosas casas noturnas, o teatro Politeama é lembrado como de grande sucesso nas noites paulistanas, com seus animados espetáculos considerados, muitas vezes, indecorosos para a época. Jorge Americano conta a respeito das famosas apresentações de 'can-can-' que faziam os *"senhores de cavanhaque da primeira fila"* delirarem, quando nos últimos acordes da música *"as dançarinas faziam revoluções de saias, e curvavam-se de costas, exibindo rotundidades cobertas de malha branca"*.⁹³ Referindo-se também às 'performances' femininas, Cícero Marques narra o 'strip- tease' de Sar-Farah, que chocou, principalmente, as autoridades policiais: *"foi o seu número de sucesso com a apresentação de poses plásticas. Elas porém eram tão escandalosas que a polícia, conquanto não fosse a de costumes, proibiu a bem do decoro público a exibição da artista nos seus números de plena nudez. Esta era integral, nem sequer sob a nudez crua da verdade havia, para disfarçá-la, o tênue 'manto diáfano da fantasia'.* Era um deslavadado nu avivado pelo auxílio de fortísimos refletores elétricos, que mais e mais redeçavam as formas abrigadas até a entrada da ribalta, por um manto de veludo negro que à boca da cena lhe caía."⁹⁴

O Politeama, com sua agitada vida noturna, parece trazer muitas recordações aos memorialistas que procuraram registrar suas velhas histórias e seus movimentados espetáculos

⁹³ Americano, Jorge. *op. cit.*, pág. 249

⁹⁴ Marques, Cícero. *op. cit.*, pág. 36

de maneira enfática e exaltativa: *"Velho Politeama! Teatro mascote! O mais feio dos teatros, mas o mais mavioso, de melhor acústica, com as melhores companhias. Zacconi. Augusto Rosa. Sara Bernhardt. Pepa Ruiz..."*, exclama Paulo Cursino de Moura.⁹⁵ E Cícero Marques completa a elegia: *"Glorioso Politeama! Inesquecíveis noitadas de encantamento de arte! Reminiscências saudosas das noites estonteantes das alegrias que não voltam mais."*⁹⁶

No desfilar dessas paisagens noturnas, tão cuidadosamente guardadas na memória, o "Moulin-Rouge" também é lembrado não só por suas fantásticas e interessantes atrações, destacadas por Cícero Marques - os saltadores árabes e tantas cantoras e dançarinas famosas na época como Glória Monti e Ketty Lord, a Vênus Inglesa - mas, principalmente, pela lendária figura de Garibaldi. Este velho italiano, *"alto, corado, chapéu de abas largas, com aquela lisa e espessa barba branca, quase pela cinta, aureolando o rosto grandalhão"* permanecia com seu tîlburi estacionado *"dia e noite, sob o sol e a chuva"* no largo Paissandu, esperando os últimos boêmios. Nas últimas horas da madrugada, Paulo Cursino de Moura assegura que o velho Garibaldi estava sempre no largo para acolher aqueles que vinham das *"farras intermináveis, entre o galanteio, a paixão desequilibrada, o champãna, o jogo e... até as tropelias e desordens"*.⁹⁷ Jorge Americano insiste, ainda, que aqueles que eram jovens e boêmios na virada do século XX não poderiam

⁹⁵ Moura, Paulo Cursino de. *op. cit.*, pág. 96

⁹⁶ Marques, Cícero. *op. cit.*, pág. 44

⁹⁷ Moura, Paulo Cursino de. *op. cit.*, pág. 100

deixar de se lembrar do velho Garibaldi, pois, pelo menos uma vez, devem ter sido levados de volta para casa - desacordado - pelo simpático e inconfundível italiano.⁹⁸

Hilário Tácito, na obra **Madame Pommery**, afirma que a partir da segunda década do século XX, com a inauguração do Teatro Municipal, surgem novos hábitos e os costumes tornam-se mais refinados.⁹⁹ Já nessa época os cafés-concerto, como o Politeama e o Moulin-Rouge, entram em decadência e o Bar do Municipal passa a ser o ponto de lazer predileto do *"público que se julgava mais elegante"*.¹⁰⁰ Este estabelecimento apresentava uma novidade em relação aos bares dos outros teatros. Além de ser um ambiente ricamente decorado, abria todos os dias, mesmo quando não havia espetáculo, de modo que sua esplanada - *"onde havia mesas, garçons e, quando era preciso, até champanha"*¹⁰¹ - era sempre muito concorrida, *"regorgitando de um mundo elegante, onde todas as pessoas eram conhecidas, sinão privando com relações de amizade, contudo não seriam desconhecidas"*.¹⁰²

⁹⁸ Americano, Jorge. **op. cit.**

⁹⁹ Tácito, Hilário. **Madame Pommery**, Campinas, Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, Fundação da Casa Rui Barbosa, 1992; conferir também Rago, Margareth. "Prazer e Perdição: a Representação da cidade nos anos vinte" in **Revista Brasileira e História**, São Paulo, v.7, n.13, set.86/fev.87

¹⁰⁰ Schmidt, Afonso. **op. cit.**, pág. 27

¹⁰¹ Idem. **Ibidem**, pág. 27

¹⁰² Marques, Cícero. **op. cit.**, pág. 136

Se, por um lado, alguns locais tornavam-se mais refinados, os lugares de lazer aumentavam em número e diversidade. Novos restaurantes, bares, cinemas e outros tipos de diversões apareciam não apenas no centro da cidade, na região do Triângulo Central, como também nos bairros mais afastados.¹⁰³ No entanto, as descrições memorialistas estão particularmente centradas naquela área urbana, que, como procurei indicar, é narrada com cuidado especial. Fica evidente a idéia de que esse espaço é não só familiar, mas profundamente afetivo, pois guarda histórias, vivências e, sobretudo, formas de sociabilidade muito particulares daquele momento em que, para eles, a Paulicéia ganhava não só "cara nova", mas também uma nova alma, moderna e cosmopolita

¹⁰³ Segundo Nicolau Sevcenko, no livro **Orfeu Extático na Metrópole**, muitos hábitos e práticas conhecidos pelo "epíteto genérico de 'diversões'" já existiam desde o começo do século em São Paulo. Mas no limiar da década de 20, segundo ele, multiplicam-se e "adquirem um efeito sinérgico, que os compõem como uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural: como a fonte de uma nova identidade e de um novo estilo de vida". Cf. Sevcenko, Nicolau. **op. cit.**, pag. 33/34

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido.

Walter Benjamin.

Infância Berlinense

por volta de 1900

CAPÍTULO 3. PROGRESSO E TÉCNICA: A CIDADE CONSTRUÍDA SOB UM IDEAL

O progresso e a edificação de uma nova cidade

Nos relatos de memórias, a São Paulo oitocentista de tradições seculares e aspecto absolutamente provinciano, pouco a pouco, cede lugar à imagem de uma metrópole marcada pelo desenvolvimento rápido e pela modernidade. Frente a esse quadro, os memorialistas demonstram uma dupla inquietação: de um lado, estão atentos ao desaparecimento dos antigos marcos urbanos - que faziam dela um território familiar - e, de outro, demarcam o surgimento dos novos contornos e dos novos elementos, que dão à cidade, cada vez mais, um aspecto moderno. Assim vale novamente citar a passagem de Afonso Schmidt, no livro **São Paulo de Meus Amores. Lembrança**, em que se torna evidente a preocupação em registrar esses dois diferentes momentos, descrevendo primeiramente a São Paulo do início do século XIX para, em seguida, enfocar a capital paulistana da virada do século XX: *"Em 1897, São Paulo já não era a cidade descrita por Álvares de Azevedo: 'Aqui o céu tem névoas, a terra não tem verdura, as tardes Não têm perfume. É para desgostar um homem toda a sua vida ver ruína. Tudo aqui parece velho e centenário'. Nem mesmo a cidade pintada por Castro Alves, anos depois: 'Aqui há' frio, mas frio da Sibéria; casas, mas casas de Tebas; ruas, mas ruas de Cartago... Casas que parecem feitas antes do mundo, de tanto que são desertas."* Ao completar a passagem ele mostra que, se antes a cidade era totalmente pacata e atrasada, já em fins do século XIX ela ganha uma nova movimentação urbana e traços inéditos que mudam, por completo, seu velho perfil. Assim, ele continua: *"Em 1897, São Paulo já era uma bela cidade. Os trens do Rio de Janeiro*

*chegavam à Estação do Norte, os de Santos e do interior à Estação da Luz. Os bondezinhos de burro trafegavam pelas ruas principais. Uma imprensa vivaz, de manhã e à tarde, animava as praças apinhadas de gente." Vários jornais circulavam "pelas confeitarias Castelões, Fasoli e Cordes, pelos cafés, como o América, o Brandão, o Java, não sei mais. Quantos teatros tínhamos, o São José no largo de São Gonçalo, o Sant'Ana na hoje 3 de Dezembro e o Politeama, na Ladeira de São João, que oferecia programas de variedades com cantores internacionais."*¹

A narrativa memorialista é um esforço direcionado no sentido de ordenar o território observado e guardado na memória, posto que, nela, a Paulicéia é vista como um espaço que se transforma repentinamente, perdendo antigos traços com a mesma rapidez que ganha outros novos. Com isso, os memorialistas procuram estabelecer um fio de continuidade entre a São Paulo do passado e àquela que desponta no limiar do século XX, de modo que ela é descrita como um lugar novo e inédito e, ao mesmo tempo, apontada como brotando de si mesma, ou seja, como resultante direta da evolução da centenária Piratininga. O memorialista Vitor Manoel afirma que São Paulo moderno se formou como que *"brotado, de suas chácaras, de seus barrancos e de suas vielas muitas vezes transformadas em avenidas"*.²

Nesse movimento, que procura dar conta da substituição do velho pelo novo, o progresso aparece como único elemento capaz de justificar as transformações que se processam na Paulicéia da virada do século XX. E, além de ser visto como

¹ Schmidt, Afonso. *op. cit.*, pág. 16

² Manoel, Vitor. *op. cit.*, pág. 161

fator responsável pelo processo de renovação urbana, é apontado como o elemento capaz de explicar as mudanças ocorridas na cidade. Dessa forma, apesar do discurso memorialista ser formado por idas e vindas do passado ao presente - e vice-versa -, a crença no ideal do progresso apregoa o desenvolvimento paulistano como contínuo e linear, ao longo do tempo.

Partindo daí, pode-se dizer que é sob o imperativo do progresso que os memorialistas pretendem determinar a identidade urbana da capital paulistana, fazendo com que a memória funcione com o uma ordenação do espaço em metamorfose. A perspectiva de um progresso sempre iminente produz uma tensão constante nos relatos, de maneira que São Paulo aparece como um território fluido que precisa ser definido. Revertida a fisionomia urbana paulistana, partidos os antigos vínculos com as velhas tradições seculares, torna-se fundamental neutralizar o imprevisível e situar-se diante do estranho. Portanto, a perda do conhecido - do espaço, das pessoas e dos objetos - induz a uma busca de identificações e de definição, onde o passado transformado pelo progresso torna-se a melhor justificativa para a construção do presente e do futuro.

Vale lembrar aqui que a crença na ideologia do progresso teve seu auge em plena Revolução Francesa, com a obra **Esquisse d'un tableaux historique de l'esprit humain** de Condorcet. É nesse trabalho que, pela primeira vez, aparece a idéia de que o progresso material é a causa direta e objetiva do

progresso social.³ Esse campo de discussões aberto por Condorcet desdobra-se em inúmeros debates filosóficos que se estendem por todo o século XIX e boa parte do século XX, influenciando várias correntes de pensamento que se desenvolveram nesse período.

Todavia, a crença ilimitada no progresso encontrou sua face mais acabada na filosofia positivista de Augusto Comte, que o definia como uma lei natural. Para ele, o homem enquanto filho da natureza, bem como o processo histórico no qual sua existência se desenrola estão sujeitos à lei necessária do progresso. Os fatos históricos e sociais são dotados de uma existência natural, o que os torna idênticos aos objetos empíricos. Desse modo, tanto no campo social como no reino da natureza existiria uma

³ Condorcet aplica à história os métodos das ciências naturais e da matemática, definindo-a como um processo contínuo governado por leis, pois os eventos humanos são, para ele, como fenômenos da natureza, ou seja, sujeitos à leis universais e verificáveis. A idéia de Condorcet é de que conhecendo-se essas leis, através da observação do que aconteceu no passado, é possível fazer prognósticos e previsões, como também "aplicar aos problemas de organização, política e social, os métodos que se revelaram tão imensamente bem sucedidos noutros domínios em consequências dos progressos feitos nas ciências da natureza". Cf. Condorcet, Antoine-Nicolas. *op. cit.*, pág. 63

articulação natural dos acontecimentos dada pelo progresso e registrada pela história.⁴

Entendido como sentido para o qual caminha a evolução da natureza e das sociedades, o conceito de progresso assimila, posteriormente, a noção de civilização. Nesse caso o processo civilizatório é visto como a própria realização - ou o desabrochar - das energias que já pulsavam no passado, enquanto potencialidades despertas. É justamente sob este prisma do progresso que a Paulicéia é abordada pelos memorialistas.

A filosofia positivista teve grande influência no ambiente cultural brasileiro do século XIX e início do XX, tornando-se conhecida, principalmente, através das Academias de Direito que funcionaram não só como centros difusores do saber,

⁴ Ao estabelecer os fundamentos de sua teoria positivista chamada de uma "física social", Auguste Comte viu no progresso um de seus pontos de apoio. A aproximação entre espírito humano e natureza na concepção positivista acarretou uma identificação entre o processo natural e o processo histórico, de modo que os métodos da ciência da natureza foram aplicados à interpretação histórica. Isso indica que o positivismo fazia uma crítica da concepção setecentista de natureza, pois a partir dele a vida natural passou a ser pensada como a história o era, ou seja, como uma progressão desdobrada no tempo. Por essa conjunção de elementos, a doutrina positivista autorizou uma valorização do pensamento histórico e, dessa forma, o termo evolução passou a designar tanto progresso natural como histórico. Cf. Comte, Auguste. "Curso de Filosofia Positiva" in **Os Pensadores**, São Paulo, ed. Abril Cultural, 1973

como também concentravam grande parte da intelectualidade brasileira.⁵

Em meados do século XIX, o liberalismo econômico e político se solidificava enquanto ideologia dos estratos sociais dominantes. O Brasil modernizava-se, pouco a pouco, movido por novas atividades financeiras e, por isso, tornava-se um solo fértil para a difusão e discussão de novas idéias, desde o evolucionismo, o materialismo, o darwinismo e, principalmente o positivismo.⁶ Contudo, diferentemente do que comumente se pensou, estas idéias não devem ser tomadas como uma simples cópia de modelos

⁵ Sérgio Adorno examina o papel exercido pelas Academias de Direito no cenário político e intelectual brasileiro do século XIX, mostrando sua influência na difusão de novas idéias e na criação de um vasto campo de debate que trouxe novos rumos políticos e culturais à nação brasileira. Cf. Adorno, Sérgio. **Os Aprendizizes do Poder**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988

Margareth Rago e Raquel Soihet mostram a influência do positivismo na determinação da natureza da mulher e de sua função na vida moderna como educadores sociais. Cf. Rago, Margaret. *op. cit.*; Soihet, Raquel. **Condição Feminina e Formas de Violência, Mulheres Pobres e Ordem Urbana, 1890 - 1920**, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989

Ainda sobre o positivismo no Brasil conferir: Lins, Ivan. **História do Positivismo no Brasil**, São Paulo, Ed. Nacional, 1964

⁶ Segundo Roberto Ventura, na tese **Escritores e Mestiços em um País Tropical**, é a partir de 1870 que as principais correntes do pensamento europeu passam a ser apropriadas pela intelectualidade brasileira na tentativa de constituírem os fundamentos da cultura nacional, em oposição às suas origens coloniais. Cf. Ventura, Roberto. **Escritores e Mestiços em um País Tropical (raça e natureza na cultura brasileira) (1825-1933)**, Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Línguas Orientais da FFLCH da Usp, 1987

importados, pois o que se dá é muito mais complexo, tendo-se em vista que o pensamento nacional se destacava pela diferença e originalidade com que as idéias eram utilizadas e entrelaçadas ao universo cultural brasileiro.⁷

Nesse contexto, o positivismo passa a ser discutido, principalmente nas Academias de Direito e nos Centros Positivistas, como uma forma de repúdio à metafísica que regia as idéias românticas e como possibilidade de redirecionamento político. A nova bandeira brasileira com seu lema estampado - Ordem e Progresso - deixou claro que a doutrina positivista teve grande aceitação entre os republicanos.

É fundamental dizer que boa parte dos memorialistas da cidade de São Paulo se formaram na Academia de Direito do Largo São Francisco e, por isso, entraram em contato com a filosofia positiva de Comte. Apesar de nenhum deles citar diretamente o positivismo, sua influência se mostra presente em alguns aspectos de seus relatos. A preocupação em fazer de suas memórias uma ordenação do espaço observado e lembrado, tentando articular os fios de continuidade entre o passado e o

⁷ Roberto Ventura argumenta que: "Ao contrário do que sugerem abordagens centradas nas noções de 'fonte' e 'atraso', os sistemas de pensamento europeu eram incorporados, no Brasil, de forma crítica e seletiva, segundo os interesses políticos e culturais dos setores intelectuais e das camadas letradas e a partir da constante preocupação em articular, através do processo de refuncionalização, os ideários estrangeiros aos materiais locais." Idem. *Ibidem*, pág. 7

Ainda sobre a questão conferir o célebre debate entre Franco, Maria Silvia Carvalho, "As idéias estão no lugar" in **Cadernos de Debates**, São Paulo, Brasiliense, 1976 e Schwarz, Roberto. "As idéias Fora do Lugar" in **Ao vencedor as batatas**", São Paulo, Duas Cidades, 1977.

presente, através da crença em um progresso contínuo e linear, indica a presença dos pressupostos do positivismo. Ordem e progresso são os elementos que justificam e articulam a narrativa memorialista, e permitem que se constitua uma imagem de cidade moderna.

Através da construção da memória paulistana, os memorialistas pretendem traçar as etapas de desenvolvimento urbano da cidade como se fossem marcos previamente definidos. Nesse sentido, o presente proposto e entendido pelo memorialista é de onde parte o apelo da memória, delineando-se sob as determinações de um passado linear e previsto. O progresso, como elemento que transforma o antigo espaço, é o eixo que conduz o relatos e permite definir a São Paulo do início do século como lugar da modernidade.

A idéia de progresso, porém, não aparece isoladamente, e sim atrelada a outros fatores - subjetivos e objetivos -, que também se apresentam como geradores do desenvolvimento urbano: passado paulista glorioso, raça paulista de gigantes, ideal bandeirante, ideal de civilização; construção e expansão das estradas de ferro, a lavoura cafeeira, a localização da cidade de São Paulo no entroncamento de diferentes caminhos para o sertão e litoral. Todos esses elementos unidos no discurso memorialista compõem um solo fértil onde a Paulicéia desponta como capital brasileira do progresso e da modernidade.

Contudo, a justificativa e a articulação da história-memória construída pelos relatos, apesar de permeada pelos diferentes elementos citados acima, fundamenta-se em três idéias básicas às quais todas as outras, de alguma maneira, remetem: o progresso, a raça e a constituição da nação brasileira. O progresso é a causa que movimenta o desenvolvimento urbano ininterrupto

e, por isso, ele é o elo que encadeia e justifica o discurso sempre apologético da cidade. A raça paulista é vista como pioneira desde sua origem; refere-se ao passado sempre glorioso de seu povo, que ininterruptamente se desdobrando a partir de si mesmo, aparece ao memorialista como germe do qual desabrocha o presente e o futuro. Por fim, a nação brasileira é o ponto de desfecho do ideal de progresso memorialista que vê no esforço e no trabalho do povo paulista o elemento que contribuiu não apenas para o desenvolvimento de seu estado, mas que também colaborou, enormemente, para o delineamento do Brasil como nação.

Até a década de 1870 poucas transformações são notadas em relação à cidade de 1820. São Paulo aparece nos relatos como um espaço entregue à sua própria sorte. Afonso Antonio de Freitas demarca que, até esse período, os limites urbanos da capital paulistana eram bastante estreitos, de modo que o núcleo urbano se concentrava, todo ele, entre os leitos do Anhangabaú e do Tamanduateí, obstáculos naturais que dificultavam a comunicação com outras regiões e impediam que a cidade se expandisse para outras áreas. Ele relata que *"em 1870 a capital de São Paulo era, com diferenças mínimas, a mesma cidade colonial de 1820, que pequenas modificações sofrera sobre a de 1810. A população urbana condensava-se entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú, na lombada e fraldas do morro campino em que, em 1554, os padres jesuítas lançaram os fundamentos do colégio de São Paulo do Campo, mais tarde chamado de Piratininga em homenagem à "Chanaan", ao Paraíso Terreal dos Guaianás que lhe ficava no sopé."* Algumas áreas que posteriormente constituíram bairros paulistanos eram, em 1870, lugares ermos e sem qualquer traço de desenvolvimento urbano. *"No campo do Bexiga, que abrangia todo o espaço entre as ruas da Consolação e Santo Amaro, hoje cortado de ruas e coberto de casaria, caçava-se perdizes, veados e até escravos fugidos: os Largos dos Guaianazes, do*

Arouche e a avenida Tiradentes eram ainda o Campo Redondo, do Arouche e da Luz, e as chácaras Charpe, Bom Retiro, de D. Anna Machado, do Barão de Limeira, dos Fagundes e de D. Alexandrina de Moraes fechavam o âmbito da pequenina cidade num círculo de terrenos baldios: só mais tarde, nos últimos dias do século passado, é que se transformaram nos atuais bairros dos Campos Elíseos, do Bom Retiro, Vila Buarque, rua Conselheiro Furtado, avenida Brigadeiro Luís Antonio, rua Barão de Iguape, Pedroso e adjacências.”⁸

Além dos impedimentos postos pelos estreitos limites urbanos, o atraso, a estagnação e o provincianismo são os elementos mais recorrentes na caracterização do território urbano. A vida paulistana é apontada como submetida à natureza, ao clima e à religião. Até meados do século XIX os conventos e igrejas eram tidas não só como as construções mais importantes da cidade, mas também como as únicas que se destacavam na minguada paisagem citadina. Segundo as memórias, as ruas eram abertas sem qualquer planejamento prévio, espalhando-se pelas colinas e sopés dos morros, como se brotassem da própria terra.

Referindo-se também à cidade de 1850 Alfredo Moreira Pinto destaca estes mesmos aspectos, enfatizando o quadro delineado por Afonso Antonio de Freitas: *“São Paulo, quem te viu e quem te vê! Não passavas naqueles tempos de uma pobre aldeia, completamente segregada do Rio de Janeiro. Tinha então as tuas ruas sem calçamento, iluminadas pela luz baça e amortecida de uns lampiões de azeite, suspênsos a postes de madeira; tuas casas quase todas tinham nas janelas umas rótulas através das quais conversavam os estudantes com as namoradas; os carros de bois*

⁸ Freitas, Afonso Antonio. *op. cit.*, pág. 21

*guinchavam pelas ruas sopesando enormes cargas e guiados por míseros cativos, que empunhavam compridas varas com ferrão na ponta; as donzelas, formosas como são as paulista, com a cabeça e o rosto envolto em uma mantilha, caminhavam em direção às igrejas que eram muito procuradas". Em algumas áreas mais afastadas, as casas pobremente edificadas disputavam espaço com as árvores: "... o Brás, a Moóca e o Pari eram insignificantes povoados com algumas casas no meio de espessos matagais; a Várzea do Carmo, o lugar escolhido para caçada de cabritos, o Cambuci, o ponto de reunião de rapazes, verdadeiros boêmios que ali disputavam o democrático marimbo, ..."*⁹

Entre todos os aspectos mobilizados para caracterizar a pacata São Paulo oitocentista, o mau tempo constante ganha destaque nas lembranças do memorialista Pereira Baptista. Segundo ele, o clima sempre muito frio, marcado pela garoa fina e por um constante nevoeiro dava à cidade um aspecto romântico e, ao mesmo tempo, melancólico: *"Na vida de então o estado atmosférico tinha papel importante, dada a frequência dos nevoeiros fortíssimos. Quando as noites tinham um pouco de garoa e muito de cerração, através da qual, entretanto, transfulgia uma lua friorenta, os violões afinavam-se, as tropas cantavam e vós, oh Paulicéia, oh Ponte Grande, oh Glória, sabeis do que ia por aí de serenatas e de amores, de rótulas entreabertas e de galinhas e perus, menos liricamente furtados de burgueses enfurecidos e de costelas roxas. (...) Quando, porém, as noites tinham um pouco de neblina e um muito de garoa, as capas espanholas rebatiam-se, os chapéus de feltro desabavam-se e as repúblicas das ruas Tabatinguera, do*

⁹ Pinto, Alfredo Moreira. *op. cit.*, págs. 7/8

*Carmo, do Riachuelo e do Piques, estremeciam com as leituras das últimas odes de Lamartine e Hugo."*¹⁰

O primeiro traço de um pequeno desenvolvimento e animação urbanos aparece relacionado à fundação da Academia de Direito, 1828, que fez de São Paulo, aos poucos, um centro de atração de estudantes e de novas idéias. Ana Edith Montóia observa que, a partir de meados do século XIX, a Academia de Direito passa a ser vista como elemento que ilumina o território obscuro da centenária cidade. Isso porque, segundo a autora, a Academia torna-se centro irradiador de novos conhecimentos, abrindo lugar para um intenso e caloroso debate intelectual, como também inaugura uma nova sociabilidade que vai contrastar com os rígidos padrões sociais do período. Essa mesma autora afirma ainda que, nesse momento, as representações da cidade bipartem-se em luzes e sombras, sendo que a Academia de Direito aparece como foco luminoso que pretende redirecionar os destinos tão

¹⁰ Baptista, Pereira. **Pereira Baptista e São Paulo**. São Paulo, editado sob o patrocínio do Banco Mercantil de São Paulo, 1981, pág. 3 (este volume contém textos do autor escritos em diferentes momentos entre as décadas de 20 e 50)

Ana Edith Montóia na tese **Cidade e política: São Paulo no Século XIX**, mostra que para a geração de românticos, entre eles Álvares de Azevedo e Fagundes Varela, São Paulo era tida como absolutamente inspiradora do estado de alma romântico. Ela enfatiza que o mal estar gerado frente ao espaço tedioso, pacato e sem qualquer traço de civilização, definido pelos românticos, levava a uma representação da cidade como reino do fantástico e do sonho. Ela cita Álvares de Azevedo: "Nunca vi lugar tão insípido como hoje está São Paulo. Nunca vi coisa tão tediosa e mais inspiradora de 'spleen'... a vida é um bocejar infinito. Não há passeios que entretenham, nem bailes, nem sociedades, parece isto uma cidade de mortos." Cf. Montóia, Ana Edith. **Cidade e Política: São Paulo no século XIX**. Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de História do IFCH da UNICAMP, 1990, pág. 46

apáticos da cidade.¹¹ Dando destaque a esse papel da Academia de Direito no cenário da São Paulo oitocentista, o memorialista Pereira Baptista comenta: "*São Paulo oferecia por esse tempo, o aspecto dessas cidades universitárias do velho mundo, em que os estudantes, tanto pelo número e pela união, como pela superioridade de cultura, numa época de preponderante iletrismo, exerciam uma espécie de poligarquia.*"¹²

Todavia, os memorialistas paulistanos são unânimes ao datarem o governo de João Teodoro Xavier de Matos - precisamente de 1872 a 1875 -, como momento em que São Paulo teve seu primeiro surto de progresso. Segundo consta nos relatos, João Teodoro foi o primeiro Presidente da Província a realizar reformas efetivas no espaço urbano contribuindo para mudar a fisionomia da Paulicéia do século XIX. Devido à intensa intervenção que operou em diferentes aspectos urbanos, como calçamento, iluminação pública, reformas em logradouros públicos, abertura de ruas, entre outros, seu governo ficou não apenas conhecido, mas foi instaurado como marco do início da modernidade e de novos tempos para São Paulo.

João Teodoro: o marco original da modernidade paulistana

O governo de João Teodoro é definido, pelos memorialistas, como o momento em que a semente do progresso, plantada na alma paulista há tantos séculos, começava a germinar e dar os primeiros frutos. Paulo Cursino de Moura descreve todos

¹¹ Idem. **Ibidem**.

¹² Baptista Pereira. **op. cit.**, pág. 1

os melhoramentos urbanos implantados nesse governo e exalta João Teodoro por sua competente administração. Vejamos: "... um urbanista na verdadeira acepção da palavra, remodelou quase completamente a cidade. Construiu a Rua do Conde d'Eu, hoje Rua Glicério, para ser, segundo o seu relatório, o caminho natural... ao lugar histórico e memorável do Ipiranga. Regularizou o grande Largo do Curros - depois 7 de Abril e hoje Praça da República. Abriu a Rua do Hospício até a Ponte da Moóca. Embelezou e segurou o morro do Carmo. Transformou os terrenos pauludosos e miasmáticos da Várzea do Carmo, em frente ao mercado, em um dos passeios mais aprazíveis - a Ilha dos Amores, localizada onde hoje é o mercado de peixe da Rua Vinte e Cinco de Março. Operou melhoramentos notáveis nas ruas do Pari e do Gasômetro." E completa: "Enfim, João Teodoro foi o primeiro presidente que realmente se interessou pelos problemas de urbanismo. Com aquela clarividência própria dos grande empreendedores, daqueles que compreendem a saúde moral do povo ligada à saúde física e ao bem-estar, procurou confortar a população dando-lhe logradouros públicos, de encanto e de graça, onde a alegria sã e espontânea fosse a expansão da alma pública."¹³

Os elogios a tão exemplar governante, porém não param por aí. Antonio Egydio Martins acrescenta que: "A cidade de 1870 era a mesma cidade de 1822, quando foi proclamada a Independência do Brasil. Ao Dr. João Teodoro Xavier coube a glória de haver iniciado no seu patriótico governo, a transformação desta grande capital ..."¹⁴

¹³ Moura, Paulo Cursino de. **op. cit.**, pág. 212

¹⁴ Martins, Antonio Egydio. **São Paulo Antigo (1554 a 1910)**, São Paulo, Typografia do Diário Oficial, 1912, pág. 92

Devido à importância que imprimem a este governante, os memorialistas se detêm em vários aspectos dessa administração. Assim, as descrições sobre este período se multiplicam.

Ernani da Silva Bruno relata que no governo de João Teodoro o Jardim da Luz foi reformado e transformado no ponto de lazer mais frequentado pelos paulistanos. Ele informa que o jardim foi todo cercado por gradis de ferro e que João Teodoro mandou *"vir do Rio, para ele, uma porção de mudas de árvores e de flores e construiu uma torre que serviu de observatório. Ficava essa torre na sua aléia central, em frente à Estação da Luz, e como era cilíndrica passou a ser conhecida pelo nome de Canudo do Doutro João Teodoro. Tinha uns vinte metros de altura, com quatro ou cinco andares, e acesso por uma escada interna. No alto, um mirante."*¹⁵

Além da sensível mudança operada em seu perfil urbano, a Paulicéia recebeu várias melhorias públicas, como calçamento de paralelepípedos para várias ruas, iluminação por combustores de gás e bondes puxados a burro - a primeira forma de transporte coletivo que a cidade conheceu.

Em 1870, chegou a São Paulo o engenheiro-empreiteiro W. Ramsay, da Companhia de Gás, para escolher o lugar para instalação do gasômetro, inaugurado dois anos depois. Segundo Antonio Egydio Martins, já em outubro de 1870, começou a construção dos encanamentos de gás para abastecer a cidade e substituir os velhos lampiões à querosene. Citando o Diário de São Paulo, de janeiro de 1872, Antonio Egydio repara que, nesse mês, o gasômetro realizou o primeiro teste com a iluminação à gás em seu edifício: *"Realizou-se esplendidamente a experiência da iluminação à*

¹⁵ Bruno, Ernani da Silva. *op.cit.*, pág. 995

gás neste estabelecimento no dia 6. Na frente do edifício, estavam as armas imperiais, formadas de luzes de diversas cores que ofereciam uma vista deslumbrante. A concorrência do povo, não obstante o mau tempo, foi imensa, e os empresários não se pouparam em dar explicações e mostrar tudo àqueles espectadores que desejavam ver tão importante estabelecimento, que, podemos dizer, já é uma realidade em São Paulo." Ele completa dizendo que, nos meses subsequentes, foram inaugurados combustores em vários prédios públicos da cidade, entre eles a fachada da Catedral e do antigo Palácio do Governo. Esse fato cessou definitivamente a iluminação à querosene que dava à cidade um aspecto absolutamente sombrio.¹⁶ Ernani da Silva Bruno ainda acrescenta que a iluminação à gás "por meio de combustores colocados em lampiões de ferro, pequenos e elegantes, ajudaram também a modernizar a feição da cidade".¹⁷

O melhoramento mais importante, implantado no governo de João Teodoro Xavier aparece como sendo os "carris de ferro". A inauguração dos bondinhos em 1872, de acordo com Ernani da Silva Bruno foi um dos melhoramentos urbanos que mudou a vida da cidade, pois, não só facilitou a comunicação entre áreas distantes da cidade, como também dinamizou o comércio que aproveitou-se da presença de pontos em sua imediação para fixar anúncios chamativos e, dessa forma, atraírem maior freguesia. Os singelos mas precários veículos despertam saudosas recordações em alguns memorialistas. Cícero Marques lembra: *"Ah!... aquele sabão... esfregado com vontade nos trilhos do velho 'bondinho' da velha 'Viação Paulista', naquele trecho íngreme, onde*

¹⁶ Martins, Antonio Egydio. *op. cit.*, pág. 188

¹⁷ Bruno, Ernani da Silva. *op. cit.*, pág. 970

os freios trabalhavam na impossibilidade de diminuir a velocidade da descida vertiginosa... e... consequentemente descarrilhavam na curva da alameda Glette, em direção ao conhecido 'Campo da velhinha' Lembra-se?... Não se recordam dos gritos apavorados e das imprecações dos cocheiros condutores portugueses?!"¹⁸ Quando isso se dava, Raimundo Menezes conta que "os distintos cavaleiros de cartola e colarinho duro tinham que descer para rebocá-los sobre os trilhos..."¹⁹

A história paulistana narrada nos relatos tem como base o progresso e, nesse contexto, a cidade é pensada como evoluindo continuamente ao longo do tempo, de modo que é fundamental aos memorialistas estabelecer a origem desse processo. O ponto original, a partir do qual o espaço urbano começou a crescer, evoluir e transformar-se, enormemente, é posto, precisamente, no governo de João Teodoro, quando se diz que o primeiro "boom" do progresso acontece e São Paulo mergulha, definitivamente nos tempos modernos. Esse momento é constantemente reiterado no discurso memorialista como aquele em que se delineiam os primeiros traços de modernização que trouxeram uma inversão do antigo perfil urbano. Portanto, se por um lado João Teodoro é apontado como um dos mais importantes políticos que a cidade teve, por outro lado, se insiste no fato de que antes dele São Paulo conhecia somente caos, desorganização e atraso urbanos. Nesse movimento seu governo institui-se como principal marco do progresso, pois funciona nas memórias como um divisor de águas que demarca, precisamente, a passagem que

¹⁸ Marques, Cicero. *op. cit.*, pág. 50

¹⁹ Menezes, Raimundo. *op cit.*, pág. 50

ocorre da velha cidade, centenária para o espaço urbano moderno.²⁰

Todavia, é importante deixar claro que, apesar da administração de João Teodoro ser instaurada como lugar de origem do progresso, é a partir de então que uma série de fatores se entrecruzam e contribuem para o amplo desenvolvimento da capital da província. Desde meados do século XIX diversos elementos colaboraram para que São Paulo se desenvolvesse rapidamente. A partir de 1850 a lavoura do café entra cada vez mais em alta e São Paulo transforma-se em um importante centro exportador desse produto. A produção amplia-se cada vez mais e toma maior fôlego com a inauguração da primeira estrada de ferro do estado - a São Paulo Railway -, que pretendia escoar café com maior rapidez para o pólo de Santos. Justamente com a construção das linhas de ferro, as antigas trilhas de tropas entram em decadência, mas São Paulo continua na mesma posição privilegiada que já ocupava antes, ou seja, como ponto de

²⁰ É interessante notar que, muitas vezes, a historiografia sobre São Paulo repõe a fala dos memorialistas, como é o caso do historiador Eurípedes de Paula Simões. Tal como os memorialistas - e se valendo deles como fontes - ele considera esse período como marco fundamental da história paulistana, a tal ponto que o chama de "Segunda Fundação de São Paulo". O governo de João Teodoro é visto, por ele também, como momento em que, sob a égide do progresso, uma nova cidade é edificada. Assim, ele sustenta que João Teodoro "no desempenho de seu cargo imprimiu notável impulso ao progresso da cidade, incentivando os fazendeiros e capitalistas, que começaram a ganhar dinheiro com a exploração da lavoura do café no oeste da Província, a construir domicílios temporários e residências na cidade. Foi no seu governo que a Luz ficou ligada ao Brás com uma rua que traz o seu nome, o Brás também se ligou ao centro, melhorando as ruas do Pari e do Gasômetro, retificou-se o Tamanduateí, ligou-se o Arouche, a Consolação, e o Largo dos Curros (praça da República); instalou-se a Caixa Econômica em 1875". Cf. Simões, Eurípedes de Paula. "A Segunda Fundação de São Paulo: De Pequena Cidade à grande Metrópole de hoje" in **Revista de História**, n. 17, 1954, pág. 170

entroncamento de caminhos que se dirigem do sertão para o litoral, e vice-versa. Assim, as linhas férreas transformaram-se em braços que esticaram os velhos limites urbanos, fazendo com que a cidade crescesse para novos lados até então absolutamente despovoados.

Richard Morse assegura que a ferrovia deu uma nova dimensão à economia da região. Além disso, impulsionou a modernização da cidade e a transformação dos hábitos seculares dos paulistas. Isso porque, segundo este autor, elas *"atuaram como importante precipitante dos muitos agentes catalizadores que se tinham infiltrado na pequena cidade provinciana e pós-colonial estavam, em 1870, a ponto de dar vazão a suas forças de crescimento. A incipiente expansão da metrópole, com tudo que representava para os costumes, mentalidades e almas dos paulistanos, estava a ponto de começar"*.²¹

Da mesma forma que a estrada de ferro levava café, trazia produtos importados, novidades e uma nova população atraída pela promessa de fortuna que o café gerava. Joseph Love observa que, em 1870, São Paulo tinha 140 km de trilhos implantados e já na década seguinte 1200 km, enquanto que na entrada do século quase 3000 km de linhas férreas, permitindo que a cidade e o estado rapidamente se integrasse à vida nacional e internacional e se tornassem economicamente o carro guia do país. *"Provavelmente, não se trata de uma coincidência o fato de que a imagem favorita que os paulistas têm de seu estado em relação aos demais é a de uma locomotiva puxando carros vazios."*²² Sobre este momento de plena prosperidade material, Sérgio Millet

²¹ Morse, Richard. *op. cit.*, pág. 209

²² Love, Joseph. *op. cit.*, pág. 24

comenta que o paulistã investiu em "*aventura financeiras*", acabando por se consolidar em grandes negócios que deram certo. Ainda acrescenta que o café e a inauguração da São Paulo Railway fez do eixo São Paulo - Santos o pólo mais dinâmico da economia brasileira.. E essa grande expansão da economia paulista trouxe, com ela, profundas alterações na vida rural e urbana.

No campo, as relações de produção iam mudando por completo, já que os escravos foram substituídos, pouco a pouco, pelo imigrante europeu que veio trabalhar no sistema de colonato e traz consigo múltiplos saberes técnicos sobre o plantio. A mão-de-obra importada era considerada mais adequada à produção cafeeira do que a nacional e, além disso, acreditava-se que os

imigrantes trariam uma cultura muito mais avançada do que a nossa.²³

Na cidade, elementos novos começam a se somar dando novos ares à vida cotidiana. Torna-se cada vez mais comum o cafeicultor estabelecer residência na cidade, já que diferentemente da agricultura do açúcar, a lavoura cafeeira é muito mais dinâmica, exigindo que o produtor atue em várias frentes de atividade ao mesmo tempo, desde a produção até a exportação. Além disso, novas atividades urbanas desenvolvem-se, como as unidades artesanais mecanizadas, as primeiras

²³ As discussões sobre a superioridade do imigrante em relação ao trabalho nacional se põem em um amplo campo de debate que se estabelece no século XIX e mobiliza muitos intelectuais. Esse debate se fundamenta no fato de que o Brasil oitocentista é visto como um país compartimentado em três raças distintas - brancos, negros e índios - com traços culturais, sociais e níveis de civilidade tidos como diferentes. A questão central é: como seria possível o Brasil constituir-se em uma nação homogênea a partir de tamanha heterogeneidade racial e cultural? A luz das teorias científicas amplamente difundidas na Europa e que rapidamente aportavam no Brasil, a intelectualidade indagava-se sobre as possibilidades de constituir um país civilizado e forjar um único povo genuinamente brasileiro. Se o Brasil tinha, verdadeiramente, uma feição original era preciso que estivesse definida com clareza. Dessa forma, nos debates intelectuais e em toda a produção literária e cultural do Brasil - no período que se estende de 1870 a 1930 - estas questões são largamente discutidas. Com a abolição da escravatura, essas discussões ganham maior vigor, principalmente no que diz respeito à mão-de-obra adequada à lavoura cafeeira. É unânime a idéia de que os trabalhadores nacionais não são adequados à lavoura do café. Nesse contexto, a Sociedade Central de Imigração teve como objetivo a europeização do Brasil, pretendendo trazer raças fortes, enérgicas e vigorosas para cá. O imigrante era assim idealizado, principalmente, por parte das autoridades locais que acreditavam que a presença dos estrangeiros permitiria um aprimoramento das raças presente no Brasil. Cf. Fonseca, Ana Maria Medeiros da. **Das Raças à Família: um debate sobre a Construção da Nação**, Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do IFCH da UNICAMP, 1992 e Guerra Neto, Abílio da Silva. **O Homem Primitivo: origem e conformação no universo cultural brasileiro (século XIX e XX)**, Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do IFCH da UNICAMP, 1990

indústrias, os grandes bancos internacionais financiadores da produção cafeeira e, ainda se dá uma ampliação do comércio, com a entrada cada vez maior de produtos importados.²⁴

Ernani da Silva Bruno afirma que, em fins do XIX, o "*ciclo dos trovadores*" se fecha e inaugura-se a "*era dos industriais*". Essa me parece uma boa colocação para entender a São Paulo dos fins do século XIX, pois ela caracteriza metaforicamente a mudança que se opera em diferentes aspectos da vida paulistana e, principalmente, tenta dar conta da nova imagem que a cidade alimenta para si, ou seja, de lugar da modernidade. Significa também que, para os memorialistas, São Paulo pretende, nesse momento, romper de forma definitiva com as tradições centenárias da cidade colonial e adentrar em uma nova era que define a si mesma como moderna.

Portanto, diferentemente daquilo que os memorialistas fazem crer, o governo de João Teodoro encontra-se em uma confluência de fatores aos quais apenas se soma na constituição do complexo cenário urbano paulistano que se delineia a partir das últimas décadas do século XIX. Ele não é ponto de partida e sim lugar de cruzamento de múltiplos elementos que se confundem e se misturam para tecer a trama - nunca acabada - que é a Paulicéia dos fins do século XIX e início do XX.

²⁴ O brasilianista Warren Dean vê a modernização da cidade de São Paulo como resultado do desenvolvimento e da expansão da economia, principalmente, graças ao surto cafeeiro que, em fins do século XIX, trouxe recursos financeiros que geraram profundas transformações urbanas e sociais. Além disso, segundo este autor, a lavoura cafeeira produziu um grande excedente de capital que foi aplicado em financiamentos industriais e em melhorias urbanas. Cf. Dean, Warren. **A Industrialização em São Paulo**, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1975

A Raça Paulista: a semente do progresso paulistano

Aparece com unanimidade nas memórias da cidade a idéia de que este desenvolvimento só foi possível por que existia um elemento a priori, um fator gerador de todos os outros: a grandeza do espírito paulista. Essa idéia tem dois desdobramentos principais.

O primeiro deles é que os paulistas, através da lavoura cafeeira, deram novo impulso à energia latente que já pulsava entre sua gente, gente de origem bandeirante, que desde os primórdios da colonização se empenhou nas mais difíceis empreitadas e que, sobretudo, sempre soube prever o futuro que compete ao seu território, qual seja, estar à frente de todas as principais iniciativas do país. Numa publicação comemorativa do centenário da Independência, o povo paulista é exaltado como pertencente à *"nobre estirpe"* dos primeiros desbravadores e, por isso, o tempo presente apenas reafirma a grandeza paulistana já posta desde os primeiros tempos da colonização: *"Cidade sonhadora e pletórica, berço de grandes poetas e ousados desbravadores, da nobre estirpe de Fernão Dias; predestinada a transfigurar Piratininga, de cujo ardor cívico, de cuja tenacidade na luta, de cuja realização de empresas grandiosas, rebentam, dia a dia, novas floradas de entusiasmo, de glória e de gratidão nacional."*²⁵ Encontra-se, portanto, no passado a justificativa do presente glorioso e é através da história do povo paulista, ao longo do tempo, que se torna possível o entendimento de tamanha prosperidade em todas as iniciativas a que se propôs.

²⁵ **São Paulo e seus Homens no Centenário**, São Paulo, Typographia Piratininga, 1922, pág 63

Em um texto de 1911 sobre os melhoramentos urbanos de São Paulo, são reafirmados os mesmos nobres valores do povo paulista: *"a atividade dos paulistas e seu espírito empreendedor são tradicionais, ainda ao tempo em que São Paulo era uma simples colônia, já se destacava da coletividade pela audácia das legendárias bandeiras, que, descendo o Tietê e entrando pelo majestoso Paraná, iam levar a civilização a essas ricas regiões, onde a natureza acumulou as suas mais esplêndidas riquezas."* (...) *"Como é natural, foi no seu próprio território que toda esta atividade se pode exercer melhor e produzir, com a ação vivificante do tempo, toda a florescente cultura que dão a São Paulo a hegemonia na União".*²⁶

O segundo desdobramento da idéia de grandeza do espírito paulista diz respeito ao progresso de São Paulo que, além de ser visto como resultante das características subjetivas de seu povo, está também diretamente relacionado ao seu trabalho incessante e determinado. Lacerda Ortiz usa como exemplo uma figura mitológica para exprimir o esforço incessante do povo paulista: *"O progresso de São Paulo faz lembrar da lenda da mitologia que nos diz da roda à qual Ixion fora atado. Era uma roda que nunca deveria parar."*²⁷ Segundo esta linha de pensamento, somente aqueles que foram os heróicos descobridores da riquezas dos sertões poderiam ser os primeiros a se lançarem na arriscada empreitada do café, porque eles, graças ao seu passado

²⁶ São Paulo, Prefeitura do Município. **Melhoramentos do centro da cidade de São Paulo**, São Paulo, Rotschild, 1911, pág. 9

²⁷ Ortiz, Lacerda. **O que é São Paulo**, São Paulo, 1932, pág. 74

bandeirante, tinham não apenas a capacidade de prever o futuro, mas também a energia para construí-lo com suas próprias mãos.

São Paulo constituiu-se, portanto, sob o signo da realização de um ideal e do trabalho. Nesse contexto, em uma conferência realizada no Centro Paulista em 1926 sobre São Paulo e sua evolução, Menotti del Picchia não se cansa de exaltar as realizações que o trabalho do paulista criou. Ele exclama: *"Que direis da energia construtora de um povo que criasse a maior organização agrícola do universo? Que direis de uma raça que vencendo a floresta bravia e seus dramas - não com processos mecânicos modernos - mas com a força do braço, a foice e o machado, preparasse, para o gigantesco plano econômico de uma só cultura, uma área de 450.000 alqueires de terra? Que direis da tenacidade e da coragem de tanta gente fidalga que se isolasse nos improvisados feudos das fazendas para dirigir exércitos de operários rurais, estendendo pelos chapadões, pelas cristas ásperas dos morros, as filas dos arbustos em marcha para o sertão, compondo esse vitorioso exército de quase um milhão de soldados verdes?"*

Em seguida, enfatiza a grandeza e a nobreza da raça paulista: *"Raça de gigantes" - como a classificou Saint-Hilaire. Povo de ciclones realizando o prodígio maior que as glebas de todas as pátrias viram até hoje sob os céus de todos os climas.*"²⁸

²⁸ Apesar de pertencer ao movimento modernista onde se estabelece uma ruptura com as tradições e a forma linear de narrar a história da cidade, nesse texto o discurso de Menotti del Picchia aproxima-se, profundamente, da fala memorialista, repondo a mesma idéia destes no que diz respeito à grandeza da "raça paulista". Picchia, Menotti. **São Paulo e sua evolução: conferência realizada no centro paulista em 1926**, Rio de Janeiro, Typ. Gazeta da Bolsa, 1927, pág. 56

É, por conseguinte, a alma bandeirante, ponto de cruzamento da característica original da raça paulista - já mergulhada em um passado remoto - e o seu esforço desdobrado ao longo do tempo, o lugar onde se encontra toda a base para se entender o progresso da Paulicéia. Dando destaque a esse aspecto, Manoel Vitor assegura: *"O desenvolvimento galopante desta metrópole à sombra dos bandeirantes, a sua energia, o seu destemor, fizeram outros os aspectos da velha urbs."*²⁹

Atada a esta idéia da grandeza do povo paulista se vincula uma outra, que define São Paulo como lugar de vanguarda do progresso no Brasil e como centro irradiador deste progresso para todo o país. Lacerda Ortiz, no texto já citado anteriormente, demarca que São Paulo nas quatro principais fases da evolução política do Brasil (que ele define como capitania, província, império e república), sempre foi a pioneira do progresso. Como capitania lançou as bandeiras que permitiram a expansão dos limites do território através da ocupação de novas áreas; como província foi palco do episódio da Independência do Brasil; no Império assistiu ao desenvolvimento assombroso da maior riqueza do Brasil - o café; e, finalmente, na República tornou-se a cidade mais próspera de todo o país.

Assim, São Paulo fez por merecer em seu escudo de armas a legenda: *"Non' Ducor, Duco"*, isto é *"Não sou Guiado, Guio"*, já que além de ter construído seu próprio progresso, foi responsável em grande parte pela riqueza do Brasil, principalmente a partir de meados do século XIX.³⁰ E, nesse

²⁹ Vitor, Manoel. *op. cit.*, pág. 150

³⁰ Milano, Miguel. *op. cit.*, pág. 150

sentido Pereira Baptista, em seu livro de memórias da cidade declama: *"Sinto-me nas cabeceiras do Brasil-Maior, sinto-me no torrão bendito onde nasceu a nacionalidade. Lanço o olhos para a estrada e vejo um romeiro. Quem é o novo peregrino? É São Paulo, o apóstolo das gentes, que calçou as sandálias para renovar o milagre com que fundou o cristianismo. É São Paulo, que toma o bordão das longas romagens para ensinar ao Brasil o senso de nacionalidade, para mostrar o caminho do Brasil - Maior."*³¹

No entanto, somente a partir de 1890 é que São Paulo começa a ser apontada e reconhecida a nível nacional como uma das cidades mais importantes do Brasil, pois é nesse momento, chamado de segundo surto de progresso, que se delineiam os primeiros traços de desenvolvimento urbano efetivos. *"Dentre os modernos melhoramentos que tem recebido a cidade, são dignos de menção o calçamento das principais ruas pelo sistema de paralelepípedos de pedra, o ajardinamento de algumas praças e a arborização de diversas ruas, a iluminação à gás corrente, o serviço de locomoção por carris de ferro, o abastecimento de água, a canalização de esgotos, o matadouro e, em vias de realização, a iluminação elétrica e a ligação do centro comercial com o bairro do Chá por um viaduto metálico"*.³²

A idéia central que se depreende é de que até fins do século XIX São Paulo dormia um sono profundo, do qual desperta repentinamente para um futuro de desenvolvimento pleno. *"Quem observa a soberba metrópole bandeirante e não a conheceu cincoenta ou sessenta anos atrás, extasia-se ante a majestade do*

³¹ Pereira, Baptista. *op. cit.*, pág. 50

³² Menezes, Raimundo. *op. cit.*, pág. 52

*panorama que se desenrola à sua vista, mas está bem longe de experimentar a sensação e o orgulho dos que lhe acompanham, comovidos, a vertiginosa escalada do progresso", exclama Miguel Milano em 1949.*³³

É definitivamente a partir deste momento e, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, que todos os antigos traços que caracterizavam a cidade e faziam dela um território reconhecível para seus habitantes caem por terra. Os antigos casarões coloniais, as ruas estreitas e de terra batida, o velho bondinho puxado à burro, as pequenas pontes de madeira, as carroças e charretes, a produção artesanal em pequena escala, o pequeno fluxo de transeuntes, o ritmo pacato e provinciano de vida, tornam-se rapidamente traços que se referem a um tempo que passou. Por outro lado, as edificações de novos prédios (alguns com mais de dois andares), a abertura de novas ruas e avenidas largas, a construção de viadutos, a instalação de várias indústrias, o grande fluxo imigratório e também a chegada à São Paulo das novas criações da técnica, como o bonde elétrico, a iluminação elétrica, o cinematógrafo, o carro, entre outros, indicam aos seus contemporâneos a entrada em um novo tempo. Assim, ao velho traçado paulistano mesclam-se, cotidianamente, as grandes novidades da "modernidade européia", constituindo um território diferente daquele que seus pacatos habitantes estavam acostumados.

Nesse contexto, onde os antigos referenciais não encontram mais ressonância e novas visões são forçadas, as idéias de moderno, múltiplo, provisório e instável que, de qualquer forma, se relacionam diretamente ao conceito de progresso como elemento

³³ Milano, Miguel. *op. cit.*, pág. 5

que transforma a ordem definida, se tornam as únicas características possíveis para se exprimir o que é a Paulicéia.

Nesse terreno fértil onde antigo e novo se mesclam compondo novas tramas, a busca da identidade perdida da cidade torna-se fundamental. Assim, nas memórias paulistanas, a tentativa de ordenação do espaço através de uma descrição organizadora da cidade, e a apologia do progresso, devem ser pensadas levando-se em conta que São Paulo adquiria novos contornos e assumia rumos impensáveis até então. Uma febre de deslumbramento parece ter tomado conta dos vivenciadores desta aventura, de modo que a construção de um passado quase mítico, desde as primeiras investidas bandeirantes, aparece como germe onde já pulsava um futuro de eminente progresso que viria a caracterizar a cidade do século XX. O passado aparece como promessa que se cumpriu no presente. Portanto, nas descrições da cidade dos fins do século XIX e das primeiras décadas do atual, a tentativa de familiarizar-se com o espaço e de situar-se diante do estranho é imperativa e, por isso, passado e futuro aparecem como pontos unidos por uma mesma reta, ou seja, pelo progresso.

Novidades da técnica no território paulistano: a materialização do progresso

No discurso memorialista a apologia do progresso completa-se quando os memorialistas se põem a descrever os novos equipamentos modernos - entre eles, o bonde e o carro elétricos, o cinematógrafo e o fonógrafo - que adentram à cidade, sobretudo, a partir de 1900. Um misto de curiosidade, espanto e fascinação permeiam seus relatos, ao mesmo tempo em que há uma preocupação em registrar esse momento fixando-o como marco da

modernidade paulistana. Nesse sentido, a descrição das novidades da técnica é fundamental, já que são vistas, nos relatos, como materializações do progresso.

Com relação a este aspecto, a entrada da Light na cidade aparece como um elemento que contribuiu, enormemente, para a transformação definitiva da fisionomia urbana que já há alguns anos mudava radicalmente. Assim, ao iniciar suas obras para a instalação do bonde elétrico e também para o fornecimento de energia elétrica, a Light faz da São Paulo na virada do século um imenso canteiro de obras.

A empresa canadense começa a se estabelecer na cidade em 1899, quando o comendador A. Augusto de Sousa e Francisco Glauco transferem sua concessão para a exploração de bondes elétricos e energia elétrica para essa empresa. *"Os serviços foram iniciados em seguida"* de modo que *"os bondes elétricos entraram na cidade com o novo século"*, relata Ernani da Silva Bruno.³⁴

A viagem inaugural do bonde elétrico é lembrada por Jorge Americano: *"Trilhos, postes e fios estavam assentados na Alameda Barão de Limeira. Nos últimos dias recompuseram o leito da rua. Alguns bondes de lastro removiam terra daqui para ali. Naquela manhã de sol veio gente das ruas vizinhas, e muita gente de longe. Inaugurava-se a primeira linha, entre o Largo de São Bento e o fim da Barão de Limeira (Chácara do Carvalho). Linha da 'Barra Funda'. Carros abertos, de nove bancos, com 'limpa trilhos' na frente. (...) Na direção do bonde, o Conselheiro Antonio Prado, Prefeito da cidade. Ao lado, como instrutor, um motorneiro de boa figura, alto, alourado, com bordados cor de ouro novo nas mangas*

³⁴ Bruno, Ernani da Silva. *op. cit.*, pág. 1080

*do uniforme cinzento e novo e no boné. Conclui de mim para mim que era o Presidente da Companhia.*³⁵

Oswald de Andrade, ainda garoto fazia parte da multidão que se aglomerou nas ruas para ver o primeiro bonde passar. No seu livro de memórias **Um Homem sem Profissão. Sob as Ordens de Mamãe**, conta que a medida em que os trilhos do bonde eram assentados nas ruas da capital, *"uma febre de curiosidades varria a cidade e os boatos sobre o novo veículo se espalhavam por todos os cantos. Como seriam os novos bondes que andavam magicamente sem impulso exterior? Eu tinha notícias pelo pretinho Lázaro, filho da cozinheira de minha tia, vinda do Rio, que era muito perigoso esse negócio de eletricidade: Quem pusesse os pés nos trilhos ficava ali grudado e seria esmagado fatalmente pelo bonde. Precisava pular."* Segundo Oswald, não apenas a "tal eletricidade" causava espanto e estranhamento, mas também a velocidade que ele desenvolvia: *"O bonde pode andar até a velocidade de nove pontos. Mas aí é uma disparada dos diabos. Ninguém aguenta. É capaz de saltar dos trilhos! E matar todo mundo..."* Quando finalmente o misterioso veículo apontou no fim da rua foi um total alvoroço, que Oswald registrou como um

³⁵ Americano, Jorge. **op. cit.**, págs. 209/210

Sob o impacto da velocidade e da técnica delineou-se uma nova sensibilidade urbana. Analisando o impacto da chegada do trem na floresta, Foot Hardman fala das primeiras reações diante da entrada das sociedades na era das invenções tecnológicas. O trem, segundo o autor, figura entre os grandes inventos que alteraram a percepção que se tinha do mundo. "Nosso observador fala de dentro do trem, aí já ressalta o poder transfigurador da locomotiva, os efeitos da velocidade sobre a percepção espaço-temporal, o deslocamento rápido proporcionado pela força do mecanismo alterando a visão da paisagem e dos passantes." Cf. Hardman, Francisco Foot. **Trem Fantasma: A modernidade na selva**. São Paulo, Cia das Letras, 1989, pág. 20.

momento mágico e único: *"Um murmúrio tomou conta dos ajuntamentos. Lá vinha o bicho! O veículo amarelo e grande ocupou os trilhos o centro da via pública. (...) Desceu devagar. Gritaram: Cuidado! Vem a nove pontos."* O bonde seguiu. *"E ficou pelo ar, o povo boquiaberto que rumava para as casas, a atmosfera dos grandes acontecimentos."*³⁶

Após a instalação e inauguração destas primeiras linhas, a Light foi expandindo seus trilhos para outras áreas urbanas, rasgando São Paulo em todos os sentidos. Se no século XIX os limites espaciais e econômicos eram dados pelas ferrovias e pelas linhas de bonde de tração animal, a partir de 1900 os bondes elétricos da Light são o fator decisivo não só para a reordenação do espaço urbano como para a ampliação dos limites da cidade.³⁷ Dessa forma Ernani da Silva Bruno assegura que *"os pontos finais da linhas de bondes da Light"* correspondiam *"às zonas mais intensamente urbanizadas nessa época"*.³⁸

³⁶ Andrade, Oswald. **Obras Completas - 9. Um Homem sem Profissão. Sob as Ordens de Mamãe**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987, págs. 35/36 Apesar de seu discurso não se igualar aos dos outros memorialistas, este livro de memórias de Oswald contém preciosas passagens referentes à cidade de São Paulo no início do século XX e, por isso, é utilizado nesse trabalho.

³⁷ Segundo Maria Luisa N. Almeida Paschkes entre 1901 e 1912 foram implantados 188.700 metros de trilhos, uma média de 15.725 metros por ano. Essa ampliação gerou uma valorização das áreas urbanas servidas por bondes elétricos e também indica uma participação cada vez mais significativa da Light no traçado urbano paulistano. Cf. Paschkes, Maria Luisa N. Almeida. "Bondes, Terrenos e Especulação" in **Revista História e Energia**, São Paulo, Eletropaulo, maio de 1986, n. 1

³⁸ Bruno, Ernani da Silva. **op.cit.**, pág. 1045

Apesar do crescimento das linhas e dos trajetos Afonso Schmidt afirma que *"só lhes faltava um coisa: passageiros. Os carros trafegavam quase vazios"*. Isso se devia, segundo ele, ao elevado preço da passagem - 200 réis - fato que levou a empresa canadense *"a organizar uma espécie de loteria. O recibo da passagem era um cupão. Esse cupão apresentava um número, com os gasparinhos. Corria no segundo dia útil de cada mês, distribuindo um prêmio de Cr\$500,00 e outros menores, entre os nababos paulistanos que tinham a coragem de viajar nos seus bondes..."*³⁹ Todavia, Ernani da Silva Bruno faz um comentário distinto, dizendo que *"já nos primeiros tempos trafegavam diariamente sessenta e cinco carros motores, que fazendo mil trezentas e trinta e duas viagens transportavam em média mais de quarenta e sete mil passageiros. Quando havia espetáculos nos teatros, bondes extraordinários eram colocados nas linhas"*.⁴⁰ Mas isso se deu somente em 1909, quando a Light inaugurou os carros operários com tarifas pela metade do preço.

Vale ressaltar que a entrada da Light na cidade de São Paulo foi, em seus primeiros anos, bastante tumultuada. Isso porque ela enfrentou diferentes problemas com as empresas concorrentes na prestação de serviços similares à cidade - a Cia Viação Paulista de Carris, com a Cia de Água e Luz e com a Cia Carris de Ferro de São Paulo à Santo Amaro de tramways à vapor. No entanto, devido a seus recursos técnicos, financeiros e subterfúgios jurídicos e políticos ela saiu vitoriosa em todas as disputas, de modo que no início da década de 10 ela já

³⁹ Schmidt, Afonso. *op. cit.*, pág 146

⁴⁰ Bruno, Ernani da Silva. *op. cit.*, pág. 1080

monopolizava toda a rede de iluminação e energia elétrica e de transportes coletivos da Paulicéia.⁴¹

Contudo, Ernani da Silva Bruno demarca que *"não foi só o bonde elétrico que entrou na cidade quase quando se iniciava o século atual. Também o automóvel. Um ou dois desses veículos, raríssimos e barulhentos"*.⁴² A primeira vez que o "estranho veículo" percorreu as ruas da cidade, todos saíram à porta para ver "o que" produzia toda aquela barulheira. Jacob Penteado, em suas memórias observa: *"Em 1900, mais ou menos, apareceu, em São Paulo, uma grande novidade. Era um estranho veículo, que andava sem cavalos, provocando um ronco tremendo, entremeado de explosões. No banco, estavam dois homens, de guarda-pós, uma espécie de bata, sobre a roupa, com óculos grandes, a guisa de antolhos. Todo mundo saiu à rua. O estranho carro, dentro em pouco, ficou rodeado de moleques..."*⁴³ Jorge Americano também foi um dos curiosos espectadores que viram o primeiro carro elétrico. Ele descreve: *"Tinha quatro lugares apertados, dois na frente e dois atrás. Não se cobria de lona ou encerrado contra a chuva. No banco de frente vinha Luís Dumont, irmão de Santos Dumont. A seu lado,*

⁴¹ Cf. **A cidade da Light: 1899 - 1930**, São Paulo, Superintendência de Comunicação / Departamento do Patrimônio Histórico / Eletropaulo, 1991; Toledo, Benedito Lima de. **São Paulo - Registros (1899 -1940)**, São Paulo, Eletropaulo, 1982Souza, Edgard de. **História da Light: os primeiros 50 anos**, São Paulo, Eletropaulo, 1982

⁴² Bruno, Ernani. **op. cit.**, pag. 1081

⁴³ Penteado, Jacob. **Belenzinho, 1910 (retrato de uma época)**, São Paulo, Martins, 1962, pag. 302

outro homem (talvez o esportista Antônio Prado Jr., que teria entre 19 e 20 anos)."⁴⁴

Outras surpresas, ainda, aguardavam os admirados espectadores desse primeiro automóvel. O aparelho de repente parou: *"Um dos homens desceu, pois o carro enguiçara. Tirou de sob o banco uma espécie de manivela, ajustou-a a uma parte da frente e começou a girar a ferramenta, como se estivesse tocando realejo. - Ele está dando corda! - gritou um gaiato. O homem fazia uma força tremenda, suando em bica. Afinal, recomeçaram os estrondos. O carro voltara a pipocar. Todos gritaram: - Pegou! Pegou! O carro estremeceu todo, durante alguns minutos, deu uns pinotes e partiu."*⁴⁵

Mas, nesses primeiros anos do século era algo raro ver um carro elétrico nas ruas de São Paulo, mesmo porque o calçamento era pouco adequado ao seu tráfego. Por isso, Ernani da Silva Bruno relata que o irmão de Santos Dumont, que trouxe a novidade para a Paulicéia, pediu ao então prefeito Antonio Prado a suspensão do imposto sobre seu veículo. Assim, ele cita um trecho da petição em que Dumont argumenta: *"sendo o primeiro introdutor desse sistema de veículo nesta cidade, o fez com sacrifício de seus interesses e mais para dotar a nossa cidade com esse exemplar veículo 'automobile'; porquanto após quaisquer excursões, por curtas que sejam, são necessários dispendiosos reparos no veículo devido à*

⁴⁴ America, Jorge. **op. cit.**, pág. 198

⁴⁵ Penteado, Jacob. **op. cit.**, pág. 302

*má adaptação do nosso calçamento, pelo qual são prejudicados sempre os pneus das rodas."*⁴⁶

No entanto, mais arriscado que passear pelas ruas da cidade era aventurar-se em viagens para fora dela, já que, naquela época, não haviam estradas pavimentadas, apenas precários caminhos de terra abertos no meio da mata. Por isso as viagens eram demoradas e cheias de contratempos. Ernani da Silva Bruno destaca que a primeira viagem automobilística do Rio à São Paulo foi feita em 1908 pelo Conde de Lesdain, que levou 36 dias para realizar o percurso. Lembra, ainda, que nesse mesmo ano *"Antonio Prado Júnior e alguns companheiros fizeram a primeira travessia entre São Paulo e Santos, gastando dois dias de trabalhos."*⁴⁷ Depois destas primeiras viagens, vencer arriscados percursos tornou-se moda entre os privilegiados que tinham carro. A partir daí, *"alastrou-se a mania dos reides de automóvel. Era só no que se falava"*, comenta Raimundo Menezes.⁴⁸

À medida que começavam a chegar os conhecidos "Benz", Cícero Marques afirma que *"foi preciso inventar uma estrada por onde eles pudessem transitar"*. Enquanto ela não era construída, virou moda, naqueles primeiros anos do século, o passeio à Freguesia do Ó, conta Cícero Marques. Mas, segundo o memorialista, este não era um dos mais agradáveis entretenimentos. Assim, ele satiriza: *"Ia-se pela manhã, à tarde à noite e pela madrugada afora. Que lindo passeio de poeira - que*

⁴⁶ Bruno, Ernani da Silva. *op. cit.*, pág. 1081

⁴⁷ Idem. *Ibidem*, pág. 1082

⁴⁸ Menezes, Raimundo. *op. cit.*, pág. 76

gostosos solavancos de escangalhar molas, abalar o fígado e deslocar os rins!... Não compensava o sacrifício da viagem o prazer que se ia usufruir: - lá chegando, admirar a precária iluminação da cidade, neste tempo; e depois, armazenar uma boa dose de coragem para encetar a volta, correndo os mesmos riscos da ida... Era encantador o passeio, iluminado com poderosos holofotes as espessas nuvens de poeira, que ficavam bailando... bailando... à espera de novos carros, para envolvê-los no seu manto - um autêntico viveiro de micróbios..."⁴⁹

Rapidamente o número de veículos foi crescendo. Em 1906 já havia trinta carros na cidade e em 1911, dois mil. Nesse momento o trânsito na área central começou a se complicar devido ao número de veículos existentes: *"nos caminhos e nos arredores da cidade, como em suas ruas centrais, além de tálburis e automóveis, trafegavam carroças e mesmo carros de boi."* A confluência de todos esses veículos cada vez mais "congestionava a cidade", observa Ernani da Silva Bruno.⁵⁰

É interessante salientar que ao mesmo tempo em que dão destaque aos equipamentos modernos que adentram à cidade, os memorialistas mostram, em suas descrições que a cidade do início do século XX ainda apresenta vários aspectos provincianos. O espanto e o estranhamento demonstrado em relação a estes novos elementos indica que velhos e novos aspectos se interpenetram na composição da fisionomia paulistana, que nesse momento, não encontra-se definida. Nesse contexto, o delineamento de novas tramas urbanas, sempre inéditas, permite

⁴⁹ Marques, Cicero. *op. cit.*, pág. 134

⁵⁰ Bruno, Ernani da Silva. *op. cit.*, pág. 1085

que a Paulicéia seja pensada como um espaço urbano potencialmente moderno. É justamente este caráter da capital paulistana que ganha força no discurso memorialistas, através da apologia do progresso e do empolgado relato das engenhocas modernas.

Na última década do século passado surgem, em São Paulo, feiras de variedades, espécie de exposição onde se apresentava ao público os aparelhos criados pela técnica e também toda a sorte de coisas bizarras. Afonso Schmidt demarca que na São Paulo de sua infância haviam vários "salões de variedades" que atraíam grande número de pessoas. *"Num mostrava-se o fonógrafo, noutro os raios-X, a telegrafia sem fios, o bezerro que nasceu com três pernas."*⁵¹ Foi num destes salões, o *"Paulicéia Fantástica"*, que ele conheceu o cinematógrafo, uma das maravilhas do mundo moderno.⁵² Assim, ele descreve a inédita experiência, dando ênfase a todos os detalhes do extraordinário espetáculo: *"Mas, ao lado da sucuri comendo o boi, apresentava também uma 'grande' fita cinematográfica que media 'duzentos metros'. A tela era pequena, engruvinhada. O projetor ficava atrás do público, fazia muito*

⁵¹ Schmidt, Afonso. *op. cit.*, pág. 114

⁵² Vicente de Paula Araújo, no livro **Salões, Circos e Cinemas de São Paulo**, relata que o primeiro cinematógrafo exibido na cidade de São Paulo veio com a "Cia Francesa de Variedades" (dirigida pelo conhecido ilusionista Faire Nicolay) em janeiro de 1898. A publicidade da época dizia o seguinte sobre a novidade: "maravilhoso aparelho que reproduz os movimentos da vida e as fotografias animadas apresentadas pelo distinto Professor Elétrico, o célebre matemático Mr. Luís Nicolay". O autor ressalta, ainda, que a invenção trazida pelos irmãos Nicolay não era o "verdadeiro cinematógrafo de Lumière". Este foi apresentado ao público paulistano no mês seguinte, pela "Cia de Novidades Excêntricas". Cf. Araújo, Vicente de Paula. **Salões, Circos e Cinemas de São Paulo**, São Paulo, ed. Perspectiva, 1981, pág. 28/29

*barulho. Antes de começar a exibição vinha um homem com um canudo e esguichava água no pano. De repente, a tela se iluminava, apareciam figuras trêmulas e saltitantes que pareciam atacadas de dança de São Vito." Na projeção, segundo ele, dava-se destaque ao movimento exacerbado: "Tudo era representado com abundância de gestos. Um homem bebia, ficava na camoeira e deitava-se na cama, para dormir. Mas dali a pouco, o cobriam. Então tinha pesadelo. A cama virava barco, Navegava em alto mar. As ondas se atiravam sobre ele. E, depois do pesadelo, o homenzinho acordava para... deitar carga ao mar."*⁵³

Os primeiros contatos com o cinematógrafo estarreceram os espectadores paulistanos diante da experiência inédita: *"causava sensação o espirrar de água que parecia vir sobre a platéia",* exclama Oswald de Andrade.⁵⁴ Jorge Americano se recorda das fantásticas imagens que ele fixou ao ouvir falar, pela primeira vez, da tal "fotografia animada". Sua prima Helena, balançando na rede, ao seu lado, lhe contou que *"tinham inventado um retrato que mexia. Era como se o retrato da gente balançando na rede ficasse na parede balançando sempre. Não era como a lanterna mágica, que só mexia quando a gente empurrava um cabinho ao lado. Comprava-se o quadro, pendurava-se na parede e as figuras ficavam mexendo sempre, como na hora em que se tirou o retrato."*⁵⁵

Rapidamente ir ao cinema tornou-se um dos passeios prediletos do paulistanos, de modo que em 1912, já haviam 14

⁵³ Schmidt, Afonso. *op. cit.*, pág. 114

⁵⁴ Andrade, Oswald. *op. cit.*, pág. 43

⁵⁵ Americano, Jorge. *op. cit.*, pág 253

salas na cidade, três delas na região central e as outras espalhadas pelos bairros. Ernani da Silva Bruno lembra que com o sucesso do cinematógrafo na cidade de São Paulo, algumas confeitarias de luxo passaram a exhibir, gratuitamente, sessões cinematográficas aos seus fregueses.

Entre as espetaculares novidades da técnica exibidas em São Paulo tem destaque, nos relatos memorialistas, o grafafone, um aparelho precursor do fonógrafo. Afonso Schmidt conta que, em 1892, os jornalistas de São Paulo foram convidados pelo proprietário de uma casa de miudezas à rua São Bento, para ver funcionar o "estranho aparelho". Ele descreve: *"Tratava-se de modesta caixa de madeira, coberta de vidro, dentro da qual brilhavam rodas denteadas e cilindros de aço polido. De uma das bandas dessa caixa partiam, como tentáculos de polvo, seis tubos de borracha que se abriam na extremidade para terminar em cápsulas negras, adaptáveis aos ouvidos dos curiosos"*. Ouvir, pela primeira vez, a tal *"máquina falante"* inventada por Edison, *"foi um instante inesquecível"* para o memorialista: *"Primeiro foi aquele zumbido de marimbondo que está fazendo casa. Depois, ó maravilha das maravilhas, uma voz se ergueu no silêncio, fanhosa e hesitante, mas perfeitamente humana."*⁵⁶

Jorge Americano também registrou sua primeira experiência com a *"máquina falante"*, descrevendo, minuciosamente, seu funcionamento. *"É uma máquina de corda que faz girar um cilindro metálico. Este cilindro é envolvido por uma espécie de punho feito de massa solidificada, ou carretel, onde estão gravadas as palavras e a música. Coloca-se uma haste com agulha, que toca no carretel, enquanto este gira acompanhando o cilindro. À*

⁵⁶ Schmidt, Afonso. *op. cit.*, págs. 81/82

proporção do giro, a agulha transmite as vibrações a uma peça, de onde comunica a um aparelho de escutar, que se põe nos ouvidos. É de entusiasmar."⁵⁷

Na fala memorialista, a técnica gerou, de início, estranhamento e, em seguida, encantamento e admiração. Os "estranhos" objetos modernos, inventados pelo engenho humano, causavam espanto e curiosidade. Por outro lado, fazia-se um enorme esforço para decifrá-los e inseri-los no cotidiano da cidade, tornando-os familiares aos paulistanos.⁵⁸ Descrever essas engenhocas recém aportadas em São Paulo - nos detalhes mínimos - e, também, as impressões que provocavam aos curiosos espectadores significa, para o memorialista, demarcar a chegada de uma nova era. Nesse contexto as novidades da técnica funcionam como uma confirmação para o progresso, e indicam que

⁵⁷ Americano, Jorge. *op. cit.*, pág. 394

⁵⁸ Nicolau Sevcenko mostra que sobretudo na década de 20 do século XX a técnica adentra à cidade e muda não só as relações da pessoa entre si e das pessoas com o espaço, como também transforma a representação que se tem do homem e deste inserido na cidade. "Homens-máquina, máquina-personalizada, mulher energia, energia erotizada, máquina e energia transformando os ritmos e condições de vida e os seres humanos se metamorfoseando por automatismos sobrepostos, ativando seus impulsos, nervos e músculos, até romper o cerceamento de valores e preceitos que restringiam as condutas e temperavam as aspirações, liberando uma crisálida moderna, com gestos ágeis, roupas leves de corte militar, cigarro no canto da boca e o desejo irrefreável de se fundir numa força colossal, uma massa devastadora que em avalanche sepulte o velho mundo e redesenhe um novo à sua imagem. Cf. Sevcenko, Nicolau. *op. cit.*, págs. 87/88

um novo ritmo e uma nova percepção se delineava para os habitantes urbanos.⁵⁹

Somada a todos os outros aspectos que a cidade adquire, na virada do século XX - nova topografia, novos espaços e uma nova fisionomia -, a técnica - enquanto materialização do progresso - faz parte da trama discursiva que permite aos memorialistas definir São Paulo como lugar da modernidade. Nesse sentido, a promessa que reside no passado, realiza-se no presente onde o progresso é pleno e irrestrito e, portanto, o movimento da memória, contínuo e linear traçado nos relatos, constitui a cidade de São Paulo, nesse momento, como uma metrópole moderna.

⁵⁹ Flora Sussekind no livro **Cinematógrafo da Letras**, indica que as inovações técnicas foram acompanhadas de mudanças na visão de mundo e de percepção. As novas técnicas de produção e reprodução de imagens e sons - como o cinematógrafo e o fonógrafo - bem como os modernos meios de locomoção - trens, bondes elétricos e automóveis - estabeleceram uma nova relação com o espaço e o tempo. "Porque, de certo modo, ofereciam o espetáculo de uma superação de distâncias antes aparentemente enormes, graças ao movimento mecânico. E, também, de um controle possível sobre o tempo, que parecia alargar, ou comprimir, de acordo com o uso ou não de tais mecanismos." Cf. Sussekind, Flora. **Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernização do Brasil**, São Paulo, Cia das Letras, 1987, pág 49

Em tais lugares, parece ser coisa do passado tudo o que nos espera. Portanto, sempre que me perdia naquele trecho do zoológico, regalava-me com uma espiadela por sobre o parapeito do poço, que se erguia ali como se fosse no centro de um parque de águas terminais. Era a jaula da lontra.

Walter Benjamin.

Infância Berlinense

por volta de 1900

EPÍLOGO: A CIDADE INVENTADA

A imagem geral da cidade de São Paulo que se compõe a partir dos relatos memorialista e do entrecruzamento entre eles é um enorme painel de colagens justapostas. Frente ao espaço urbano paulistano que se torna provisório, indefinido e múltiplo, o movimento da narrativa memorialista caminha no sentido de diluir a heterogeneidade e estabelecer um cenário harmônico e ausente de conflitos. Se por um lado, a cidade adquire contornos novos e inéditos, as experiências urbanas diversificam-se e as relações - das pessoas entre si e destas com a cidade - mudam, o trabalho incessante dos memorialistas, através de seu discurso, é inserir os novos elementos na trama urbana, como aspectos que não contrastam, mas que aparecem como realização do previsto. Nesse caso, pode-se dizer que eles pretendem construir ancorados seguros e pontos de apoio nos quais a memória possa fundamentar-se. Para além disso, a memória é tomada como instrumento que permite restabelecer a identidade paulistana nesse momento em que o espaço urbano é, para os memorialistas, cotidianamente permeado pela novidade e, por isso, fluido e efêmero.

Apesar de pretenderem abarcar o novo que passa a colorir a paisagem urbana, os memorialistas não rompem com a tradição e com a idéia de uma história linear. A multiplicidade se põe, mas há apenas uma forma de registrá-la e percebê-la: o progresso. Assim, a diversificação do espetáculo urbano é exaustivamente descrita nos seus pormenores a fim de que se faça familiar aos cidadãos. Esse novo quadro é, na verdade, visto como continuidade e evolução do velho espaço urbano, então travestido. Nesse sentido, a experiência moderna não é definida como ruptura com o passado, mas como continuidade, como ponto de culminância de algo preestabelecido outrora. Por isso, o progresso

como promessa cumprida e potencial desabrochado é diluído em diferentes fatores, ou seja, no elogio aos novos lugares da cidade, na reformulação dos antigos, na glorificação da raça paulista e na chegada da técnica.

O novo delineado pelos memorialistas espanta, choca, deslumbra, mas, através da memória por eles composta, é fixado no cotidiano da cidade e das pessoas, porque concretização de um progresso que já estava posto desde a fundação de São Paulo, como algo imanente à terra e ao povo paulista. Nesse caso, a memória paulista constituída pelos memorialistas se vê mergulhada em uma tradição coletiva que, desdobrando-se desde os tempos em que São Paulo era, ainda, uma pequena vila chamada Piratininga, é sempre reinvestida de significados inéditos. Estabelecendo uma linha de continuidade do passado ao presente, através de uma apologia do progresso, os relatos paulistanos, portanto, não apenas repõem essa tradição comum como, ao tentarem demarcar o novo perfil da Paulicéia no limiar do século XX, pretendem inserir suas memórias na tradição coletiva e, ao mesmo tempo, incluir São Paulo na modernidade.

FONTES

Memorialistas

Andrade, Oswald. **Um Homem sem Profissão. Sob as Ordens de Mamãe**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971

Americano, Jorge. **São Paulo naquele tempo (1895 - 1915)**, São Paulo, Editora Saraiva, 1957

- **São Paulo nesse tempo (1915 - 1935)**, São Paulo, Editora Melhoramentos, 1962

Bruno, Ernani da Silva. **Almanaque de Memória: reminiscências, depoimentos e reflexões**, São Paulo, Hucitec, 1986

- **Histórias e Tradições da cidade de São Paulo**, São Paulo, José Olympio Ed., 1954; a primeira edição é de 1953

- **Lembranças de São Paulo - plantas do centro e arredores da cidade de São Paulo**, São Paulo, ed. Globo, 1959

- **Memória da Cidade de São Paulo - Depoimento de Moradores e Visitantes / 1553 - 1958**, PMSP, SMC, DPH, 1981

Ferreira, Miguel Angelo Barros. **Meio Século de São Paulo**, São Paulo, Ed. Melhoramento, 1954

Freitas, Afonso Antonio de. **Trdições e Reminiscências Paulistanas**, São Paulo, Governo do Estado, 1978; a primeira edição é de 1921

Marques, Cícero. **Tempos Passados**, Moema ed. limit., 1942

- **De Pastora à Rainha. Memórias**, São Paulo, Ed. da Radio Panamericana S/A, 1944

Marques, Gabriel. **Ruas e Tradições de São Paulo: uma história em cada rua**, São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1966

Martins, Antonio Egydio. **São Paulo Antigo (1554 - 1910)**, São Paulo, Typografia do Diário Oficial, 1912

Moura, Paulo Cursino de. **São Paulo de Outrora**, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1980; a primeira edição é de 1932

Menezes, Raimundo. **São Paulo de Nossos Avós**, São Paulo, Ed. Saraiva, 1969

Milano, Miguel. **Os Fantasmata de São Paulo Antiga (Estudo Histórico - Literário da cidade de São Paulo)**, São Paulo, Ed. Saraiva, 1949

Ortiz, Lacerda. **O que é São Paulo**, São Paulo, 1932

Pereira Baptista. **Baptista Pereira e São Paulo**, São Paulo, editado sob o patrocínio do Banco Mercantil de São Paulo, 1981; exemplar contém textos escritos em várias épocas, entre a década de 20 e 50

Penteado, Jacob. **Belenzinho, 1910 (retrato de uma época)**, São Paulo, Martins, 1962

Pinto, Adolfo Augusto. **A Transformação e o Embelezamento de São Paulo**, São Paulo, Typografia Cardoso, 1912

Pinto, Alfredo Moreira. **A cidade de São Paulo em 1900: Impressões de Viagem**, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900

Raffard, Henrique. **Alguns dias na Paulicéia**, São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1977

Schmidt, Afonso. **São Paulo de meus Amores. Lembrança**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1954; a primeira edição é de 1946

Vitor, Manoel. **São Paulo de Antigamente: Histórias Pitorescas de suas ruas**, São Paulo, Grafistyl, 1976

Álbuns e Publicações Comemorativas

A Capital Paulista comemorando o Centenário da Independência, São Paulo, Ed. Independência, 1920

Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - São Paulo Antigo, plantas da cidade (textos de Sérgio Millet)

Martin, Jules. **São Paulo Antigo e São Paulo Moderno**, São Paulo, eds Vanorden & Cia, 1905

Nasce uma Metrópole: A Evolução no período republicano, São Paulo, Martins, 1954 - contribuição da Cia Antarctica Paulista

Melhoramentos do centro da cidade de São Paulo, Prefeitura do Município, São Paulo, Rotschild, 1911

São Paulo e seus homens no Centenário, São Paulo, Typografia Piratininga, 1922

São Paulo e sua evolução: conferência no centro paulista em 1926, Rio de Janeiro, Typografia Gazeta da Bolsa, 1927 (uma das confrências é de menotti del Picchia)

BIBLIOGRAFIA

Adorno, Sérgio. **Os Aprendizes do Poder**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988

Andrade, Carlos Drummond de. **Corpo**, Rio de Janeiro, Record, 1986

Araújo, Vicente de Paulo. **Salões, Circos e Cinemas de São Paulo**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1981

Benjamin, Walter. **Obras Escolhidas I - Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987

- **Obras Escolhidas II - Rua de Mão nica**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987

- Textos Escolhidos in **Os Pensadores**, São Paulo, Abril Cultural, 1975, v. 48

- **Walter Benjamin**, São Paulo, Ed. Ática, 1985

- **Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire. Um Lírico no Auge do Capitalismo**, São Paulo, ED. Brasileiense, 1989

Bergson, Henri. **Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**, São Paulo, Martins Fontes, 1990

Bolle, Willi. "Fisionomista da Metrópole Moderna", in **Occulum - Revista de Arquitetura**, 1985, n. 1

- **Tableaux Berlinoises (Walter Benjamin e a cultura da República de Weimar**, Tese de Livre Docência apresentada ao Departamento de Letras Moderna da FFLCH da USP, 1984

Bresciani, Maria Stella. "Um Poeta no Mercado" in **Trilhas. Revista do Instituto de Artes da UNICAMP**, Campinas, 1989, n. 1

- **Liberalismo: Ideologia e Controle Social (um estudo sobre São Paulo de 1850 a 1919)**, Tese de Doutorado, apresentada ao Departamento de História da FFLCH da USP, 1976

- "Século XIX: A elaboração de um mito literário" in **Revista de História: Questões e Debates**, Curitiba, APAH, 1986, n. 13

Cândido, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**, São Paulo, Ed. Nacional, 1975

A Cidade da Light: 1899 - 1930, São Paulo, DPH / Eletropaulo, 1991

Carone, Edgard. "Trilhos na Cidade" in **Memória**, São Paulo, DPH - Eletropaulo, 1991, n. 12

Chamie, Emilie. **São Paulo. Teatro Municipal: 70 anos**, SMC / PMSP, 198

Chartier, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**, Lisboa, Difel, 1990

Collingwood, R. G.. **A Idéia de História**, Lisboa, Ed. Presença, 1989

Comte, Augusto. "Curso de Filosofia Positiva" in **Os Pensadores**, São Paulo, Abril Cultural, 1973

Corbin, Alain. "O Segredo do Indivíduo" in **História da Vida Privada IV**, São Paulo, Cia das Letras, 1991

Dean, Warren. **A industrialização em São Paulo (1880 - 1945)**, São Paulo, Difel, 1971

Decca, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920/1934)**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

Deleuze, Gilles. **Proust e os Signos**, Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 1987

Dias, Maria Odila. **Cotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**, Ed. Brasiliense, 1984

Foucault, Michel. **A Arqueologia do Saber**, São Paulo, Lisboa, Vozes, 1972

- **As Palavras e as Coisas - uma arqueologia das Ciências Humanas**, São Paulo, Martins Fontes, 1987

- **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro, Graal, 1984

Fonseca, Ana Maria Medeiro da. **Das Raças à Família" um debate sobre a Construção da Nação**, Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de História do IFCH da UNICAMP, 1992

Fonseca, Guido. **História da Prostituição em São Paulo**, São Paulo, Ed. Resenha Universitária, 1982

Franco, Maria Silvia Carvalho. "As idéias estão no lugar" in **Cadernos de Debates**, São Paulo, Brasiliense, 1986

Gagnebin, Jeanne Marie. "Porque o mundo todo no detalhes do cotidiano?" in **Revista da USP - Dossiê Walter Benjamin**, São Paulo, 1992, n. 15

- **Walter Benjamin: os cacos da História**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982

Gardiner, Patrick. **Teorias da História**, Lisboa, Fundação Caloute Gulbenkian, 1984

Guerra Neto, Abílio da Silva. **O Homem Primitivo: origem e conformação no iniverso cultural brasileiro (séculos XIX e XX)**, Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de História da UNICAMP, 1990

Halbwachs, Maurice. **A Memória Coletiva**, São Paulo, Ed. Vértice, 1990

Hardman, Francisco Foot. **Nem Pátria, nem Patrão! (vida operária e cultura anarquista no Brasil)**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983

- **Trem Fantasma: a modernidade na selva**, São Paulo, Cia das Letras, 1988

Kossoy, Boris. **São Paulo Em 1900: imagens de Guilherme Gaensly**, São Paulo, Ed. Kosmos, 1988

Le Goff, Jacques. **Enciclopedia Einaudi - Memória. História**, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984

Leite, Aureliano. **Subsídios para a história da civilização paulista**, São Paulo, Saraiva, 1954

Lemos, Carlos Alberto Cerqueira. **Alvenaria Burguesa**, São Paulo, Nobel, 1981

Love, Joseph. **A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira 1889 - 1937**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982

Montóia, Ana Edith. **Cidade e Política: São Paulo no século XIX**, Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de História do IFCH da UNICAMP, 1990

Morse, Richard. **Formação Histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole)**, São Paulo, Difel, 1970

Moraes, Eliane Robert. "Memórias de uma Cafetina" in **Memória**, São Paulo, DPH - Eletropaulo, 1992, n. 15

Needell, Jeffrey. **Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**, São Paulo, Cia das Letras, 1993

Nora, Pierre. "Entre Mémoire e Histoire: la problématique de lieux" in **Les Lieux de Mémoire I: La République**, Paris, Gallimard, 1984

Nunes, Benedito. "Narrativa Histórica e Narrativa Ficcional" in **Narrativa: ficção e história**, Rio de Janeiro, Imago, 1988

Pachkes, Maria Luisa N. de Almeida. "Bondes, Terrenos e Especulação" in **Revista História e Energia**, São Paulo, DPH - Eletropaulo, 1986, n. 1

Pamplona, Rubens. **A cidade de São Paulo - planos e realizações, 1870 - 1929**, São Paulo, COGEP, 1984

Petrone, Pasquale. "A cidade de São Paulo no século XX", **Revista de História**, São Paulo, 1954

Pontes, José Alfredo. "Centro Financeiro" in **Memória**, São Paulo, DPH - Eletropaulo, 1989, n. 4

Poulet, Georges. **Espaço Proustiano**, São Paulo, Imago, 1992

Proust, Marcel. **O Tempo Redescoberto**, Rio de Janeiro, Globo, 1988

Rago, Margareth. **Do Cabaré ao Lar - A Utopia da Cidade Disciplinar 1890 - 1930**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983

- **Os Prazeres da Noite.: prostituição e códigos de sexualidade em São Paulo (1890 - 1930)**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991

- "As Marcas da Pantera: Foucault para Historiadores" in **Resgate; revista de cultura do Centro de Memória**, UNICAMP, Campinas, 1993

Ribeiro, Maria Alice Rosa. **História sem Fim: Inventário da Saúde Pública - 1880 - 1930**, São Paulo, Ed. da UNESP, 1993

Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, DPH, 1991, n. 1991

- **- Memória e Ação Cultural**, São Paulo, 1991, n. 200

Ribeiro, Renato Janine. "História e Revolução - A Revolução Francesa e uma)nova idéia de história" in **Revista da USP**, marco/abril/maio 1989

Rolnik, Raquel. **Cada um no seu Lugar - São Paulo no início da industrialização: Geografia do Poder**, Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Usp, 1985

Rouanet, Sérgio Paulo. "As Passagens de Paris" in **As Razões do Pluminismo**, São Paulo, Cia das Letras, 1987

Sant'Anna, Bebvenuto Silvério. **Metrópole: história da cidade de São Paulo**, São Paulo, DPH, PMSP, 1950-53

São Paulo (cidade) Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **Paulicéias Perdidas**, DPH, 1991

- **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**, DDH, 1992

- **Evolução Urbana da cidade de São Paulo. Estruturação de uma cidade industrial: 1872 - 1945**, São Paulo, Eletropaulo/ DPH / SMCSP, 1989

Schwarz, Roberto. "As idéias fora do lugar" in **Ao Vencedor as Batatas**, São Paulo, Duas Cidades, 1977

Sevcenko, Nicolau. "Perfis Terríveis em Edgar Allan Poe" in **Revista Brasileira de História**, São Paulo, 1984, n. 8/9

- **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**, São Paulo, Cia das Letras, 1992

Simões, Eurípedes de Paula. "A Segunda Fundação de São Paulo: de pequena cidade à grande metrópole de hoje" in **Revista de História**, São Paulo, 1954, n. 17

Souza, Edgar de. **História da Light: Primeiros 50 anos**, São Paulo, Eletropaulo, 1982

Sussekind, Flora. **Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernidade no Brasil**, São Paulo, Cia das Letras, 1987

Tácito, Hilário. **Madame Pommery**, Campinas, Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992

Tempo e História, org. Adauto Novaes, São Paulo, Cia das Letras, 1992

Toledo, Benedito Lima de. **São Paulo: Três cidade em um século**, São Paulo, Duas Cidades, 1981

- **São Paulo. Registros 1899 - 1940**, São Paulo, Eletropaulo, 1982

- **Álbum Iconográfico da Avenida Paulista**, São Paulo, Ex Libris Ltda, 1987.

Vaz, Luiz. "A Ponte do Bebedouro das Assombrações" in **Memória**, São Paulo, DPH - Eletropaulo, 199, n. 16

Ventura, Roberto. **Escritores e Mestiços em um Oás Tropical**, Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Línguas Orientais da FFLCH da USP, 1987

Veyne, Paul. **Como se Escreve a História**, Lisboa, Edições 70, 1983

- **Foucault Revoluciona a História**, Brasília, Ed. UNB, 1982

- **Inventário das Diferenças**, Lisboa, Gradiva, 1989

- **História: Novos Problemas**, Rio de Janeiro,
Francisco Alves, 1976

ARQUIVOS PESQUISADOS

- * Biblioteca Municipal Mário de Andrade - SP
- * Biblioteca "Afonso Escagnolle Taunay" do IHGSP - SP
- * Biblioteca da Divisão Centro de Documentação Histórica da
Energia e Industrialização de São Paulo - ELETROPAULO
- * Arquivo Histórico Municipal - SP
- * Arquivo do Estado de São Paulo
- * Biblioteca da Faculdade de Direito da Usp - SP
- * Biblioteca do IFCH - UNICAMP